



BLAKE PIERCE

RAZÃO

PARA

SALVAR

UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK – LIVRO 5



RAZÃO PARA SALVAR

(UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK – LIVRO 5)

BLAKE PIERCE

Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com doze livros (com outros a caminho). Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por oito livros (com outros a caminho); da série AVERY BLACK, composta por seis livros (com outros a caminho), da série KERI LOCKE, composta por cinco livros (com outros a caminho); da série de enigmas PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE, composta de dois livros (com outros a caminho); e da série de enigmas KATE WISE, composta por dois livros (com outros a caminho).

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

Copyright © 2017 por Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido na Lei de Direitos Autorais dos Estados Unidos (US. Copyright Act of 1976), nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de nenhuma forma e por motivo algum, ou colocada em um sistema de dados ou sistema de recuperação sem permissão prévia do autor. Este e-book está licenciado apenas para seu aproveitamento pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou dado a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este e-book com outra pessoa, por favor compre uma cópia adicional para cada beneficiário. Se você está lendo este e-book e não o comprou, ou ele não foi comprado apenas para uso pessoal, então por favor devolva-o e compre seu próprio exemplar. Obrigado por respeitar o trabalho árduo do autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e acontecimentos são obras da imaginação do autor ou serão usadas apenas na ficção. Qualquer semelhança com pessoas de verdade, em vida ou falecidas, é totalmente coincidência. Imagem de capa: Copyright Adam Machovsky, usada sob licença de istock.com.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE JESSIE HUNT

A ESPOSA PERFEITA (Livro #1)

O PRÉDIO PERFEITO (Livro #2)

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE

A PRÓXIMA PORTA (Livro #1)

A MENTIRA MORA AO LADO (Livro #2)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro #1)

SE ELA VISSE (Livro #2)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)

À ESPERA (Livro #2)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

PERSEGUIDA (Livro #5)

A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)

COBIÇADAS (Livro #7)

ESQUECIDAS (Livro #8)

ABATIDOS (Livro #9)

PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)

DESPEDAÇADAS (Livro #12)

SEM SAÍDA (Livro #13)

SÉRIE UM ENIGMA DE MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro #1)

ANTES QUE ELE VEJA (Livro #2)

ANTES QUE ELE COBICE (Livro #3)

ANTES QUE ELE LEVE (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK

RAZÃO PARA MATAR (Livro #1)

RAZÃO PARA CORRER (Livro #2)

RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro #3)

RAZÃO PARA TEMER (Livro #4)

RAZÃO PARA SALVAR (Livro #5)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KERI LOCKE

RASTRO DE MORTE (Livro #1)

RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro #2)

UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro #3)

UM RASTRO DE CRIMINALIDADE (Livro #4)

UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro #5)

ÍNDICE

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

[CAPÍTULO TRINTA](#)

[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)

[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)

[CAPÍTULO TRINTA E CINCO](#)

PRÓLOGO

Kirsten se preparou para enfrentar o frio de Boston, ajustou seu cachecol em volta do pescoço, e saiu para sua caminhada de quatro quadras na escuridão da noite. Ela passou por todos os bares fechados, percebeu que era muito tarde para estar caminhando, e sentiu um medo repentino. Olhou para trás, para a porta do complexo de apartamentos do qual havia acabado de sair, e pensou em mudar de ideia. Talvez fosse melhor ter ficado na casa da amiga.

Amy insistira para que ela ficasse—dizendo que já estava tarde e terrivelmente frio lá fora. Mesmo que aquilo tudo fosse verdade, Amy havia dito isso com o rosto colado no pescoço de um cara que ela conhecera no bar. E enquanto seu rosto estava ali, a mão do cara estava em outro lugar. Honestamente, Kirsten não queria dormir no sofá de Amy enquanto escutava sua melhor amiga e um cara aleatório (porém bonito) transando bêbados a noite inteira.

Na verdade, ela também não gostaria de estar ali pela manhã, ajudando Amy a inventar uma desculpa inteligente para mandar o cara embora.

Além disso, eram apenas quatro quadras. E comparada ao frio extremo que fizera em Boston cerca de um mês antes, aquela noite pareceria um passeio rápido em uma brisa de primavera.

Eram quase três da manhã. Ela e Amy haviam saído para ficarem loucas, beber a noite inteira e fazer tudo que o cérebro bêbado sugerisse. Isso porque, no último ano da faculdade, os sonhos delas haviam se tornado realidade. De alguma maneira, contra todas as probabilidades, as duas haviam sido selecionadas na aula de fotojornalismo—duas candidatas entre oito—para participarem de um trabalho na Espanha no verão. Elas iriam trabalhar para uma revista de natureza que atendia especificamente os mercados educacionais... e ganhariam mais dinheiro com aquele trabalho do que a mãe de Kirsten havia ganhado no último ano inteiro.

E isso vai calar a boca dela, Kirsten pensara. Ela amava muito sua mãe, mas estava *realmente* cansada de escutar suas reclamações sobre como escolher uma carreira em fotografia era um sonho distante—uma perda de tempo.

Ela chegou ao fim da primeira quadra, olhou para a faixa de pedestres, não viu ninguém e seguiu. O frio estava começando a incomodá-la. Ela

podia senti-lo no nariz, começando a apertar.

Futilmente, imaginou se Amy e seu parceiro aleatório já estariam sem roupas. Imaginou se o cara era mesmo bom ou se tinha ficado bonito por conta da quantidade de álcool que elas haviam bebido.

Bom, não que *ela* tivesse aproveitado muito a noite. Comera um pequeno jantar no mesmo bar que elas haviam escolhido para aquele dia. Ela não tinha certeza se foram os nachos que dividiram ou algo na pizza, mas seu estômago não estivera legal. Depois de quatro cervejas, ela sabia que a noite havia acabado—e que ela não faria nada além de acompanhar Amy quando a amiga já estava aniquilada, *shot* por *shot*.

Ela se deu conta de que saberia de todos os detalhes no dia seguinte. E pensando em todos esses detalhes e em como aproveitariam o verão na Espanha, Kirsten, por um momento, nem percebeu o barulho que surgiu atrás dela. Passos.

Sentiu algo atrás do pescoço, mas ousou não olhar para trás.

Apertou o passo. Duas quadras para trás, duas por caminhar. E agora o frio estava realmente incomodando.

De repente, os passos estavam logo atrás dela, e um homem apareceu tropeçando a seu lado. Ele parecia bêbado e quando Kirsten pulou para trás, de susto, ele riu para si mesmo, claramente se divertindo.

- Desculpe – ele disse. – Não quis te assustar. Eu estava só... bem, você pode me ajudar? Bebendo com alguns amigos e... deveria encontrar eles depois do bar, mas não lembro onde. Sou de Nova York... nunca estive em Boston. Não faço ideia de onde estou.

Kirsten não quis olhar para o homem quando balançou sua cabeça. Era mais do que estar desconfortável ao lado de um bêbado desconhecido na madrugada. Era saber que estava *muito* perto de estar em casa e só queria que a noite acabasse.

- Não, desculpe – ela disse.

- Sério? – O homem respondeu.

De repente, ele não parecia tão bêbado. Inclusive, parecia se divertir com o fato de que alguém estivesse tão defensiva por algo tão inocente quanto ajudar um cara perdido em uma cidade com a qual ele não era familiar. Ela achou aquilo estranho e começou a se virar, pretendendo apressar o passo.

Porém, um pequeno movimento chamou sua atenção e a fez hesitar.

O homem estava segurando seu estômago, como se fosse vomitar. Ele estava assim o tempo todo, mas Kirsten estava quase certa de que não era exatamente aquilo. Ele colocou a mão na jaqueta, e foi então que ela viu que ele estava de repente segurando algo.

Uma arma, sua mente entrou em pânico. E mesmo que parecesse uma arma, ela não tinha certeza. Seus músculos a mandaram correr. Ela olhou para o rosto dele pela primeira vez e viu algo errado. Ele estava *mesmo* fingindo. Não estava nenhum pouco bêbado. Parecia sóbrio nos olhos—sóbrio e, agora que ela estava começando a entrar em pânico, um pouco louco também.

A coisa que parecia um tipo de arma apareceu rapidamente. Ela abriu a boca para gritar por ajuda e se virou para correr.

Mas depois, sentiu algo a atingir por trás. Algo que a acertou ao lado da cabeça, embaixo da orelha—preciso e imediato. Ela balançou e depois caiu. Sentiu sangue na boca e depois viu duas mãos a alcançarem. Foi, mais uma vez, uma sensação precisa em sua cabeça. Pequena, porém ao mesmo tempo estrondosa.

A dor era imensa, mas Kirsten conseguiu sentir tudo antes da noite se tornar apenas algo vago em volta dela. A rua escureceu, assim como o rosto do homem, e depois tudo ficou escuro.

Seu último pensamento foi que sua vida acabou sendo muito curta—e que a viagem que mudaria tudo acabaria nunca mais acontecendo.

CAPÍTULO UM

Avery sentiu como se estivesse em alguma estranha câmara de isolamento pelas últimas duas semanas. E ela estava nessa situação por sua própria vontade porque, na verdade, não havia outro lugar que a interessasse—apenas as paredes lisas do quarto de hospital onde Ramirez ainda repousava entre a vida e a morte.

De hora em hora, seu telefone tocava com uma chamada ou uma mensagem—mas ela quase não o olhava. Sua solidão era interrompida apenas por enfermeiras, médicos, e Rose. Avery sabia que provavelmente estava assustando sua filha. Na verdade, ela estava começando a assustar a si mesma, também. Ela já estivera em depressão antes—durante seus anos de adolescência e depois de seu divórcio—mas aquilo era algo novo. Algo que ia além da depressão, fazendo com que ela imaginasse se a vida que estava vivendo ainda era ao menos sua.

Duas semanas antes—treze dias, exatamente—foi quando tudo acontecera. Quando Ramirez havia piorado depois de uma cirurgia para se recuperar de um ferimento a bala que o atingira a menos de um centímetro do coração. E a situação não havia melhorado. Os médicos diziam que seu coração estava prestes a parar. Tudo poderia acontecer. Ele poderia se recuperar completamente a qualquer momento, ou simplesmente morrer com a mesma facilidade. Não havia como saber. Ele perdera muito sangue com o tiro—tendo tecnicamente morrido por quarenta e dois segundos com a parada do coração—e as notícias não eram as melhores.

Tudo isso havia se juntado a outra notícia terrível que ela recebera apenas vinte minutos depois de falar com o médico.

A notícia de que Howard Randall havia, de alguma maneira, escapado da prisão. E agora, duas semanas depois, ele ainda não fora encontrado. E se ela precisasse de uma lembrança desse fato terrível (e ela não precisava, mesmo), poderia ver na televisão, em qualquer canal. Estava sentada como um zumbi, no quarto de Ramirez, vendo o noticiário. Mesmo que a fuga de Howard não fosse a notícia principal, ela estava lá, nas letras pequenas na parte de baixo da tela.

Howard Randall ainda procurado. Autoridades não têm respostas.

Toda a cidade de Boston estava nervosa. Era como estar à beira de uma guerra com outro país qualquer, apenas esperando para que as bombas

começassem a explodir. Finley tentara ligar muitas vezes e O'Malley aparecera no quarto em duas ocasiões. Até Connelly parecia preocupado com o bem-estar dela, expressando esse sentimento em uma simples mensagem que ainda assim parecera uma preocupação silenciosa.

Tire quanto tempo precisar. Ligue se necessitar de algo.

Eles estavam respeitando seu sofrimento. Ela sabia disso e se sentia estúpida, vendo que Ramirez ainda não havia morrido. Mas foi esse tempo também que a permitiu processar o trauma que havia ocorrido com ela no último caso. Avery ainda se arrepiava pensando nisso, lembrando o sentimento de quase ter sido congelada até a morte em duas ocasiões— dentro de um freezer industrial e caindo em águas frígidas.

Mas, além de tudo isso, havia o fato de que Howard Randall estava à solta. Ele escapara de alguma maneira, tornando sua imagem ainda mais enigmática. Ela havia visto no noticiário alguns caras com reputação terrível venerando Howard nas redes sociais por suas habilidades de ter escapado da prisão sem deixar rastros.

Avery pensou sobre tudo aquilo enquanto seguia sentada em uma poltrona reclinável que uma enfermeira havia trazido a ela na última semana, quando percebera que ela não iria sair dali tão cedo. Seus pensamentos foram interrompidos por um barulho em seu telefone. Era o único som que ela atendia nos últimos dias, um sinal de que Rose estava tentando contato.

Avery pegou seu telefone e viu que a filha havia deixado uma mensagem. **Apenas para saber como você está,** dizia o texto. **Ainda plantada no hospital? Pare com isso. Saia e venha tomar algo com sua filha.**

Sem pensar muito, Avery respondeu. **Você é menor de idade.**

A resposta chegou em seguida, dizendo: **Ah, mãe, que bonito. Tem muita coisa que você não sabe sobre mim. E você poderia saber alguns desses segredos se saísse comigo. Só uma noite. Ele vai ficar bem sem você aí...**

Avery colocou o telefone de lado. Ela sabia que Rose estava certa, mesmo que não conseguisse aceitar a possibilidade de Ramirez finalmente acordar enquanto ela estivesse fora. E ninguém estaria ali para dar-lhe as boas-vindas, para pegar em sua mão e contar a ele o que acontecera.

Ela saiu da poltrona e caminhou até ele. Já havia se acostumado com o fato dele parecer fraco, atrelado à máquina e com um tubo pela garganta. Quando lembrava do porquê ele estava ali—ele havia levado um tiro que vinha na direção dela—ele parecia mais forte do que nunca. Avery colocou as mãos no cabelo dele e beijou sua testa.

Depois, segurou a mão dele e sentou na beirada da cama. Ela nunca contaria a ninguém, mas havia conversado com ele muitas vezes, esperando que ele pudesse escuta-la. Ela falou com Ramirez novamente naquele momento, sentindo-se um pouco tola, como sempre, mas seguindo o hábito naturalmente.

- Então, é o seguinte – ela disse a ele. – Eu não saio do hospital há três dias. Preciso de um banho. Preciso comer algo decente e de uma xícara de café. Vou sair um pouco, ok?

Avery apertou a mão de Ramirez, com seu coração despedaçado ao perceber que estava esperando que ele apertasse de volta. Ela o olhou, suspirou e depois pegou o telefone. Antes de sair do quarto, olhou para a TV. Pegou o controle remoto para desliga-la, mas acabou vendo o rosto que estava tentando tanto tirar de sua mente pelas últimas duas semanas.

Howard Randall a olhava, com seu retrato sendo mostrado em metade da tela, enquanto o âncora do jornal, com uma expressão séria, lia algo no *teleprompter*. Avery desligou a TV com desgosto e saiu do quarto rapidamente, como se aquela imagem de Howard fosse um fantasma atrás dela.

Saber que Ramirez deveria estar morando com ela (e que, de acordo com o anel que fora descoberto no bolso dele depois de ser atingido, ele a pediria em casamento) tornou a volta ao apartamento uma experiência melancólica. Quando entrou no local, olhou em volta distraidamente. O lugar parecia morto. Como se ninguém tivesse morado ali por eras, um lugar esperando para ser reformado, repintado e alugado para outra pessoa.

Ela pensou em ligar para Rose. Elas poderiam sair para comer uma pizza. Mas sabia que Rose iria querer falar sobre o que estava acontecendo e Avery não estava pronta para isso ainda. Ela geralmente processava tudo rapidamente, mas agora era diferente. Ramirez correndo tanto risco e Howard Randall à solta... era demais.

Além disso... mesmo que aquele lugar já não parecesse sua casa, ela precisava deitar naquele sofá. E sua cama chamava seu nome.

Claro que aqui ainda é sua casa, Avery pensou. Só porque Ramirez pode acabar não vindo para cá com você, não quer dizer que não é sua casa. Não seja tão dramática.

E ali estava, claro como o dia. Ela havia forçado seus pensamentos contra a realidade, mas agora que tudo havia tomado forma em pensamento, parecia um pouco mais assombroso.

Com os ombros caídos, Avery seguiu para o banheiro. Tirou a roupa, entrou no banho, fechou a cortina e ligou a água quente. Ficou por lá vários minutos antes de se preocupar com sabonete ou xampu, deixando a água relaxar seus músculos. Quando acabou de se limpar, desligou o chuveiro, fechou a banheira e a encheu de água quente. Ela se abaixou quando a banheira encheu, deixando-se relaxar.

Quando a água chegou à borda, quase transbordando, desligou-a com os dedos. Fechou os olhos e mergulhou.

O único som no apartamento era o da água em excesso e sua própria respiração.

Logo depois, um terceiro som: o choro de Avery.

Ela havia se segurado na maior parte do tempo, não querendo mostrar aquele seu lado no hospital e sem querer que Ramirez a escutasse chorando, como se ele pudesse ouvir qualquer coisa. Havia ido até o banheiro do quarto dele algumas vezes e chorado, porque não aceitava ter deixado tudo aquilo acontecer.

Avery chorou na banheira e, com o pensamento de que Ramirez poderia não sobreviver vindo a sua mente, o choro foi um pouco mais forte do que ela imaginara.

Ela continuou chorando e não saiu da banheira até que a água ficasse morna e suas mãos e pés enrugassem. Quando finalmente saiu, cheirando como um humano normal novamente e no meio de tanto vapor, se sentiu *muito* melhor.

Depois de se vestir, Avery tirou um tempo para se maquiar um pouco e fazer seu cabelo ficar pelo menos apresentável. Depois, foi até a cozinha, serviu a si mesma uma tigela de cereal como almoço tardio, e checkou o telefone, que havia deixado no balcão da cozinha.

Aparentemente, seu nome estivera muito popular enquanto ela estava no banheiro.

Havia três mensagens de voz e oito mensagens de texto. Todas elas de números conhecidos. Dois eram de linhas fixas do trabalho. Os outros eram de Finley e O'Malley. Uma das mensagens era de Connelly. Era a última recebida—sete minutos antes—e não era nada vaga. O texto dizia: **Avery, é melhor você atender a porra do telefone se você gosta do seu trabalho!**

Ela sabia que aquilo era um blefe, mas o fato de Connelly ter enviado uma mensagem significava algo. Connelly quase nunca enviava mensagens. Algo sério havia acontecido.

Ela não se preocupou em olhar as mensagens de voz. Ao invés disso, ligou para O'Malley. Avery não queria falar com Finley porque ele perdia tempo falando de coisas sem sentido. E ela não gostava nada de ter que falar com Connelly quando ele estava com aquele humor.

O'Malley atendeu na segunda chamada.

- Avery, meu Deus... Onde você estava?

- Na banheira.

- Você está no seu apartamento?

- Sim. Aconteceu algo? Eu vi a mensagem do Connelly. Ele *mandou mensagem*. O que está havendo?

- Olha... Podemos ter algo muito complicado acontecendo e se você puder, gostaríamos que você viesse. Na verdade, mesmo que você não possa, Connelly quer você aqui.

- Por que? – Avery perguntou, intrigada. – O que aconteceu?

- Apenas... Apenas venha aqui, pode ser?

Ela suspirou, percebendo que a ideia de voltar ao trabalho na verdade a atraía. Talvez aquilo a daria alguma energia. Talvez aquilo a tiraria do humor lamentável em que ela estivera nas duas últimas semanas.

- O que é tão importante, porra? – Ela perguntou.

- Temos um assassinato – O'Malley disse. – E estamos certos de que foi Howard Randall.

CAPÍTULO DOIS

O medo de Avery aumentou quando ela chegou ao Departamento. Havia vans da imprensa por todos os lados, com repórteres brigando por posição. Havia muita comoção no estacionamento e no gramado onde havia guardas uniformizados nas portas frontais, mantendo a imprensa afastada. Avery dirigiu pela outra entrada, longe da rua, e viu que havia vans estacionadas por lá também.

Entre os poucos oficiais que estavam nos fundos do prédio mantendo a paz, ela viu Finley. Quando ele viu seu carro, se afastou da multidão e acenou, dizendo-a para vir até ele. Aparentemente, Connelly havia o posicionado ali como guarda para conseguir fazer-la passar por toda aquela loucura e entrar.

Avery estacionou seu carro e caminhou o mais rápido que pode até a entrada dos fundos. Finley logo chegou a seu lado. Por conta de sua história como advogada e dos grandes casos que ela resolvera como detetive, ela sabia que tinha um rosto que seria facilmente reconhecido pela mídia local. Felizmente, graças a Finley, ninguém a viu antes que ela entrasse pela porta dos fundos.

- Que porra está acontecendo? Pegamos Randall? – Avery perguntou.

- Eu gostaria muito de te dizer o que aconteceu – Finley disse. – Mas Connelly me disse para não falar nada. Ele quer ser o primeiro a falar com você.

- Justo. Eu acho.

- Como você está, Avery? – Finley perguntou enquanto eles caminhavam rapidamente até a sala de conferências da sede do A1. – Digo, com tudo isso que está acontecendo com Ramirez.

Ela encolheu os ombros e respondeu:

- Estou bem. Lidando bem com tudo.

Finley entendeu a mensagem e esqueceu o assunto. Eles seguiram pelo resto do caminho até a sala de conferências em silêncio.

Ela esperava encontrar a sala de conferências tão cheia quanto o estacionamento. Imaginou que algo envolvendo Howard Randall levaria todos os agentes disponíveis a estarem por lá. No entanto, quando entrou com Finley, viu apenas Connelly e O'Malley sentados à mesa. Os dois homens já estavam na sala, com expressões paradoxais uma a outra. O olhar

de O'Malley era de sincera preocupação, enquanto a expressão de Connelly parecia dizer *Que porra eu tenho que fazer com você agora?*

Quando sentou-se, Avery quase se sentiu como uma criança que fora mandada à sala do diretor.

- Obrigado por vir tão rápido – Connelly disse. – Eu sei que você está passando por uma barra. E acredite... Eu só te chamei porque eu achei que você gostaria de estar envolvida no que está acontecendo.

- Howard realmente matou alguém? – Ela perguntou. – Como você sabe? Vocês o pegaram?

Os três homens compartilharam um olhar desconfortável em volta da mesa.

- Não, não exatamente. – Finley disse.

- Aconteceu ontem à noite – Connelly disse.

Avery suspirou. Ela na verdade já esperava escutar algo assim na imprensa ou em uma mensagem do A1. Ainda assim... o homem com quem ela conversara na prisão pedindo por conselhos não parecia capaz de um assassinato. Era estranho... Ela conhecia ele muito bem de seu passado como advogada e *sabia* que ele era capaz de matar. Ele havia feito isso várias vezes. Havia onze assassinatos ligados a ele na época de sua prisão, e especulações de que havia ainda outros que poderiam ser atribuídos a ele com mais evidências. Ainda assim, algo naquelas notícias a chocava, mesmo que tudo soasse completamente normal.

- Temos certeza que foi ele? – Ela perguntou.

Connelly ficou desconfortável no mesmo momento. Ele suspirou e levantou-se da cadeira, começando a caminhar.

- Não temos uma evidência forte. Mas é uma universitária e o assassinato foi macabro o suficiente para nos fazer pensar que foi Randall.

- Já temos um arquivo? – Ela perguntou.

- As coisas estão sendo compiladas e—

- Posso ver?

Novamente, Connelly e O'Malley olharam-se incertos.

- Não precisamos que você vá a fundo nisso – Connelly disse. – Chamamos você porque você conhece esse louco melhor do que ninguém. Isso não é um convite para entrar no caso. Você está lidando com muita coisa no momento.

- Eu agradeço a preocupação. Temos fotos da cena do crime que eu possa ver?

- Sim – O'Malley disse. – Mas são muito horripilantes.

Avery não disse nada. Ela estava começando a ficar nervosa com o fato de que eles haviam a chamado com tanta urgência e, agora, estavam a tratando quase como uma criança.

- Finley, você poderia ir até meu escritório e trazer o material que nós temos? – Connelly perguntou.

Finley levantou-se, obediente como sempre. Vendo ele ir, Avery percebeu que as duas semanas que ela passara em estado de certo luto pareciam bem mais do que treze dias. Ela amava seu trabalho e sentia muita falta daquele lugar. Apenas o fato de estar ali animava seu estado de espírito, mesmo servindo apenas como um tipo de recurso para O'Malley e Connelly.

- Como está Ramirez? – Connelly perguntou. – A última notícia que tive era de dois dias atrás e a situação *ainda* era a mesma.

- Continua igual – ela disse com um sorriso cansado. – Sem boas novas, sem notícias ruins.

Ela quase contou a eles sobre o anel que as enfermeiras haviam encontrado no bolso dele—o anel de noivado que Ramirez iria lhe oferecer. Talvez aquilo ajudasse-os a entender porque ela estava tão próxima do caso e tinha escolhido ficar ao lado dele o tempo todo.

Antes que a conversa prosseguisse, Finley voltou à sala com a pasta de arquivos que não continha muita coisa. Ele colocou em frente a ela, ganhando um aceno de aprovação de Connelly.

Avery abriu as fotos e as olhou. Havia sete no total, e O'Malley não havia exagerado. Elas eram bem alarmantes.

Havia sangue por todo lado. A garota fora levada para um beco e suas roupas arrancadas. Seu braço direito parecia ter sido quebrado. Seu cabelo era loiro, ainda que estivesse quase todo coberto por sangue. Avery procurou ferimentos a bala ou marcas de facada, mas não viu nada. O método do assassinato não se revelou até que ela chegasse à quinta foto, em close, que mostrava o rosto da garota.

- Pregos? – Ela perguntou.

- Sim – O'Malley disse. – E pelo que podemos dizer, foram colocados com tanta precisão e força que ele deve ter usado uma dessas pistolas de prego pneumáticas. Temos peritos trabalhando nisso, então por enquanto só podemos especular. Nós *achamos* que o primeiro golpe foi o que a atingiu

atrás da orelha esquerda. Deve ter sido de alguma distância porque não entrou totalmente. Acertou o crânio, mas é tudo o que sabemos até agora.

- E se não foi esse prego que a matou - Connelly disse, – com certeza foi o que entrou por debaixo da mandíbula. Entrou por debaixo da boca, atravessou a passagem nasal e chegou até o cérebro.

A violência envolvida parece mesmo coisa de Howard Randall, Avery pensou. Não tem como negar isso.

Ainda assim, havia outros elementos na foto que não fechavam com o que ela sabia sobre Howard Randall. Ela estudou as imagens, percebendo que mesmo com todos os casos que já tinha visto, essas fotos estavam entre as mais sangrentas e mais perturbadoras.

- Então, o que exatamente o que vocês precisam de mim?

- Como eu disse... Você conhece esse cara muito bem. Baseado no que você sabe, quero saber onde ele poderia estar. Acho que é seguro pensar que ele ficou aqui na cidade baseado nesse assassinato.

- Não é perigoso apenas *assumir* que isso foi feito por Howard Randall?

- Duas semanas depois dele escapar da prisão? – Connelly perguntou. – Não. Eu diria isso com todas as letras, *gritaria* Howard Randall. Você precisa voltar lá atrás e revisar as fotos das cenas dos crimes dele?

- Não – Avery disse um pouco maldosa. – Estou bem.

- Então o que você pode nos dizer? Estamos procurando ele há duas semanas e não conseguimos nem uma pista.

- Achei que você tinha dito que não me queria nesse caso.

- Preciso do seus conselhos e sua assistência – Connelly disse.

Algo naquela história quase a insultava, mas Avery não via razão para argumentar. Além disso, ela teria algo para pensar além do estado de Ramirez.

- Todas as vezes que falei com ele, ele nunca me deu uma resposta direta. Era sempre algum tipo de enigma. Ele fazia isso para me irritar— para me fazer *pensar* na resposta. Ele também fazia para se divertir no fim das contas. Eu acho, honestamente, que ele me via como um tipo de conhecida. Não amiga, na verdade. Mas alguém com quem ele poderia falar em um certo nível intelectual.

- E ele nunca se ressentiu por todo aquele drama quando você era advogada?

- Por que ele se iria se ressentir? – Ela perguntou. – Eu liberei ele... um homem livre. Lembre, ele basicamente se entregou depois. Ele matou

novamente para mostrar quão incompetente eu era.

- Mas essas visitas que você fez para ele na prisão... Ele aceitava?

- Sim. E honestamente, eu nunca entendi isso. Acho que era algo a ver com respeito. E por mais que soe estúpido, acho que tem uma parte dele que sempre se arrependia do último assassinato—de ter feito eu me sentir tão mal no processo.

- E ele alguma vez falou em escapar durante suas visitas? – O'Malley perguntou.

- Não. Parecia que ele estava confortável lá. Ninguém mexia com ele. Todo mundo tinha esse tipo estranho de respeito por ele. Medo, talvez. Mas ele era praticamente o rei daquele lugar.

- Então por que ele sairia? – Connelly perguntou.

Avery sabia onde ele queria chegar, o que ele estava tentando dizer. E o pior é que aquilo fazia sentido. *Howard só sairia se ele tivesse algo para fazer aqui fora. Algum trabalho não terminado. Ou talvez ele estava só entediado.*

- Ele é um homem esperto – Avery disse. – Assustadoramente esperto. Talvez ele queria ser desafiado novamente.

- Ou queria matar novamente – Connelly disse com desgosto, apontando para as fotos.

- Possivelmente – ela concordou. Depois olhou novamente para as imagens. – Quando ela foi encontrada?

- Três horas atrás.

- O corpo ainda está lá?

- Sim, acabamos de chegar de lá. Os legistas vão chegar em cerca de quinze minutos. Os peritos estão lá com o corpo até eles chegarem.

- Ligue e diga para eles esperarem. Não toquem o corpo. Quero ver a cena.

- Eu disse que você está fora dessa – Connelly disse.

- Você disse. Mas se você quer que eu te diga o que se passa na mente de Howard Randall—se ele *cometeu mesmo* esse crime—então só olhar para as imagens não vai ser suficiente. E mesmo correndo risco de parecer arrogante, você sabe que eu sou a melhor investigadora de cenas de crime que você tem.

Connelly a xingou rapidamente sem dizer uma palavra. Sem falar mais nada, ele virou-se e pegou seu celular. Discou um número e, segundos depois, alguém atendeu.

- É o Connelly – ele disse. – Olhe só. Não mexam o corpo já. Avery Black está a caminho.

CAPÍTULO TRÊS

Estranhamente, Connelly mandou Finley ir com Avery até a cena do crime. Finley não falou muito no caminho, e olhou pela janela pensativo na maioria do percurso. Ela sabia que Finley nunca havia se aprofundado em nenhum caso muito importante. Se aquele fosse o primeiro, ela teria pena dele.

Acho que eles estão se preparando para o pior—alguém precisa assumir a bronca caso Ramirez não resista. Finley é bom como qualquer outro. Talvez até melhor.

Quando chegaram à cena do crime, era claro que os peritos e investigadores já tinham terminado suas tarefas. Eles estavam matando tempo, a maioria deles atrás da fita que separava a cena, olhando através da entrada do beco. Um deles tinha um café na mão, fazendo Avery perceber que já era de manhã. Ela olhou o relógio e viu que eram 8:45.

Meu Deus, ela pensou. Eu perdi seriamente todo o conceito de tempo nos últimos dias. Poderia jurar que eram pelo menos nove da manhã quando cheguei no apartamento.

Aquele pensamento a fez sentir-se muito cansada naquele momento. Mas deixou o sentimento para trás quando ela e Finley se aproximaram dos investigadores. Avery automaticamente mostrou seu distintivo e Finley assentiu educadamente com a cabeça a seu lado.

- Você tem certeza de que está pronta para isso? – Finley perguntou.

Ela apenas assentiu e eles entraram no beco, passando por baixo da fita. Eles caminharam pela via estreita por vários metros e depois viraram à esquerda, quando o beco se tornava uma pequena área cheia de poeira, detritos e grafite. Havia algumas latas de lixo velhas na esquina, abandonadas. Não tão longe delas estava a mulher que Avery havia visto nas fotos do crime. As imagens não haviam a preparado totalmente para vê-la na vida real.

O sangue, na verdade, estava, de alguma maneira, muito pior agora. Sem o acabamento das fotos, parecia mudo e mortal. A natureza surpreendente do assassinato a trouxe rapidamente de volta à realidade, afastando seus pensamentos quase que completamente do quarto de hospital de Ramirez.

Ela chegou o mais perto que pode sem pisar no sangue e deixou sua mente trabalhar.

O sutiã e a calcinha não são nem um pouco provocantes, ela pensou. Não era uma garota que estava na rua procurando bons momentos. Se a calcinha diz isso, há grandes chances da roupa dela não ser nada reveladora também.

Ela circulou pelo corpo devagar, com sua mente pensando em pequenos detalhes mais do que nunca. Viu um ferimento por perfuração onde o prego havia entrado na parte de baixo da mandíbula. Mas depois viu muitos outros ferimentos, todos exatamente iguais—todos feitos com uma pistola de pregos. Um entre os olhos. Outro acima da orelha esquerda. Um em cada joelho, um na base do peito, um na mandíbula e um na parte de trás da cabeça. O fluxo de sangue e a breve descrição que Connelly fizera sugeriam que também havia ferimentos similares na parte de trás do corpo da garota, que agora estava pressionado contra a parede de tijolos como uma boneca.

Aquilo era brutal, excessivo e violento.

A cereja do bolo era o fato de que ela estava sem a mão esquerda. O braço, ainda sangrando, sugeria que a mão fora cortada menos de seis horas antes.

Ela chamou os pesquisadores por cima do ombro da garota.

- Algum sinal preliminar de estupro?

- Nada visível – um deles respondeu. – Não teremos certeza até tirarmos ela daqui.

Ela sentiu o tom do comentário, mas o ignorou. Circulou em volta da mulher, devagar. Finley a olhava à distância, parecendo querer estar em qualquer outro lugar. Ela estudou o corpo, a natureza dele. Aquilo fora feito por alguém que precisava provar algo. Isso era claro.

Por isso eles querem ir direto ao Howard, Avery pensou. Ele acabou de escapar, foi preso por seus crimes, e agora quer provar que ainda é perigoso—para si mesmo e para a polícia.

Mas aquilo não parecia certo. Howard era louco, mas quase bárbaro, primitivo. Aquilo estava abaixo dele.

Howard não vê problema em matar—e em fazer isso de um jeito que chame a atenção da mídia. Ele deixou parte dos corpos de suas vítimas espalhadas por Harvard, na verdade. Mas nada desse tipo. Isso aqui é além de obsceno. Os assassinatos de Howard eram violentos, mas havia algo quase limpo neles... evidências sugeriram que ele primeiro estrangulava

para depois cortar. Mas até os cortes nas partes do corpo eram feito com precisão.

Quando Avery finalmente se afastou, gravando tudo na mente, Finley se aproximou.

- O que você acha? – Ele perguntou.

- Tenho uma ideia – ela disse. – Mas Connelly com certeza não vai gostar nada.

- O que é?

- Howard Randall não tem nada a ver com isso.

- Besteira. E a mão? Quer apostar que está escondida em algum lugar do campus de Harvard?

Avery apenas fez um *hum*. Ele estava fazendo uma suposição justa, porém na qual ela ainda custava a acreditar.

Eles decidiram voltar para o carro, mas antes que chegassem a passar da fita que separava a cena do crime, ela viu um carro estacionando em uma parada ao lado da rua. Avery não reconheceu o carro, mas reconheceu o rosto. Era o prefeito.

O que esse cretino está fazendo aqui? Ela pensou. *E por que ele parece tão bravo?*

Ele partiu com raiva em direção aos investigadores, que tentavam se afastar. Quando todos sumiram, Avery passou por baixo da fita que separava a cena do crime para encontra-lo. Ela achou melhor para-lo antes que ele inventasse de meter o nariz na bagunça sangrenta atrás dela.

O rosto do prefeito Greenwald estava vermelho de raiva. Ela esperava que a boca dele fosse começar a espumar a qualquer momento.

- Avery Black – ele disse, - que porra você acha que está fazendo aqui?

- Bem, senhor – ela disse, sem estar muito certa do que responder.

Na verdade, ela não precisou responder. Outro carro apareceu do nada e parou na calçada, quase atrás do carro do prefeito. Aquele carro Avery reconheceu. O veículo nem tinha parado completamente quando Connelly saiu da porta do carona. O'Malley desligou o carro e também saiu, chegando ao lado de Connelly o mais rápido possível.

- Prefeito Greenwald – Connelly disse. – Não é o que você está pensando.

- O que você me disse hoje de manhã? – Greenwald disse. – Você me disse que todos os sinais apontavam para que esse crime fosse obra de Howard Randall. Você me assegurou que tomaria conta disso com cuidado

e que a cena do crime poderia oferecer pistas de onde esse filho da puta está escondido. Não foi?

- Sim, senhor. Eu falei – Connelly disse.

- E agora você está me dizendo que meter Avery Black nesse caso é *tomar conta* do assunto? A mesma detetive que a mídia *sabe* que se encontrava em privado com ele?

- Senhor, eu posso assegurar, ela não está no caso. Eu chamei ela apenas para uma consulta. Afinal ela conhece Howard Randall melhor do que qualquer um na polícia.

- Não me importa. Se a mídia souber disso... se eles *imaginarem* que a Detetive Black está cuidando do caso, vou ter tanta merda para juntar que vou usar *seu* salário para comprar as pás.

- Sim, eu entendo, senhor. Mas o—

- A cidade já está aterrorizada com Randall à solta – o prefeito continuou, realmente irritado. – Você sabe tão bem quanto eu que estamos recebendo pelo menos trinta ligações por dia de pessoas preocupadas achando que viram ele. Quando souberem desse assassinato—e vamos ser realistas, é só uma questão de tempo—todo mundo vai saber que foi ele. E se a porra da Avery Black estiver no caso, ou *perto do caso*—

- Isso não vai importar – Avery disse, tendo escutado o suficiente.

- O que você disse? – O prefeito Greenwald quase gritou.

- Eu disse que não vai importar. Howard Randall não cometeu esse crime.

- Avery... – O'Malley disse.

Nesse momento, Connelly e o Prefeito Greenwald a olharam como se tivesse surgido nela um terceiro braço.

- Você está falando sério? – Greenwald perguntou.

E antes que ela pudesse responder, Connelly falou—o que não a surpreendeu.

- Black... Você sabe que isso é coisa de Howard Randall. Por que diabos você pensaria que não é?

- Apenas veja os arquivos, senhor – ela disse. Depois, olhou para Greenwald e acrescentou: - O mesmo serve para você. Veja os arquivos de Howard Randall. Encontre um dos assassinatos dele onde ele fez algo desse tipo—algo tão fora do normal e sangrento. Desmembramento é uma coisa. Mas isso vai muito além. Howard estrangulou a maioria de suas vítimas

primeiro. O que estou vendo nesse último crime é *muito pior* que algo assim.

- Howard Randall esmagou a cabeça de uma mulher com um tijolo – Greenwald disse. – Eu diria que isso é bem sangrento e brutal.

- É sim. No entanto, aquela mulher foi atingida duas vezes e a investigação diz que foi o segundo golpe que a matou—não o primeiro. Howard Randall não está nessa pela emoção, violência ou pela exploração. Mesmo quando despedaçou os corpos, tinha pouco sangue. Era quase como se ele evitasse sangue, apesar de seus atos. Mas esse assassinato aqui... é demais. É sem fundamento. E mesmo que seja um monstro e com certeza um assassino, Howard Randall não é alguém sem fundamento.

Avery viu uma mudança na expressão de Connelly. Ele estava ao menos pensando naquilo, considerando seus exemplos. O prefeito Greenwald, por outro lado, não estava aceitando a ideia.

- Não. Isso é obra de Howard Randall e é ridículo pensar outra coisa. Até onde eu sei, esse assassinato colocou fogo em todo o A1—caramba, em todos os departamentos da cidade! Eu quero Howard Randall algemados ou cabeças vão rolar! E imediatamente, eu quero a Black fora desse caso. Ela *não pode* estar envolvida de nenhuma maneira!

Depois disso, Greenwald voltou a seu carro esbravejando. Avery já havia sofrido com reuniões com ele no passado e estava começando a pensar que ele era sempre assim. Ela nunca havia o visto caminhando normalmente.

- Você voltou ao trabalho há meia hora – O'Malley disse, - e já conseguiu tirar o prefeito do sério.

- Não estou trabalhando – ela pontuou. – Como ele descobriu que eu estava aqui, afinal?

- Não faço ideia – Connelly disse. – Nós achamos que alguém da mídia viu você deixando o departamento e alguém disse algo para ele. Tentamos chegar aqui antes que ele, mas não conseguimos. – Ele suspirou, puxou o ar e acrescentou: - Quão certa você está de que não foi Howard Randall? Definitivamente?

- Claro que não é *definitivamente*. Mas isso aqui não casa com nenhum dos assassinatos dele. Esse aqui é diferente. Parece diferente.

- Poderia ser uma imitação? – Connelly perguntou.

- Poderia, eu acho. Mas por que? E se for, esse cara está fazendo um trabalho ruim.

- E um fanático de merda por cultura de assassinatos? – Connelly perguntou. – Um desses derrotados que juntam material sobre *serial killers* e, com o escape de Randall, finalmente criou coragem para matar pela primeira vez.

- Pode ser um caminho.

- Então eu não devo relacionar a recente fuga de Howard Randall com um assassinato tão parecido com o estilo dos antigos crimes dele.

- Senhor, você pediu minha opinião e eu lhe disse.

- Bem – Connelly disse, - você ouviu o Greenwald. Não posso mais deixar você ajudar nisso. Agradeço você ter vindo hoje pela manhã quando eu chamei mas... Acho que foi um erro.

- Acho que sim – ela disse, odiando a facilidade com que Connelly cedia à pressão do prefeito. Ele sempre fazia isso e essa era uma das razões pela qual era achava difícil respeitar o capitão.

- Desculpe – O'Malley disse a ela quando eles voltaram para o carro. Finley estava atrás deles, e assistira a toda a cena com um desconforto aparente. – Mas talvez ele esteja certo. Mesmo que o prefeito tenha sido muito duro, você acha mesmo que esse é o tipo de coisa em qual você deveria se envolver agora? Faz só duas semanas desde o seu último grande caso—onde você quase morreu, tenho que dizer. E duas semanas desde que Ramirez...

- Ele está certo – Connelly disse. – Tire mais um tempo. Mais algumas semanas. Você consegue?

- Se tem que ser assim – ela disse, indo para o carro com Finley. – Boa sorte com esse assassino. Você vão encontrá-lo. Tenho certeza.

- Black – Connelly disse. – Não leve para o pessoal.

Ela não respondeu. Entrou no carro com pressa, dando a Finley apenas alguns segundos para entrar no carro antes que ela arrancasse, deixando para trás a rua e um corpo morto, que ela tinha quase certeza de que não fora assassinado pelo recém-livre Howard Randall.

CAPÍTULO QUATRO

Avery estava muito irritada e cheia de adrenalina para voltar ao hospital. Ao invés disso, depois de deixar Finley novamente no departamento e pegar seu próprio carro, ela foi para seu apartamento. Havia várias caixas nos fundos do guarda-roupa cujas quais ela de repente sentiu a necessidade de abrir. Mais do que isso, com sua mente um pouco mais ativa e ligada no mundo real, ela percebeu que havia também alguém para quem precisava ligar.

Quando ligou para Rose, sua filha ficou orgulhosa com o convite para visita-la mais tarde para jantar e tomar uma taça de vinho. Elas ignoraram o fato de que ainda faltavam dezesseis meses para que Rose pudesse tomar um drink legalmente.

Quando chegou a seu apartamento, pouco antes das dez da manhã, Avery preparou um café e dois sanduíches. Mesmo que fosse só presunto velho, queijo e maionese em um pão branco, já era uma refeição muito melhor do que a comida servida na cafeteria do hospital, que a alimentara pelos últimos dias. Ela comeu os sanduíches quase sem sentir e seguiu para o quarto, abriu o guarda-roupa e puxou as caixas lá do fundo.

Havia duas caixas, uma cheia de vários arquivos de sua carreira como advogada de moderado sucesso. Ela ficou tentada a olhar aquela, mesmo que tivesse representado algumas pessoas em casos de assassinato. No entanto, ao invés disso, pegou uma caixa que sabia que a daria alguma ideia sobre o que havia visto naquela manhã.

A segunda caixa estava cheia de arquivos do caso de Howard Randall. O caso havia acontecido cerca de três anos antes, mas parecia algo em que Avery havia participado em outra vida. Talvez fosse por isso que ela achava tão fácil e quase convencional procura-lo para pedir conselhos. Talvez, ela havia conseguido se afastar o suficiente do caso e do que ele causara para sua carreira na advocacia.

A pilha de arquivos contava uma história que ela conhecia por dentro e por fora, mas colocar os dedos nas páginas e fotos era peneirar a areia do tempo, analisando novamente os grãos para aprender alguma lição que pudesse ter deixado passar. Eles contavam a história de Howard Randall, que, quando garoto, apanhara a infância inteira de sua mãe abusiva. Era o mesmo garoto que fora molestado no ensino médio, em um banheiro, por

um professor de educação física—um garoto que crescera para tornar-se não só um homem que mostraria toda a raiva construída por dentro, mas também usa-la para moldar e definir uma mente brilhante que ele nunca se preocupara em usar na escola. Não, ele havia guardado seu brilhantismo para a faculdade, para aumentar suas notas e depois impressionar os agentes de admissão e registros de Harvard. Ele foi às aulas, graduou-se e acabou dando aulas por lá.

Mas seu brilhantismo não parara por ali. Continuara, mostrando-se de um jeito selvagem na primeira vez em que segurara uma faca. Fora uma faca que atingira sua primeira vítima.

Avery chegou às fotos da cena do crime daquela primeira vítima, uma garçonete de vinte anos. Uma estudante universitária, como todas as suas vítimas. Houve um corte profundo na garganta, de orelha a orelha. Nada mais. Ela sangrara na pequena cozinha do lugar onde trabalhava e estava fechando as portas na hora.

Um simples corte, Avery pensou enquanto olhava para a foto. Um corte surpreendentemente limpo. Sem sinais de abuso sexual. Um corte e pronto.

Ela chegou à segunda imagem e a olhou. Depois a terceira, a quarta. Em cada uma delas, chegou à mesma conclusão, colocando-as em sua mente como numa tabela de estatísticas de algum esporte de loucos.

Segunda vítima. Caloura de dezoito anos. Um corte no lado, parecendo acidental. Outro, não bem um corte, mais um furo feito com uma lâmina, direto no coração.

Terceira vítima. Dezenove anos, professora de inglês, trabalhava como stripper. Encontrada morta em seu carro, um único ferimento à bala atrás da cabeça. Depois foi descoberto que ele a ofereceu quinhentos dólares por um boquete, ela o convidou para ir atrás de seu carro, e ele atirou. Sem sinais de que os serviços pagos foram realizados, e em seu testemunho, Howard confirmou que a matou antes do ato acontecer.

Quarta vítima. Dezoito anos. Atingida na cabeça com um tijolo. Duas vezes. Na primeira o sangue parecia pouco, não a matou. O segundo golpe a atingiu no crânio, chegando ao cérebro.

Quinta vítima. Outro corte na garganta, profundo, de orelha a orelha.

Sexta vítima. Estrangulada. Sem digitais.

E assim seguia. Mortes limpas. Muito sangue encontrado em apenas três cenas e por conta das circunstâncias, nada teatral.

Então vamos dizer que o pressentimento de Connelly e do prefeito está certo. Se Howard está matando novamente, por que ele mudaria seus métodos? Não para provar algo—provar algo é uma besteira que está além dele. Então por que?

- Ele não mudaria – ela disse no quarto vazio.

E mesmo que não fosse inocente o suficiente para pensar que três anos na prisão haviam tornado Howard Randall um homem mudado que já não tinha interesse em matar, Avery achava que ele era esperto demais para começar a agir logo depois de sair da prisão, na cidade que já havia virado de cabeça para baixo.

Se ela tinha alguma dúvida antes, elas sumiram ao olhar aqueles arquivos.

Não foi ele. Mas... alguém fez isso. E esses babacas para quem eu trabalho estão indo atrás do cara errado.

Avery ficou satisfeita, porém um pouco preocupada ao ver que Rose não hesitou em beber na sua frente. Ela aceitou a taça de vinho branco agradecida, sem perder tempo para dar o primeiro gole. Avery aparentemente a olhara de um jeito estranho, porque quando Rose baixou o copo, ela sorriu e balançou a cabeça.

- Não é minha primeira taça – ela disse. – Desculpe por arruinar qualquer sonho que você tinha de uma garota pura e santinha.

- Não é o vinho que vai fazer isso comigo – Avery disse, sorrindo. – Mas alguns de seus ex-namorados, quem sabe...

- Bela resposta, mãe.

Elas haviam acabado de terminar um jantar simples com frango e salada grega, que haviam feito juntas. Uma música leve tocava ao fundo, um indie pop acústico ruim qualquer que Rose estava acostumada a escutar. Mesmo assim, a música não poderia acabar com o momento. Lá fora, a cidade estava fria, com suas luzes brilhando e o barulho do trânsito servindo como ruído branco.

Era exatamente disso que eu precisava, Avery pensou. Por que eu estava tentando manter ela afastada de novo?

- Então, vamos ficar evitando o assunto Ramirez a noite toda? – Rose perguntou.

Avery sorriu. Era estranho ouvir o nome dele saindo da boca de Rose... especialmente só o sobrenome, como se ela também o conhecesse do trabalho.

- Não é isso – Avery disse. – Eu só não queria tornar essa noite um encontro onde você tivesse que ficar consolando sua mãe.

- Em uma situação assim, é normal se sentir desse jeito. Eu só não sei se é a melhor coisa do mundo para você ficar trancada naquele quarto de hospital. Digo... não é meio depressivo?

- Às vezes – Avery admitiu. – Mas eu gostaria de saber que tivesse sempre alguém do meu lado se eu estivesse lutando pela minha vida.

- Sim, eu acho que ele faria o mesmo por você. E eu também, claro. Mas ao mesmo tempo, você sabe que ele reclamaria se soubesse que você estava fazendo isso.

- Provavelmente.

- Você... – Rose começou a perguntar, mas parou como se tivesse percebido que era melhor não falar o que quer que fosse que estava saindo de sua boca.

- Tudo bem – Avery disse. – Você pode me perguntar qualquer coisa.

- Você tem alguma intuição? Tipo... seus instintos estão te dizendo de alguma maneira se ele vai conseguir se salvar?

Era uma pergunta difícil de responder. Ela não tinha um sentimento forte nem para o bem nem para o mal. E talvez por isso aquela situação estava a afetando tanto. Não havia certeza. Nenhum instinto dizendo a ela se ele iria se salvar ou não.

- Não, ainda não.

- Mais uma pergunta – Rose disse. – Você ama ele?

A pergunta era tão inesperada que, por um momento, Avery não tinha certeza do que responder. Era uma pergunta que ela havia feito a si mesma muitas vezes antes—uma pergunta que tinha ganhado uma resposta definitiva nas últimas duas semanas.

- Sim, eu amo.

Rose pareceu ficar radiante com a resposta, escondendo o sorriso atrás da taça de vinho.

- Você acha que ele sabe?

- Acho que sim. Mas não é algo que nós—

Ela foi interrompida pelo som de vidros quebrando e um barulho áspero. Foi tão repentino e inesperado que Avery levou dois segundos para levantar

e entender a situação. Quando conseguiu, Rose soltou um pequeno grito. Ela havia levantado do sofá e estava voltando para a cozinha.

A janela na parede à esquerda do sofá estava quebrada. Um vento frio invadiu o apartamento. O instrumento usado para quebrar a janela estava caído no chão e não fez sentido imediato.

Era um tijolo velho, no chão, mas Avery só o viu *depois* de ter visto um gato morto. O gato parecia ser magro, desnutrido e de rua. Ele fora amarrado ao tijolo com algum tipo de borracha, como as usadas para amarrar tendas ou toldos. Havia fragmentos de vidro quebrados ao lado do animal.

- Mãe? – Rose disse.

- Está tudo bem – Avery disse quando foi em direção à janela quebrada. Seu apartamento ficava no segundo andar, então mesmo que aquilo tivesse exigido alguma força, era totalmente possível alguém ter arremessado o tijolo.

Ela não viu ninguém lá embaixo, na rua. Pensou em descer as escadas e sair, mas quem quer que tivesse arremessado o tijolo e o gato estaria pelo menos um minuto a sua frente. E com o trânsito de Boston e os pedestres na rua àquela hora da noite – apenas nove e meia, ela viu no relógio – seria impossível encontra-lo.

Ela caminhou em direção ao gato, tomando cuidado para não pisar no vidro com seus pés descalços.

Havia um pequeno pedaço de papel esmagado entre a parte de baixo do gato e a borracha preta. Ela abaixou-se para pegar o bilhete, arrepiando-se um pouco quando sentiu o gato gelado.

- Mãe, o que é isso? – Rose perguntou.

- Tem um bilhete.

- Quem faria algo assim?

- Não sei – ela respondeu, quando desenrolou e abriu o bilhete. Havia sido escrito em metade de uma folha de caderno. Era muito simples, mas ainda assim fez o corpo de Avery se arrepiar.

Estou LIVRE! E não posso ESPERAR para ver você de novo!

Merda, ela pensou. *Howard. Tem que ser ele.*

Foi o primeiro pensamento em sua cabeça, e ela logo tentou evita-lo. Assim como a brutalidade do assassinato com a pistola de pregos, enviar um gato morto por uma janela de apartamento com um bilhete ameaçador não parecia algo que Howard Randall faria.

- O que diz aí? – Rose perguntou, chegando perto. Ela parecia estar quase chorando.

- Só uma ameaça tola.

- De *quem*?

Ao invés de responder, Avery pegou seu telefone do sofá e ligou para O'Malley.

De quem? Rose perguntara.

E quando o telefone começou a tocar no ouvido de Avery, por mais que ela tentasse lutar contra, parecia haver apenas uma resposta plausível.

Howard Randall.

CAPÍTULO CINCO

Muita coisa aconteceu nos doze minutos que O'Malley levou para aparecer. Para começar, a viatura do A1 não foi o primeiro veículo a chegar. Uma van da mídia chegou derrapando em frente ao prédio de Avery. Ela viu pela janela três pessoas saindo: um repórter, um cinegrafista e um técnico, puxando os cabos para fora da van.

- Merda – Avery disse.

O pessoal da mídia estava quase pronto para sair quando O'Malley apareceu. Outro carro veio colado atrás dele, e quase bateu na van da imprensa. Ela não ficou surpresa ao ver Finley saindo dele. Connelly estava aparentemente preparando Finley para uma promoção—talvez até para substituir Ramirez.

Avery franziu a testa para a van da imprensa e viu Finley falando com o repórter. Houve uma pequena discussão antes que Finley e O'Malley caminhassem até saírem de sua vista, em direção às escadas que os levariam a seu apartamento.

Quando eles bateram na porta, Avery abriu e não lhes deu chance de dizer nada antes que ela própria expusesse suas preocupações e frustrações.

- O'Malley, que porra é essa? Eu te liguei diretamente ao invés de ligar para o departamento para *evitar* a mídia. Qual é a deles?

- Eles estão salivando em cima da fuga de Howard Randall. E eles sabem que você é um rosto familiar nessa história. Então eles estão te vigiando. Eu acho que essa equipe aí tem um rastreador.

- De chamadas de celular? – Avery perguntou.

- Não. Olhe, eu tive que passar a informação para o departamento. É algo muito importante. Eles devem ter escutado em algum sinal de rádio.

Avery queria estar furiosa, mas sabia quão difícil era se comunicar secretamente quando havia uma mídia louca por descobrir uma história. Ela olhou para baixo, para a equipe de imprensa, e os viu filmando algo—que só Deus saberia dizer o que. Enquanto olhava, outro veículo de imprensa chegou, um pequeno SUV.

O'Malley e Finley olharam o tijolo, o gato e o vidro quebrado. Avery deixara o bilhete no chão, não querendo que um papel que estivera no pelo de gato ficasse no seu balcão da cozinha ou na mesa de café.

- Tenho que dizer – Finley tomou a palavra – mas parece muito “acadêmico”. Digo... *Estou livre*. Quem mais poderia ser, Avery?

- Não sei. Mas... Eu sei que pode parecer difícil acreditar nisso, mas não parece algo que Howard faria.

- O velho Howard Randall, talvez – O’Malley disse. – Mas quem sabe o quanto ele mudou na prisão?

- Esperem – Rose disse, - não entendi. A mãe livrou esse cara quando representou ele como advogada. Por que ele viria atrás dela? Acho que ele deveria estar agradecido.

- Você acha – O’Malley disse. – Mas não é assim que funciona uma mente criminoso.

- Ele está certo – Avery disse, cortando O’Malley antes que ele falasse demais. – Alguém como Howard veria qualquer pessoa envolvida no processo como uma ameaça—mesmo que fosse a advogada que o livrou. Mas Howard... Não parece coisa dele. Nas poucas vezes que fui até ele pedir ajuda ele estava... Não sei... *sociável*. Se ele tinha qualquer intenção em relação a mim, ele escondeu muito bem.

- Claro que escondeu – O’Malley disse. – Você acha que a fuga dele foi um acidente casual? Aposto qualquer coisa com você que esse babaca estava planejando isso há meses. Talvez desde o primeiro dia dele lá. E se ele planejava escapar e de algum jeito vir atrás de você ou, no mínimo, envolver você em alguma história perturbadora, por que ele iria te contar?

Avery queria argumentar, mas ela claramente podia entendê-lo. Ele tinha todas as razões para pensar que aquele bilhete era de Howard. E ela também sabia que o medo inerente à cidade pela fuga dele tornou fácil para O’Malley e Connelly apontarem o dedo na direção de Howard quando se tratava do assassinato com a pistola de pregos.

- Olhe, vamos deixar toda a história de Howard Randall de lado por um momento – ela disse. – Se foi Howard ou não, *alguém* jogou essa coisa pela minha janela. Eu só pensei que seria melhor fazer tudo pelo caminho correto já que o Connelly quer que eu esteja afastada de qualquer coisa que *possa ter* relação com Howard.

- Certo – Finley disse. – Eu falei com ele no caminho para cá. Ele está ocupado com alguma coisa com o prefeito e a imprensa agora.

- Sobre Howard Randall?

Finley assentiu.

- Meu Deus – Avery disse. – Isso está ficando ridículo.

- Bom, então – O'Malley disse, - você não vai gostar nada do que ele me mandou fazer.

Avery esperou que O'Malley falasse. Ela podia ver que ele estava desconfortável—que preferia que Connelly estivesse ali para dar a ordem ele mesmo. Finalmente, suspirou e disse:

- Ele quer que nós realoquemos você por alguns dias. Mesmo que Randall não tenha jogado esse tijolo, está claro que alguém está te ameaçando. E sim... provavelmente porque ele escapou. Odeio te dizer isso, mas você não está nada bem nessa. Você o libertou anos atrás... Livrou ele para uma matança. Muitas pessoas—

- Isso é ridículo – Rose se intrometeu. – As pessoas acham que minha mãe tem algo a ver com a fuga?

- Tem gente que leva as coisas ao extremo, sim – O'Malley admitiu. – Felizmente, houve apenas murmúrios sobre isso na mídia. Você não viu nada? – Ele perguntou, olhou para Avery.

Ela pensou naqueles momentos irritantes no quarto de hospital de Ramirez. A TV estivera ligada e ela havia visto o rosto de Howard, sabendo da essência das notícias através do letreiro inferior na tela. Mas nunca havia visto seu próprio nome, nem esperava por isso. Finalmente, balançou a cabeça respondendo à pergunta de O'Malley.

- Bem, seja lá o que você ache, eu acredito que ele está totalmente certo. Você precisa ser realocada alguns dias até que isso se acalme. Vamos dizer que quem atirou o tijolo não foi Howard. Então significa que algum cidadão aleatório atirou. Algum babaca que pensa que você é responsável por termos um assassino à solta. E então? Para onde? – O'Malley disse. – Pense enquanto arruma suas coisas. Finley e eu ficaremos felizes em te levar para onde você precisar.

- Não preciso pensar – Avery disse. – Já tenho um lugar em mente.

Eles chegaram ao apartamento de Ramirez meia hora depois. Avery levou menos de dez minutos para fazer uma mala com as coisas essenciais. Rose viera junto, com a insistência tanto de Avery quanto de O'Malley. Após uma pequena e calorosa discussão, Rose havia cedido, decidindo ficar com sua mãe por um ou dois dias... para ter certeza de que ela estaria bem.

Quando os quatro entraram na casa de Ramirez, o lugar estava um pouco assustador. Mesmo que já tivesse tecnicamente aceitado se mudar para o apartamento de Avery, ele não chegara a ter a chance. Todas suas coisas estavam ali, esperando para quando ele voltasse.

Avery caminhou pelo local, fingindo que aquilo não estava a afetando. Ela estivera ali muitas vezes antes e sempre se sentira bem-vinda. Não deveria ser diferente agora.

- Você tem certeza disso? – Finley disse. – Me desculpe por perguntar, mas me parece meio triste.

- Não é mais triste do que ficar no quarto de hospital dele – Rose disse.

Avery queria que o lugar se conectasse a ela, queria sentir algo por ele para depois tentar decidir o que deveria fazer em seguida.

Quando eles entraram, O'Malley estava no telefone, discutindo detalhes de vigilância para os apartamentos de Ramirez e Avery. Eles haviam sido cuidadosos para não serem seguidos no caminho, mas nem por isso queriam dar brecha ao azar.

Quando Avery colocou sua mala no chão da sala de Ramirez, O'Malley encerrou a ligação. Ele esperou um momento, respirou fundo, e olhou pela janela. Lá embaixo, as ruas estavam um pouco menos cheias do que quando Avery e Rose haviam curtido o vinho e uma boa conversa. Além disso, depois de ter um gato morto entrado por sua janela, a rua parecia mais sinistra também.

- Então é o seguinte – O'Malley disse. – Nos próximos três dias, você vai ter constantemente alguém aqui vigiando, estacionado na rua. Vão ser carros à paisana, mas sempre membros do A1.

- Não é necessário – Avery disse. Ela estava começando a achar que as coisas estavam saindo do controle.

- Acho que é sim – ele respondeu. – Você viveu uma espécie de solidão nessa situação toda nos últimos dias. E as coisas pioraram. Temos certos vigilantes na rua procurando Randall. As pessoas estão começando a ir fundo nessa história e estão te encontrando nela.

Vá logo e acabe com isso, ela pensou. Eles vão me encontrar na história como a advogada que conseguiu liberta-lo—liberdade essa que ele usou para matar mais uma pessoa. É isso o que você está querendo dizer.

Mas ele não disse. Ao invés disso, continuou a olhar pela porta.

- Os dois primeiros vão ser Sawyer e Dennison. Eles vão chegar em cerca de meia hora. Até lá... Parece que seremos eu e Finley.

Rose olhou para os dois policiais e depois para sua mãe.

- Isso.. é tão perigoso assim? Precisamos de proteção?

- Não – Avery respondeu. – É um pouco de exagero.

- É para a proteção de sua mãe. E a sua também. Dependendo de quem esteja por trás do assassinato com a pistola de pregos e o arremesso do tijolo e do gato, você pode estar em perigo também. Depende do tamanho do desejo de vingança que essa pessoa tem contra sua mãe.

- Vamos baixar um pouco o tom dramático – Avery disse, com raiva na voz. – Eu gostaria muito que você não assustasse minha filha.

CAPÍTULO SEIS

Qualquer esperança de uma noite de garotas tranquila fora por água abaixo. Quando O'Malley e Finley saíram, o apartamento ficou em silêncio. Rose havia se jogado no sofá de Ramirez. Ela estava viajando em linhas do tempo de redes sociais e mandando e recebendo mensagens de suas amigas.

- Acho que você sabe que não é para contar para ninguém o que aconteceu – Avery disse.

- Eu sei – Rose respondeu, um pouco ressentida. – Ei, e o pai? Devemos contar para ele?

Avery pensou naquilo por um momento, colocando as opções na balança. Se fosse só por ela, não haveria dúvida. Não havia necessidade de Jack saber. Mas com Rose envolvida, as coisas mudavam. Ainda assim... era arriscado.

- Não – Avery respondeu. – Ainda não.

Rose apenas assentiu timidamente em resposta.

- Rose, não sei o que te dizer. Isso é chato. Sim. Eu concordo. Uma droga. E sinto por você ter que lidar com isso. Também não é como se fosse um piquenique para mim.

- Eu sei – Rose disse, deixando o telefone de lado e olhando sua mãe nos olhos. – Não estou nem triste com o inconveniente. Não é isso. Mãe... Eu não tinha ideia de que as coisas estavam perigosas assim para você. É sempre assim?

Avery soltou uma risada sufocada.

- Não, nem sempre. É só porque essa coisa com Howard Randall faz todo mundo ficar alerta. Uma cidade inteira está com medo e eles precisam culpar alguém enquanto buscam respostas e um jeito de se sentirem seguros.

- Me responda diretamente, mãe: nós vamos ficar bem?

- Sim, acho que sim.

- Sério? Então quem jogou aquele tijolo? Foi Howard Randall?

- Não sei. Mas pessoalmente, eu duvido.

- Mas tem algo... *estranho* entre vocês dois, certo?

- Rose...

- Não, eu quero saber. Como você pode ter tanta certeza?

Avery não via razão para mentir para a filha ou deixá-la sem informações—especialmente agora que ela era aparentemente parte da história.

- Porque um gato morto pela janela é muito óbvio. É muito chamativo. E apesar do que dizem os métodos dos assassinatos dele, Howard Randall não faria isso. Um gato morto... é quase cômico. E falando com ele como advogada e como detetive... não é algo que ele faria. Você tem que acreditar em mim nessa, Rose.

Avery olhou pela janela para o Ford Focus preto que viu três andares abaixo, estacionado no fim da rua. Ela podia ver a forma básica do ombro esquerdo de Dennison no banco do motorista. Sawyer estaria ao lado dele, provavelmente comendo sementes de girassol, algo pelo qual ele era conhecido.

Pensando no tijolo e no gato, Avery começou a viajar por seu passado. Entre sua carreira como advogada e os poucos anos que passara como detetive, a lista de nomes e rostos em sua mente era longa. Ela tentou pensar em quem mais poderia ter um motivo para arremessar o tijolo e o gato em sua janela, mas havia muitos rostos, muitas histórias.

Deus, poderia ter sido qualquer um...

Ela virou-se para o apartamento e tentou imaginar a última vez em que Ramirez estivera ali. Caminhou devagar pela sala e pela cozinha, já tendo estado lá antes, mas vendo tudo como novo. Era um lugar pequeno, mas bem decorado. Tudo era limpo e organizado, com cada item tendo um lugar designado. A geladeira era decorada com muitas fotos e postais, a maioria de familiares. Avery nunca os conhecera, mas ouvia falar sobre eles às vezes.

Quantos deles sabem do que aconteceu? Ela imaginou. Durante seu tempo no hospital, apenas dois familiares haviam a visitado. Ela sabia que a família de Ramirez não era muito próxima, mas o fato da família dele não ter vindo visitá-lo lhe parecia triste—mesmo sabendo que o mesmo aconteceria com ela.

Avery virou as costas para a geladeira, de repente não querendo mais ver as imagens coladas ali. Na sala, havia fotos da vida de Ramirez espalhadas: uma dele e de Finley em um passeio, jogando; uma foto de Ramirez ultrapassando a linha final de uma maratona; uma foto dele com sua irmã quando eram bem mais jovens, pescando.

- Não consigo – ela disse, em voz baixa.

Virou-se para Rose, esperando que a filha não tivesse escutado.

O que Avery viu foi Rose dormindo no sofá. Aparentemente, ela havia adormecido enquanto Avery olhava as fotografias. Avery olhou sua filha por um momento, sentindo os primeiros sintomas da culpa. Rose não tinha porque estar ali, envolvida em toda a história.

Talvez ela estivesse melhor longe disso tudo se eu não tivesse tentado ajeitar as coisas com ela, Avery pensou.

Não era só um pensamento de mea-culpa. Ela acreditava mesmo naquilo às vezes. E agora, com as duas sendo vigiadas e pessoas a ameaçando por pecados do passado, tudo estava pior.

Talvez eu não esteja sendo ameaçado por pecados do meu passado, ela pensou. *Talvez seja mesmo Howard. Talvez ele enlouqueceu de um jeito que eu não pude prever.*

Avery imaginou que, se estivesse fazendo seu trabalho corretamente, não poderia simplesmente eliminar a possibilidade de Howard Randall ter matado a pobre garota com a pistola e, na noite seguinte, arremessado um gato morto com uma mensagem ameaçadora em sua janela. Ela não tinha evidências para provar que ele *não* havia feito isso, portanto, logicamente, ele era um suspeito.

Sou muito próxima dele, Avery pensou. *Conheço ele de um jeito que me faz coloca-lo em um pedestal estranho. Ele fez isso intencionalmente?*

Era um pensamento assustador, mas Howard era brilhante. E ela sabia do gosto dele por jogos da mente. Ele teria a manipulado de alguma maneira que ela ainda não tinha entendido?

Avery pegou suas duas malas e as carregou até o quarto de Ramirez. Ela havia colocado os arquivos básicos da caixa de arquivos sobre Howard Randall em uma das malas antes de deixar o apartamento. Juntou-os e os espalhou na cama.

Dessa vez, Avery não perdeu tempo olhando as fotografias. Agora, ela precisava de fatos. E os fatos que ela conhecia, como estavam nos arquivos, diziam que certa vez, Avery Black fora uma advogada que havia representado um homem que fora acusado de assassinato. Ela suspeitara que ele havia cometido o ato, mas não havia evidências e o caso estava sendo destruído no tribunal. No fim, ela havia vencido. Howard Randall fora libertado. Nos três meses seguintes, universitárias de dezoito a vinte e um anos foram mortas de maneiras horríveis, porém efetivas. No fim,

Howard Randall acabara preso. Não só isso, mas ele abertamente confessara os crimes.

Avery assistira a tudo na televisão. Ela também havia deixado seu trabalho como advogada e motivara-se a iniciar uma carreira de detetive—uma carreira que quase todo mundo a dissera que não era para ela. Ela estava começando mais tarde do que todo mundo. Era uma mulher assombrada pelo fantasma de Howard Randall. Era demais. Ela nunca conseguiria.

Mas aqui estou eu, ela pensou, olhando os detalhes. Talvez seja por isso que ele sempre foi tão aberto ao falar comigo na prisão. Talvez ele esteja entre aqueles que acharam que eu estava perdida tentando me tornar uma detetive. E eu não só me tornei uma, como me tornei uma boa pra cacete. Talvez eu tenha ganhado o respeito dele.

Triste, ela esperou que aquilo fosse verdade. Gostaria de pensar que não ligava sobre o respeito que Howard Randall sentia por ela—mas ligava. Talvez fosse a inteligência dele ou o fato de que ninguém a desafiava do jeito que ele fazia quando eles se encontravam.

Avery pensou naqueles encontros enquanto olhava os arquivos do caso e tudo se conectava como uma frenética partida de tênis em sua cabeça. Para um lado e para o outro, intermináveis vezes.

Ele parecia feliz de verdade quando me via, com exceção de uma única vez em que ele pensou que eu queria tirar vantagem dele. Ele tinha conexões na prisão, sabia das coisas daqui de fora que outros presos não sabiam.

Essas informações revelam algo sobre ele? Ele teria alguma razão para fazer isso tudo ao invés de apenas se libertar?

E depois de sair, o que ele faria? Que tipo de homem ele seria de verdade? Ele iria o mais longe possível e viveria uma vida como um homem livre—ainda que muito procurado?

Ou ele começaria a matar de novo? É sabido que uma vez que alguém comete um assassinato e o choque inicial passa, o segundo é mais fácil. E o terceiro se torna quase um ato natural.

Mas Howard não parece alguém do tipo que se entrega a esses instintos animais.

Todos seus assassinatos foram limpos e simples.

A última vítima foi morta de um jeito grotesco... como se o assassino quisesse provar algo.

Howard tem algo a provar?

E no meio de todo esse pensamento, ela viu Randall no fundo de sua mente—sentado do outro lado da mesa da prisão com seu sorriso sempre no rosto. Confiante, quase orgulhoso.

Tenho que encontra-lo, ela pensou. Ou pelo menos determinar se ele é mesmo o assassino. E o melhor jeito para começar é indo falar com aqueles que o conheciam no mesmo nível que eu. Vou ter que falar com pessoas que trabalharam com ele—outros professores de Harvard.

Pareceu um plano banal, mas ao menos era algo. Sim, Connelly não a queria no caso, mas o que os olhos não veem, o coração não sente.

Avery olhou seu telefone e viu que, de algum modo, já passava da meia noite. Com um suspiro profundo, ela juntou os arquivos em uma pilha e colocou-os na mesa de Ramirez. Quando tirou a roupa para ir para a cama, o fez devagar, lembrando a última vez em que estivera naquela cama tirando a roupa.

Quando deitou, decidiu deixar a luz acesa. Ela não acreditava em atividade paranormal, mas sentiu... algo. Por um breve momento, pensou que podia sentir Ramirez no quarto, com ela, a olhando enquanto flutuava, em algum lugar, entre a vida e a morte.

E mesmo sabendo que aquilo não era possível, Avery não quis encarar a escuridão. A luz, então, ficou acesa, e ela tratou de pegar no sono rapidamente.

CAPÍTULO SETE

Sem nenhum recurso da polícia, Avery tinha que contar apenas com as ferramentas básicas de qualquer um no planeta. Então, depois de uma xícara de café e algumas torradas que encontrara na dispensa de Ramirez, abriu o Google e começou a trabalhar. Por conta dos arquivos dos casos que havia trazido consigo, Avery já sabia o nome de três professores que haviam trabalhado próximos a Howard durante seu tempo em Harvard. Um deles havia morrido no ano anterior, deixando-a com apenas duas fontes em potencial. Ela digitou os nomes no Google, procurou as páginas de Departamento e Equipe, e salvou os números em se telefone.

Enquanto trabalhava, Rose foi até a cozinha. Ela fez ruídos exagerados enquanto caminhava na direção da cafeteira.

- Café. Bom.

- Dormiu bem? – Avery perguntou.

- Muito mal. E cara... são sete da manhã e você não está oficialmente trabalhando. Então o que você está fazendo acordada?

Avery encolheu os ombros.

- Não oficialmente trabalhando, eu acho.

- Não vai arranjar problema com seu chefe?

- Não se ele não descobrir. Falando nisso... Vou sair um pouco hoje.

Posso te deixar em algum lugar?

- No meu apartamento – Rose disse. – Se eu vou ficar trancada com você mais alguns dias na casa de outra pessoa, eu gostaria de pegar algumas roupas e uma escova de dentes.

Avery considerou o pedido por um momento. Ela sabia que Sawyer e Dennison ainda estavam lá fora, e logo seriam substituídos por outra dupla. Eles provavelmente estavam trabalhando em turnos de doze horas. Eles a seguiriam em qualquer lugar, para ter certeza de que as duas seguiam seguras. E isso poderia atrapalhar tudo. Mas Avery já tinha um plano na cabeça.

- Ei, Rose, onde seu carro está estacionado?

- A uma quadra do seu apartamento.

Como ela imaginava. Sawyer e Dennison automaticamente avisariam O'Malley ou Connelly se ela voltasse para seu apartamento. Mas, talvez, se ela misturasse as coisas e fosse para outro lugar, seria mais fácil.

- Ok – Avery disse. – Vamos voltar para o seu apartamento. Tenho que fazer uma ligação muito rápida e depois vou ver se Sawyer e Dennison podem nos levar até a sua casa.

- Ok – Rose disse, obviamente sem confiar no plano—como se já tivesse percebido que havia algo de desonesto nele.

Antes de ligar para Sawyer e Dennison, pedindo uma carona como se estivesse obedecendo as ordens e ficando segura, Avery ligou para uma companhia de táxi e pediu que o motorista a buscasse nos fundos do prédio de Rose em meia hora.

Tudo fora muito fácil. E não porque Sawyer e Dennison não eram bons policiais. Eles simplesmente não imaginavam que Avery iria *querer* ser desobediente. Do jeito que armou seu plano, ela havia matado dois coelhos com uma cajadada. Fugindo pelos fundos do prédio de Rose sem ser vista, ela teria algumas horas de liberdade para fazer o que quisesse sem medo do que Connelly pensaria, enquanto Rose ainda estaria sob vigilância da polícia. Eram duas vitórias. O fato de ela ter pedido que eles as levassem para o apartamento de Rose fora a cereja do bolo.

O táxi a deixou do lado de fora do campus de Harvard logo depois das nove. No banco de trás, Avery havia ligado para os dois professores, Henry Osborne e Diana Carver. Osborne não havia atendido, mas ela havia conseguido falar com Carver, que conseguira um tempo às dez para conversar com ela. Pesquisando mais um pouco no site de Harvard, Black conseguira o endereço e as horas livres do escritório de Osborne. Ela decidiu tentar encontra-lo na hora que ainda tinha livre antes de se encontrar com Carver.

Enquanto caminhava pelo campus, ocasionalmente olhando o mapa do mesmo no celular, Avery tirou alguns momentos para apreciar a arquitetura. A maioria das pessoas em Boston era muito acostumada à universidade, e por isso acabava esquecendo de toda a história do lugar. Avery podia vê-la na maioria dos prédios, bem como na atmosfera histórica do lugar—o gramado perfeito, os tijolos, árvores e marcos antigos.

Ela focou em tudo isso quando chegou ao prédio de Estudos Filosóficos. Henry Osborne era instrutor na escola de filosofia, especializado em Ética Aplicada e Filosofia da Linguagem. Quando entrou no prédio, Avery viu

alguns estudantes apressados, aparentemente atrasados para as aulas das nove.

De acordo com a programação de Osborne, ele não teria aula até as 9:45 e deveria estar disponível em seu escritório até lá. Ela encontrou o escritório no final do segundo corredor de onde veio. A porta estava entreaberta e, quando olhou dentro, Avery viu um homem idoso sentado à frente de uma mesa, mexendo em alguns papéis.

Ela bateu levemente na porta e deu um passo adentro.

- Professor Osborne?

Ele olhou com um sorriso incerto. Quando percebeu que a mulher parada em sua porta provavelmente não era uma aluna, levantou-se e disse:

- Sim? Posso ajudar?

- Eu tentei ligar mais cedo, mas ninguém atendeu – Avery explicou.

- Sim, acho que eu estava com um aluno quando meu telefone tocou mais cedo. Mas então... O que eu posso fazer por você?

Avery colocou a mão no bolso do casaco e puxou seu distintivo.

- Sou a Detetive Avery Black, da polícia de Boston. Esperava que você pudesse ter alguns minutos para falar comigo sobre seus encontros com Howard Randall quando ele era professor aqui.

Osborne respirou exageradamente fundo, se afastando de sua mesa, frustrado.

- De jeito nenhum – ele disse. – Não tenho mais nada para dizer sobre aquele homem. Eu disse tudo o que precisava quando ele estava sendo julgado.

Avery tentou se lembrar do rosto de Osborne, imaginando se ele estivera em algum momento no primeiro julgamento de Howard... quando ela o libertara. Não conseguiu se lembrar, ainda que algo no rosto dele fosse familiar.

- Eu entendo – ela disse. – Mas como você sabe, ele escapou da prisão. E nós do A1 acreditamos que podem ter acontecido algumas coisas que podem significar que ele estaria pensando em fazer algo de novo.

- Isso é triste – Osborne disse. – Mas eu não vou oferecer mais nenhum minuto do meu tempo para esses horrores.

- Mas Professor Osborne—

- Não sei se tem outro jeito de dizer isso – Osborne irritou-se. – Você não vai ter nenhum segundo do meu tempo para falar sobre ele!

Avery quase respondeu com: *Talvez você vai querer falar mais quando mais alguma garota aparecer morta*. Mas ela se manteve quieta, aceitando. Se ele não queria falar, era direito dele.

- Obrigada – ela disse ao sair pela porta em direção ao corredor.

Ela quase se esquecera de quanto o caso de Howard Randall havia mexido com as pessoas em volta dele—colegas de trabalho, sua família distante e até alguns dos jurados na corte quando ele admitira os assassinatos, feliz. Avery imaginou que o estado atual de paranoia na cidade era mais uma prova do “efeito Howard”. Claramente, um estado que havia afetado Henry Osborne.

Avery levou um tempo para cruzar o campus até o escritório de Diana Carver, já que ainda tinha trinta e cinco minutos para esperar. Ela encontrou uma cafeteria, pegou uma cerveja forte e esperou do lado de fora do prédio de Carver—o do Departamento de Inglês—e ligou para Rose.

- Ei, mãe. Já terminou?

- Não. Só mais uma reunião rápida. Queria saber se houve algum movimento lá fora com a vigilância.

- Sim, os caras que estava aqui saíram há uns quarenta minutos. Tem outros caras ali agora.

- O mesmo carro? – Avery perguntou.

- Não. Um diferente. Um Honda. Mas não sei que modelo.

- Ok. Apenas... fique atenta. E se por alguma razão eles precisarem subir e falar com você, você me liga antes de abrir a porta, ok?

- Tudo bem, mãe... Você não vai se meter em confusão, vai?

- Claro que não – ela disse.

Ainda que estivesse pensando: *Ainda não*.

Avery encontrou o escritório de Diana Carver sem problemas. Ela entrou um pouco mais segura: já havia falado com Carver no telefone enquanto estava no táxi e Carver sabia o motivo da visita. Aparentemente, ela não era totalmente contra falar sobre Howard Randall, ainda que não parecesse totalmente animada com o assunto.

Diana Carver era uma mulher bonita—do tipo que provavelmente já tinha quase sessenta, mas aparentava algo próximo a quarenta e poucos. Seu cabelo negro até os ombros reluzia com a luz do sol que entrava pela janela

do escritório, fazendo com que seu rosto parecesse ao mesmo tempo sério e delicado. Quando Avery sentou-se no outro lado da mesa, Carver ajeitou os óculos no nariz e sorriu para ela.

- Então – Carver disse. – Esse homem nunca vai deixar nossas vidas, vai?

- Desculpe? – Avery disse.

- Eu lembrei do seu nome quando falamos no telefone, mas não tinha certeza do porquê – Carver disse. – Então eu procurei no Google. Você era a advogada daquela vez... quando ele fez aquilo. Depois você se tornou uma detetive que foi muito julgada pela imprensa por encontrar com ele durante outros casos. Então é claro que Howard nunca deixa *sua* vida. E eu... bom, eu penso nele de tempos em tempos. Ele aparece na minha mente como a lembrança de um pesadelo muito ruim.

- Então assumo que você conhecia bem ele? – Avery perguntou.

- Sim, conhecia bem. Uma vez eu cheguei a pensar na ideia de sair com ele. Ele nunca me convidou, imagine você. Apenas havia sempre algo no ar entre nós.

- Você chegou a ser íntima dele?

- Deus, não. O mais íntimo que chegamos foi uma conversa. Geralmente com uma garrafa de whisky no escritório dele.

- E do que vocês costumavam falar além de assuntos do trabalho?

Carver encolheu os ombros e pela primeira vez desde que mencionara Howard, sua expressão tornou-se um pouco amarga.

- Um pouco de tudo – ela disse. – Uma das razões pelas quais eu fiquei chocada com o que ele fez foi porque eu sabia o quanto ele era brilhante. Nós falávamos muito sobre literatura e música clássica. Parecia algo como um clube de livros, algo assim. Eu falava mal de Shakespeare e ele me dava centenas de razões do porque ele era tão popular. Ele me dizia porque a narrativa em primeira pessoa estava se tornando nada mais do que um truque para leitores jovens enquanto eu falava dos seus méritos. Era minhas conversas favoritas, mas nós também discutíamos eventos comuns, problemas sociais, coisas assim.

- Em alguma dessas conversas, você chegou a achar algo estranho? Ou talvez um pouco extremo?

- Se tinha algo, era que Howard era muito apaixonado por *não* gostar das coisas. Por exemplo, ele falava muito de sua aversão por Hemingway. Ele *odiava* Hemingway. Ele odiava simplesmente ouvir o nome desse

homem. Ficava nervoso nessa conversa—mais nervoso do que o esperado em uma conversa sobre autores—mas não de um jeito ameaçador. Mas quando tudo aconteceu, esse comportamento dele meio que fez sentido, eu acho.

- Ok, então vamos por outro lado – Avery disse. – Como alguém que esteve algum tempo com ele, o que você diria que realmente tirava ele do sério? Que o marcava?

- Ser desafiado – Carver disse imediatamente. – Qualquer tipo de desafio, uma discussão amigável, uma competição, ou até um caça-palavras. Isso era outra coisa que o deixava nervoso—se a cruzadinha do jornal do dia era muito fácil, ele ficava triste. Era algo meio bobo.

- Então esses estranhos surtos de raiva ao ser desafiado ou coisas que ele realmente não gostava... Eram as únicas peculiaridades que você chegou a perceber nele?

- Bem... Então, não sei se eu chamaria de peculiaridade ou não mas essa *é sim* uma das razões pelas quais eu não namorei ele. Ele parecia muito desconfortável sempre que alguém apertava sua mão. Eu não achei que fosse nada no começo, mas depois comecei a juntar as coisas. Em uma de nossas conversas longas, eu acabei mencionando que eu não fazia sexo há muitos meses. Tenho certeza que eu só estava tentando, de algum jeito, dizer para ele que eu estava disponível. A resposta dele foi algo do tipo ‘eu não faço sexo há mais tempo que isso. Nunca liguei para isso’, ou algo assim.

- Então não havia contato físico entre vocês dois? – Avery perguntou.

- Ah, eu tentei abraçar ele uma vez... só uma maneira de dizer boa noite depois de tomar vinho demais. Quando me inclinei em direção a ele, ele ficou completamente rígido. Por um momento, parecia mortificado.

- Então sua conclusão sobre ele é que ele não gostava de toque físico?

- Acredito que sim. Pensei que era só uma fobia a germes quando era só a questão do aperto de mão. Mas depois soube dos pensamentos dele sobre sexo e vi a total aversão a algo simples como um abraço...

- Poderia sim ser outra peculiaridade – Avery terminou a frase para ela. – Algo mais profundo.

Avery pensou naquilo por um momento, refletindo sobre os encontros com Randall na prisão. Em algum lugar de sua mente, ela tinha certeza que já tinha percebido algo similar nele. Sempre que ela se inclinava na mesa,

quando ele ia cochichar algo, Howard ficava tenso e se inclinava para trás o mais rápido possível.

Achei que era só um jeito de proteger o espaço pessoal dele, ela pensou. Mas isso também se encaixa com o que Diana Carver está dizendo—algo a ver com aversão ao contato físico. Talvez isso tenha algo a ver com a necessidade bizarra dele de desmembrar as vítimas...

Depois, Avery viu a universitária no beco em sua mente—uma garota cuja qual ela ainda não sabia nem o nome, porque não estava no caso. Sua roupa fora tirada, ficando só a calcinha, revelando um corpo magro, mas encorpado.

Então, pensou nas fotos que havia visto na noite anterior, tiradas de sua pequena caixa com as lembranças de Howard Randall.

É, as coisas não batem mesmo, ela pensou. Mas eu tenho que ter certeza antes de bancar uma opinião assim.

- Professora Carver, obrigada – Avery disse. – Sua ajuda foi de enorme valia. E se tiver algo que você pense nos próximos dias, por favor me ligue diretamente.

Avery deslizou um cartão de visitas pela mesa. Carver pegou o cartão franzindo a testa.

- Quando soube que ele tinha escapado – ela disse, - não pude deixar de pensar em como ele deve estar orgulhoso de si mesmo. Deve ter sido o desafio supremo—sair da prisão. E agora ele tem outro: escapar para algum lugar sem ser pego.

- Bem, nós certamente esperamos pega-lo antes dele chegar tão longe – Avery disse.

- Espero que sim – Carver disse. – Eu nunca me senti tão idiota na vida. Por ter considerado deixar esse homem entrar na minha vida—se eu tivesse ficado com ele—e depois ter descoberto o tipo de monstro que ele era na verdade. Foi lamentável.

Sem saber o que responder, Avery novamente agradeceu e se desculpou. Imediatamente, ela ligou para outro táxi, já que havia mandado o anterior embora para não deixar rastros. Além disso, aquelas corridas estavam saindo de seu próprio bolso, e não dos fundos da polícia.

Com um táxi reservado para busca-la em dez minutos, Avery sentou-se em um banco no local combinado e esperou. Ela tinha certeza de que sabia onde precisava ir se quisesse solidificar sua teoria de que Howard Randall

não havia matado a última mulher—e que ele provavelmente não havia sido o responsável pelo gato morto na janela.

Sim, ela sabia onde teria que ser a próxima parada, mas seria arriscado. Connelly ou, pior, o prefeito poderiam descobrir o que ela estava querendo fazer.

Mas era um risco que ela precisava correr. E que resolveu correr quando o táxi apareceu. Ela entrou no banco de trás e deu ao taxista o endereço do escritório dos legistas.

CAPÍTULO OITO

Uma das muitas amizades bizarras que Avery havia feito em sua carreira como detetive na Divisão A1 era com um homem chamado Charlie Tatum. Charlie trabalhava como um dos legistas para a cidade de Boston, supervisionado pelo médico chefe legista da cidade. Ela conhecia outros caras no escritório, mas sempre teve uma boa amizade com Charlie. Se conseguisse ficar sozinha com ele, nem que fosse por cinco minutos, tinha certeza de que conseguiria o que precisava.

Quando o táxi parou na frente do prédio, Avery rolou por seus contatos no telefone e ligou para Charlie.

Ele atendeu no terceiro toque com um “Alô” entediado.

- Charlie, é Avery Black. Como vai você?

- Vivendo perigosamente, eu acho – ele disse. – Fomos instruídos a não falar com você.

- Por quem?

- Pelo chefe – Charlie disse. – Acho que essa manhã meu chefe recebeu uma ligação do seu e a ordem foi dada.

- Bom, preciso que você ignore essa ordem. Você faria isso por mim?

- Eu teria que ser cuidadoso – ele disse. Mas sim. Assim que recebemos a ordem eu tive certeza que ia acabar me encontrando com você antes do fim do dia.

- Estou estacionada aqui fora em um táxi agora – ela disse. – Preciso ver um arquivo específico. Será que é possível?

- Espere um segundo – Charlie disse. Ela o escutou largar o telefone e, depois disso, houve silêncio. Um silêncio que continuou por cerca de trinta segundos até que ele falasse. – Talvez não vamos ter que ser tão cuidadosos no fim das contas – ele disse. – Em exatamente um minuto, entre pela porta da frente. Vou levar você à minha sala de exames. Mas você vai ter que sair pelos fundos quando terminar.

- Perfeito – ela disse. – Vejo você já, já.

Dessa vez, Avery pediu que o táxi esperasse para que ela não ficasse parada em um lugar em que não deveria estar e pudesse voltar para o apartamento de Rose. Quando seguiu rapidamente em direção à porta frontal do escritório dos legistas, não pode deixar de sentir uma emoção pelo que estava fazendo. Uma coisa era ir atrás de uma pista com sucesso

em um novo caso; outra totalmente diferente era investigar quando não deveria.

Charlie Tatum a encontrou na porta da frente, segurando-a aberta para Avery. Ele era um homem boa pinta, afro-americano, com cerca de 1,68m. Não estava exatamente em forma, mas mesmo assim tinha uma presença dominante. Algo que Avery sentiu quando passou por ele na porta e entrou no prédio.

- Tem mais dois na sala de exames deles – Charlie sussurrou, - e Chambers está trabalhando com peritos de vocês em uma coisa ou outra. Então você vai ter um bom tempo, a não ser que alguém acabe o que está fazendo na sua sala.

- Obrigado, Charlie. Eu sei que você está se arriscando.

- Sem problemas – ele disse quando eles chegaram à sala de exames.

Sua mesa de exames estava vazia e o lugar estava limpo, ainda que cheirasse a químicos que lembravam Avery de morte. Ele fechou a porta atrás deles e foi diretamente ao MacBook que ficava nos fundos da sala. Ele estava em um pequeno balcão, com uma banquetta giratória atrás. Charlie sentou-se na banquetta e fez o *login* no computador.

- Felizmente, temos uma outra conta para quando a nossa fica sem acesso – ele disse. – Assim, ninguém nunca vai saber o que eu estava procurando. Então... o que *eu* estou procurando?

- Não tenho um nome – Avery disse. – Mas é uma garota com idade de universitária. Vinte e um, eu acredito. Morta ontem.

- Você está falando da garota morta com a pistola de pregos?

- Sim.

- Isso foi sujo – Charlie disse enquanto mexia no mouse para lá e para cá. – Um dos piores corpos que eu já vi.

- Mas você consegue acessar os arquivos daqui, certo?

- O que nós temos, sim – ele disse. – O corpo na verdade não está aqui. Ainda está com os peritos. Acho que eles estão tentando determinar que tipo de pistola foi usada.

- Mas você tem informações preliminares, certo?

- Um pouco mais do que isso, eu acho – Charlie disse. Ele deu mais um clique no mouse e depois levantou da banquetta. – Todo seu.

Avery sentou-se e olhou o arquivo. Ela viu uma série de fotos do corpo e da cena do crime, mas não era aquilo que a interessava naquela hora. Ela

estava mais interessada nos detalhes. Tratou de ler e grava-los na memória, sem querer arriscar Charlie o fazendo imprimi-los para ela.

Kirsten Grierson, vinte e um anos. Sete pregos no corpo, dois que podem ter facilmente contribuído para sua morte, ambos tendo entrado no cérebro. Contusões leves em volta da parte baixa das costas que podem ser de um punho. Sem sinais de abuso sexual severo, ainda que haja pequenas marcas em volta da parte lateral dos seios que indicam que o assassino tenha os amassado. Sem digitais.

Avery esperava mais, mas ainda assim conseguiu o suficiente. Ela olhou a localização dos pregos: entre os olhos, acima da orelha esquerda, um em cada joelho, um no peito, um na mandíbula e um atrás da cabeça.

Marcas nos peitos, Avery pensou. Não é algo accidental. É o assassino sem poder se aguentar e se libertando. Então é um homem que aprecia o corpo de uma mulher, mas também é esperto o suficiente para não colocar seu DNA na cena. Além disso... não há pregos nos seios ou na areia vaginal. Se fosse um crime sexual estranho, isso seria tão esperado quanto triste.

Avery pensou em tudo, depois olhou para as fotos. A garota era muito linda. E mesmo que o sutiã não fosse nada revelador ou sexy, ainda assim mostrava o suficiente.

O assassino apreciava o corpo dela. Ele pegou nos seios. Ele também claramente não tem medo de sangue.

Em sua mente, ela contrapôs essas informações com o que sabia sobre os crimes de Howard Randall.

Sem sinais de carícias, abuso ou qualquer interesse no corpo das mulheres. Todas elas sempre com roupas. Excesso de sangue encontrado em apenas dois lugares e acredita-se que por conta da carótida ter sido afetada; o exagero de sangue naquelas cenas fora accidental, não de propósito.

E isso tudo se conectava com o que Diana Carver havia teorizado sobre Howard—que ele tentava evitar tocar nas pessoas a todo custo.

Não parece um assassino que iria arriscar satisfazer uma vontade no último minuto, ela pensou. Especialmente não quando ele tinha seu método baseado na ciência.

Avery assentiu e levantou-se da banqueta.

- Obrigado, Charlie. Terminei aqui.

- Você encontrou o que queria?

- Sim.
- Bom. Então agora suma daqui antes que você crie um problema para nós dois.

Havia apenas mais um lugar para ir e ela sabia que isso resultaria em um drama e muita gritaria. Mas Avery sentiu que tinha evidências suficientes para bancar sua teoria. Era hora de ir ao A1 e falar com Connelly antes que tudo saísse de controle—antes que a fixação da cidade por Howard Randall deixasse um assassino fugir sem suspeitas.

Mas ela também tinha que cuidar de Rose. E de Ramirez. Ela sabia que não era seu dever, mas sentia que precisava passar no hospital para vê-lo. Havia o deixado quase trinta horas antes e aquele já era o maior período longe dele desde que ele entrara em coma.

Ficar ao lado dele não vai cura-lo, Avery disse a si mesma. E Rose tem dois tiras estacionados do lado de fora do apartamento. Ela está mais segura do que você nesse momento.

Rapidamente, seguiu para o táxi, que ainda a esperava do lado de fora do escritório dos legistas. Quando entrou novamente no banco de trás, não perdeu tempo e logo lhe indicou o destino. Havia apenas um lugar onde ela poderia realmente contribuir com algo.

Mesmo com o inferno que sua presença poderia causar, Avery tinha que voltar ao A1.

CAPÍTULO NOVE

Avery mal havia saído do táxi e já foi reconhecida pela imprensa em volta do A1. Ela passou entre eles sem dar-lhes sequer um segundo de seu tempo. Quando caminhou a caminho da porta, olhando para frente e fazendo seu melhor para não se irritar com a bagunça, percebeu que a mídia estava ao menos a dando um pouco de espaço. Imaginou o quanto Connelly já havia gritado com eles àquela altura. Esse pensamento a fez sorrir, mas não a deixou mais esperançosa com a reunião não programada que ela estava prestes a ter com ele.

Quando finalmente chegou à porta, Avery foi cumprimentada por uma multidão de rostos em choque. Ela também viu algumas expressões familiares—aqueles que aparentemente pensaram que ela estava afastada apenas por seu passado. Para a maioria, no entanto, o sentimento no prédio era o mesmo.

Você está muito fodida agora.

Ela não disse nada a ninguém enquanto caminhou pela entrada até o corredor adjacente. Passou por alguns agentes uniformizados e depois viu Finley. Ele estava em pé à frente da porta de Connelly, falando com outro agente. Quando olhou para cima e a viu, ele pareceu assustado por um momento. Depois, pareceu se lembrar que estava, tecnicamente, acima de Avery na cadeia de comando desde que ela fora removida do caso atual e de tudo envolvendo Howard Randall. Ele desculpou-se com o agente com quem estava falando e aproximou-se dela com uma carranca no rosto.

- Que porra você está fazendo aqui? – Ele disse, tentando não chamar muita atenção. Já havia gente suficiente olhando para eles. A raiva na voz fez com que ele parecesse outra pessoa. Avery nunca havia visto Finley bravo de verdade antes.

- Preciso falar com você e com Connelly.

- Não. Você não pode simplesmente chegar aqui e fazer uma cena dessa!

- Que cena? Eu fui demitida? Foi dispensada? Não. Então tenho o mesmo direito de estar aqui do que você. Agora—

A cabeça de Connelly de repente apareceu na porta. A voz dela aparentemente tinha o tirado do sério. Como esperado, ele parecia nervoso. Ele franziu a testa e praticamente a destruiu com os olhos.

- Entre aqui agora – disse. Aparentemente, Connelly não tinha a mesma preocupação que Finley sobre as pessoas escutando a discussão entre eles.

Avery entrou no escritório. Sem poder fazer mais nada, Finley a seguiu. Ele fechou a porta e ficou no canto, como se esperasse que a ira de Connelly tomasse conta da sala.

Para a surpresa de Avery, Connelly fez um bom trabalho ao se manter o mais calmo possível. Ele respirou fundo várias vezes e sentou na cadeira atrás de sua mesa. Quando estava o mais confortável possível, olhou para ela e disse:

- Por que você está aqui?

- Porque eu tenho evidências suficientes para garantir que Howard Randall não matou Kirsten Grierson.

- Você está me dizendo que enquanto estava em casa, você conseguiu evidências que nós não conseguimos encontrar com mais de vinte homens trabalhando no caso?

- Parece que sim – ela disse.

A paciência dele estava acabando. Ele então inclinou-se para frente com uma expressão falsa de desgosto no rosto. Com um sorriso torto, disse:

- Por favor, me diga como você descobriu isso. E quando terminar, por que você não me diz porque diabos você está tão determinada em separar esse maníaco desse caso?

- Já que estamos fazendo perguntas – Avery disse, - eu gostaria de saber por que você está sendo tão insistente em me deixar fora desse caso. É por que eu sou muito próxima a ele? É por que você tem medo da condição do Ramirez estar me afetando? Ou você só está preocupado com a imprensa marrom?

- Eu não me importo quão próxima você é dele – Connelly disse. – Mas sendo honesto, sim... é o tipo de situação que a mídia cai em cima. Eles vão soltar alguma história sádica sobre isso. Eles vão conectar você e Randall de algum jeito e não só você vai ser afetada por isso, mas a porra divisão inteira vai ser também! Você não liga para isso?

- Claro que eu ligo – ela gritou. – E se você se importasse tanto quanto eu, você saberia que me tirar do caso é a coisa mais tola que você poderia fazer. Eu sei que o seu amigo prefeito deu essa ordem, mas ele não está no escritório o tempo todo, nem nas cenas dos crimes. Ou está?

Connelly esfregou seu rosto e olhou para sua mesa.

- Avery... Você tem exatamente cinco minutos para me dizer o que você *acha* que encontrou. Se você levar um segundo a mais que isso, eu vou expulsar você do prédio.

- Kirsten Grierson foi assassinada brutalmente. Havia marcas também nos peitos delas que sugerem que ela foi pelo menos acariciada durante o crime. Ela também estava de calcinha. A única coisa similar nesse cenário todo é que ela era uma universitária bonita de vinte e um anos.

- Errado – Connelly disse. – Você esqueceu do detalhe mais importante. É o fato de que ela está morta.

- Você sabe que eu estou certa – Avery disse. – Você só está cego pela paranoia da cidade.

- Não me diga que—

- Não tire tempo dos meus cinco minutos – Avery o interrompeu. – Agora... todo aquele sangue. A natureza macabra do crime. Grosseria demais, além do limite. A natureza brutal foi intencional. Agora olhe para as vítimas de Howard Randall e me diga quando ele agiu desse jeito. Todas as vítimas dele tinham no máximo um ou dois ferimentos. Simples. Claro, preciso. É quase como se ele odiasse sangue—como se ele não quisesse nem tocar nas vítimas.

- Eu não sou idiota – Connelly disse. – Eu pensei nisso tudo. Mas as coisas se encaixam. Duas semanas depois da fuga dele, uma universitária bonita aparece morta. Talvez ele mudou na prisão. Talvez o confinamento mudou algo nele.

- Não – Avery disse. – Lembre-se, eu encontrei com ele algumas vezes.

- Eu sei muito bem disso – Connelly respondeu.

- Ele era o mesmo homem que eu tinha defendido como advogada.

Quaisquer peculiaridades estranhas que ele tinha quando matava... ele ainda tinha. Ele não mudou. Não *tanto* assim.

- Ok, então vamos dizer que Howard Randall não matou Kirsten Grierson. Você tem alguma ideia de quem matou?

- Não. Mas seria simples construir algum tipo de perfil. Pode ser alguém de Harvard. Talvez algum imitador que tem muita sede de sangue para fazer a coisa certa. Talvez é alguém matando em reverência a Howard—motivado pela fuga dele. Talvez tentando impressiona-lo... tentando chamar a atenção dele.

- São boas teorias – Connelly disse.

De seu lugar, no canto da sala, Finley assentiu, concordando.

- Mas você sabe o que faz ainda mais sentido? – Connelly perguntou. – Howard Randall—um conhecido assassino de universitárias na área de Boston, escapa da prisão. Duas semanas depois, uma universitária da área de Boston é morta. É uma equação simples. Tudo aponta para Randall.

- Você está sendo cabeça fechada de propósito nisso – ela disse.

- Não. *Você* está tentando mudar as coisas só por causa de qualquer porra de conexão que você tem com ele.

Avery engoliu todos os xingamentos que vieram a sua boca. Ela apertou os punhos, fumegando de raiva.

- Além disso – Connelly disse, - você não vai ter que se preocupar muito tempo. Estamos trabalhando com uma pista desde de manhã—não que você tenha algo a ver com isso.

- Qual pista?

- De um condomínio. Dois inquilinos dizem ter visto um homem que tem o semblante de Howard Randall caminhando pelo prédio antigo no fim da quadra deles. Esse prédio antigo por acaso é onde uma das vítimas de Randall foi encontrada.

- Ok então, vamos lá – ela disse.

- Tarde demais – Connelly respondeu. Ele olhou para o relógio e continuou. – Temos uma equipe indo para lá agora. Eles devem estar chegando em três minutos.

A raiva de Avery tornou-se um choque. Ela ficou ali, em pé, em silêncio, enquanto Connelly colocou um fone e se conectou com um dos agentes para escutar enquanto eles seguiam as ordens.

CAPÍTULO DEZ

A dezoito quilômetros da sede do A1, onde Avery e Connelly estavam discutindo, O'Malley saía rapidamente de sua viatura. Três outros carros haviam chegado atrás dele, todos parando silenciosamente. Ele esperou um pouco para que todo mundo sáísse dos carros. Incluindo O'Malley, havia cinco agentes no total.

Todos haviam estacionando no lado sul da Commerce Street, adjacente a um condomínio decadente. Alguém daquele condomínio havia ligado para o A1, seguido por outro menos de oito minutos depois. Aparentemente, havia uma boa chance de que Howard Randall estivesse escondido no armazém que ficava na esquina da Commerce Street—o mesmo armazém para onde O'Malley estava indo com os outros quatro agentes.

Era quase meio-dia, então as ruas não estavam tão quietas quanto O'Malley gostaria, mas estava tudo bem. Aquela era uma parte abandonada da cidade—não uma parte na qual vários trabalhadores entupiriam as ruas para aproveitar seus minutos de almoço. O pavimento quebrado debaixo de seus pés e o lixo espalhado ao lado do armazém eram uma clara indicação da falta de cuidado e atenção dada àquela área.

O'Malley olhou para trás, para sua equipe. Aquela era a escalação que ele havia pedido—todos os agentes que ele conhecia e confiava. Ele sabia que Connelly estava tecnicamente lá também, escutando e presenteando tudo ao vivo através do ponto em seu ouvido.

Quando O'Malley assentiu com a cabeça, o agente no fim da linha respondeu o aceno e se separou do grupo. Ele movimentou o braço e seguiu rodeando o armazém, indo para a porta dos fundos. O nome dele era Mitcham e seu dever era pegar qualquer pessoa que tentasse fugir pelos fundos... chamada Howard Randall.

O'Malley então preparou-se e caminhou em direção à porta da frente do armazém. Era uma porta de metal antiga que poderia ser empurrada. Estava coberta de marcas de grafiteiros. Ele apontou para o agente a seu lado e depois para a porta, fazendo um gesto de abertura.

O agente segurou a maçaneta e olhou para O'Malley, esperando por um sinal.

O'Malley fez um movimento com o braço, respirou fundo e olhou para os outros três. Ele deu mais cinco segundos para que Mitcham chegasse ao

outro lado e depois assentiu.

O agente abriu a porta rapidamente e O'Malley entrou com a rapidez e agilidade que ele sabia que ainda tinha, mas raramente utilizava.

O prédio era uma sala grande, mas fragmentos de deterioração das paredes podiam ser vistos no chão.

No centro do armazém, havia uma pessoa pendurada por uma corda em uma viga. A corda estava amarrada em volta do pescoço e o corpo estava pendurado, com o rosto virado contra eles.

Um suicídio, O'Malley pensou. O maluco se matou.

Ele olhou novamente em volta do lugar, vendo que os outros três homens que o acompanhavam estavam fazendo o mesmo. Quando tiveram certeza de que estavam sozinhos—com exceção do homem pendurado que O'Malley esperava que fosse mesmo Howard Randall—ele falou.

- Chefe, está aí? – Ele perguntou.

Ele escutou Connelly responder no ponto, surpreendentemente rápido.

- Sim, vocês entraram?

- Sim – ele disse, caminhando em direção ao corpo. – Tem um corpo aqui. Aparentemente um suicídio, pendurado com uma corda em uma viga.

- É ele? – Connelly perguntou claramente animado. – É o Randall?

O'Malley se aproximou do corpo. Estava pendurado a pelo menos três metros acima de sua cabeça. No momento em que tentou imaginar como o homem tinha chegado ali, ele viu o rosto.

Estava sorrindo.

Fora desenhado com um canetão vermelho. A “cabeça” era um saco velho de serapilheira. Ela olhava para ele, como se fosse uma brincadeira.

Havia um pequeno sinal em volta do pescoço. Era feito de cartolina e as palavras haviam sido escritas com o mesmo canetão que tinha desenhado o rosto e dizia: **IDIOTAS! EI, COMO VAI MEU GATO?**

- Merda! – O'Malley gritou.

- Que foi? – Connelly perguntou.

- Ele está nos enganando – ele disse. – É um boneco. Ele pendurou um boneco para nos provocar. Tem um bilhete. Fala de um gato. E parece que... sim, parece que o bilhete está amarrado ao boneco com o mesmo elástico preto que estava no tijolo na casa da Black.

- Feito de propósito – Connelly disse.

- Parece que sim.

- Quero que você vá ao condomínio e pegue os caras que ligaram. Se eles te causarem o *mínimo* problema, prenda-os e traga-os aqui. Eu mesmo vou cuidar disso se for preciso.

- Sim, senhor – O'Malley disse.

Frustrado, O'Malley baixou a arma e olhou de volta para o boneco. Estava vestido com uma camiseta e calças. Ele tinha certeza que quando eles o cortassem, encontrariam ele cheio de palha ou jornal velho. O boneco ainda olhava sem vida, com seu sorriso vermelho.

O'Malley sabia que seria imaturo, mas não conseguiu se conter. Ele mostrou ao boneco seu dedo do meio ao seguir para dar a notícia a Mitcham.

CAPÍTULO ONZE

Avery havia saído da sala quase que exatamente após Connelly terminar a ligação com O'Malley e sua equipe. Ela havia ido direto para o banheiro e se trancado sozinha em uma das divisões. Sentou-se na privada com a tampa abaixada, usando o local apenas como seu escritório privado, querendo pensar no assunto sem ser interrompida pelas perguntas e teorias de Connelly.

O sinal no boneco claramente mostra que o homem que arremessou o gato, o tijolo e o bilhete é o mesmo de agora. E de acordo com o bilhete que ele jogou pela minha janela, ele está interessado em vir atrás de mim. O bilhete diz “não posso esperar para ver você de novo”.

Mas não há uma conexão sólida entre o assassino de Kirsten Grierson e os bilhetes ou o boneco. Poderiam ser duas pessoas diferentes e nós estamos desesperados para conecta-los. Com certeza isso tornaria tudo mais fácil. E seria mais fácil ainda se a pessoa por trás de tudo isso fosse Howard Randall.

Ela pensou no que sabia sobre o caso Kirsten Grierson e sobre os dois bilhetes. Procurou uma conexão, mas não encontrou—principalmente porque não havia informação suficiente sobre a identidade do homem que havia colocado o boneco e jogado o gato pela janela.

Infelizmente, Avery tinha certeza que a culpa pelo boneco que havia feito a polícia de idiota seria apontada para Howard. E que aquilo faria a cidade demandar ainda mais que ele fosse pego. Ela supostamente entendia a necessidade de culpar Howard, mas se todos estivessem errados, eles estariam comentando um equívoco enorme que não poderia ser desfeito.

Quando clareou sua mente, Avery voltou ao escritório de Connelly. Ele havia direcionado sua raiva por ter sido feito de idiota com o boneco para aqueles que haviam telefonado do condomínio. Naquele momento, a equipe de O'Malley estava os perturbando, perguntando porque eles haviam feito uma denúncia falsa.

Quando Avery entrou no escritório, Connelly a olhou por de trás de sua mesa. Havia fúria em seus olhos, mas ela também pode ver medo naquele olhar. Ela tentou se colocar no lugar dele, imaginando como seria não poder tranquilizar a cidade quando um maluco estava à solta e um *serial killer* que

recém havia escapado poderia estar por trás de tudo. Ela teve um pouco de pena dele.

- Então, o que você acha do que aconteceu no armazém? – Connelly perguntou.

- Acho que foi algo intencional – ela respondeu. – Não acho nem que o assassino esteve lá. Foi um erro tolo, simplesmente. O assassino está rindo de nós... se divertindo.

Connelly mexeu em seu telefone, abriu algo e a entregou. Ela viu uma foto do armazém, enviada por O'Malley. Era uma foto do boneco pendurado de frente. Um sorriso vermelho apontava para baixo. A mensagem ao redor do pescoço podia ser perfeitamente vista.

IDIOTAS! EI, COMO VAI MEU GATO?

Talvez fosse o jeito de sua mente trabalhar—ou talvez ela já estivesse trabalhando com Connelly tempo o suficiente para saber o que ele estava querendo saber.

- É a mesma letra do bilhete do gato – ela disse. – É a mesma pessoa.

- Howard Randall – Connelly disse com muita certeza.

- Não necessariamente – Avery disse. – Com todo respeito, senhor, setou ficando cada vez mais certa de que Howard Randall não matou Kirsten Grierson.

Avery viu que ele queria explodir e avançar nela. Mas ele se manteve calmo, e, ao invés disso, disse:

- Bom, que bom que você não está no caso, né?

- Acho que sim – Avery respondeu. Ela quase deu a ele um conselho, uma ideia que veio a sua mente quando viu a foto do boneco e da mensagem. Mas por interesse próprio (e também um pouco por rancor), não disse nada. Resolveu pesquisar sozinha quando voltasse para casa.

- Você precisa de mim para algo mais? – Ela perguntou, quase sussurrando.

- Não. Estamos bem por enquanto.

A tensão e animosidade entre eles era grande. Avery podia sentir na sala algo como uma estranha umidade. Sem dizer mais nada, ela se virou e saiu. Fora do escritório, respirou profundamente e pensou em suas opções. Olhou para o relógio e viu que eram 2:25.

Imagino quão difícil seria para mim sair daquele armazém vazio sem ser vista.

Era um pensamento tentador, mas ela tinha certeza de que a ida até lá não valeria o risco. E aquilo a levou ao mesmo pensamento que tivera na sala de Connelly.

A caligrafia no bilhete e no boneco é a mesma. Existe algum jeito de conseguir um amostra da letra de Howard Randall?

Naquele momento, Avery percebeu que aquela era a coisa mais produtiva que ela poderia tentar descobrir. E aquilo teria começar pelo apartamento de Ramirez, onde ela deixara o material do caso Howard Randall.

Primeiro, no entanto, era preciso ir de volta à casa de Rose—e isso significava entrar no prédio sem ser vista.

Mas perto de tudo o que havia acontecido nas últimas seis horas, aquela não parecia uma tarefa tão difícil.

Sabendo que não haveria comida no apartamento de Ramirez e que Rose raramente tinha muita comida em seu apartamento, Avery parou em uma conveniência e pegou alguns sanduíches para o jantar. Ela pegou um táxi até a conveniência, mas decidiu caminhar as últimas seis quadras até o apartamento de Rose. Caminhando, entrar pelos fundos do prédio seria muito mais fácil do que com um táxi. Ela também lembrou que quem estivesse na vigilância da casa de Rose poderia ver o táxi e achar aquilo suspeito. Só Deus sabia que tipo de instruções insanas Connelly havia dado aos agentes que ele deixara fazendo esse serviço.

Não que ela achasse ruim a decisão de manter a vigilância. Um gato morto pela janela era algo ruim o suficiente... mas quando havia uma mídia desesperada envolvida no caso, ela sabia que as coisas poderiam ficar perigosas.

Eram 3:10 quando Avery estava a duas quadras dos fundos do prédio de Rose. Ela pensou em ligar para a filha para avisar que chegaria logo. Com tudo o que estava acontecendo, queria que Rose soubesse o que era qualquer barulho na porta ou lá fora. Rose não se assustava facilmente, mas ela costumava fazer tempestades em copos d'água. No fim das contas, Avery achava que Rose estava lidando muito bem com aquilo tudo.

Ao chegar ao terreno nos fundos do prédio de Rose, Avery pegou seu telefone, jogando a sacola com os sanduíches para a outra mão. Havia

apenas três carros e um caminhão de manutenção da cidade estacionados ali, além de uma grande lixeira azul, do prédio, e uma pequena pilha de papelão pronta para a reciclagem.

Não havia nenhuma van da imprensa ou carro suspeito—o que significava que ninguém havia descoberto sua localização.

Avery procurou o número de Rose no celular.

Antes de ligar, ela viu uma forma vindo de trás da lixeira azul. Com as duas mãos ocupadas, estava praticamente indefesa.

Ela largou a sacola de sanduíches, mas antes de conseguir se preparar, já era tarde. A forma—que, agora vendo claramente, era um homem de casaco—colocou uma mão em sua boca enquanto a outra pegou sua mão livre e a empurrou para frente. Ela tentou lutar e quase soltou seu braço, mas o homem a surpreendeu passando a perna e a levando ao chão.

Avery tentou manter a cabeça longe de bater no cimento, mas o vento a atrapalhou. Seu telefone caiu no chão. Ela ouviu ao longe. O homem havia sido e continuava sendo rápido. Ele colocou um braço em volta da cabeça dela, com o queixo de Avery encaixado em seu cotovelo. Ele rapidamente a encurralou em um pequeno espaço entre o prédio e a parte de trás da lixeira azul.

Quando conseguiu recuperar um pouco do ar, Avery tentou livrar seu braço, mas não conseguiu. O homem havia a trancado com seu joelho direito na parede do prédio, com as costas dela pressionadas contra os tijolos.

A mãe dele pressionava a boca dela com força, dificultando ainda mais a respiração. Os instintos de Avery começaram a aparecer. Ela se acalmou, sabendo que lutar naquele momento só deixaria as coisas piores. Ficar calma pelo menos faria com que ela entendesse melhor a situação.

Se ele não me matou ainda, ele não quer fazer isso. Ele quer outra coisa. Então pare de lutar... se acalme.

Era mais fácil falar do que fazer.

Especialmente quando o homem tirou seu capuz e se revelou.

Avery se viu olhando olho no olho para Howard Randall.

CAPÍTULO DOZE

O pânico quis tomar conta da situação, mas Avery o controlou—não sem ficar chocada com a situação.

- Boa garota, Avery – Howard disse.

Os narizes dos dois estavam praticamente se tocando e, quando ele olhou dentro dos olhos dela, ela viu quase um olhar apaixonado.

- Desculpe por ter sido sorrateiro – ele disse, - e duro. Mas eu acho que você pode entender meus motivos. Agora... antes de eu tirar minha mão da sua boca e meu joelho do seu peito, eu quero fazer duas perguntas. Primeiro... você tem medo de que eu vá te matar agora?

Avery ficou surpresa ao perceber que poderia responder sem reservas. Ela balançou a cabeça devagar.

- Certo – ele disse. – E você acha que eu posso te raptar?

Novamente, ela balançou a cabeça. A ideia de que Howard Randall pudesse ter qualquer interesse sexual em qualquer pessoa não fazia sentido pelo que ela sabia.

- Bom – ele disse. – Então... vou tirar minha mão da sua boca. Se você gritar, eu não vou te matar. Eu *vou*, no entanto, dar um jeito nos dois tiras que estão te vigiando. E depois vou matar sua filha. Você acredita?

Ela achou que aquilo fosse algo muito rude para ser dito por Randall. Não acreditava que ele tinha força física para derrubar dois tiras. Mas a ideia das mãos dele em sua filha—ou mesmo apenas seus *olhos*—a deixavam nervosa. Então ela não teve escolha, senão assentir.

- Muito bem – ele disse, sorrindo.

Howard tirou a mão da boca de Avery. Ela sentiu o alívio na mandíbula e instantaneamente perguntou:

- O que você quer?

- Quero a polícia longe do meu rastro – ele disse. – Você é esperta, Avery. Eu tenho certeza que você já percebeu que eu não tenho nada a ver com a morte daquela garota. Certo?

Ela assentiu.

- Sim. Mas acho que sou só eu.

- Então trabalhe mais duro. Convença eles.

- Apenas saia da cidade – ela disse. Depois, percebeu que ele ainda não havia tirado o joelho de seu peito. Aparentemente, ele não acreditava muito

nela.

Ou talvez ele acredite, ela pensou. Eu poderia chamar reforço. Ou, se ele me deixar ir, eu poderia atirar no joelho dele, algema-lo, e ligar para Connelly. Então por que ele está aqui? Talvez...

Mas ele falou antes que ela pudesse concluir o pensamento.

- Eu estava indo – ele disse. – Estava mesmo. Mas... Bem, esse novo assassinato é algo bizarro. Você não está no caso, certo?

- Como você sabe?

- Eu sei porque seus amigos da polícia são terrivelmente previsíveis. Eles estão tentando colocar a culpa em mim. E eu sei que eles nunca colocariam você nessa. Mesmo assim, pelo que eu estou vendo, a mídia está tentando fazer isso com todas as forças.

- Mas você—

- Não tenho tempo para conversa boba – Howard disse. – Escute. Eu não matei aquela agora. E eu com certeza não joguei aquele gato morto na sua janela—ainda que tenha sido um ato inspirador de alguém. É algo muito rude para mim. E o que o assassino fez com aquela garota com a pistola de pregos... não se faz. Isso diminui o ato. Transforma num truque teatral mais do que numa simples morte.

- É só por isso que você está aqui? – Avery perguntou. – Você só arriscou seu pescoço para ter um minuto de conversa comigo?

- Claro que não – ele respondeu. – Já que seu batalhão de polícia não consegue ver esse assassinato do jeito certo, eu percebi que é meu dever ajudar... já que você *sempre* vem até mim pedindo ajuda quando um caso precisa muito de você. Estou aqui para ajudar, detetive. Estou aqui para te salvar se você precisar ser salva.

- Você sabe quem fez isso? – Ela perguntou.

Howard apenas encolheu os ombros e sorriu.

- Poderia ser só um fantasma. Alguém que você não pode tocar, talvez. E parece ser um fantasma que pode querer me assombrar também.

- Seus enigmas não vão dar certo agora – Avery disse.

- Meus enigmas são tudo o que você vai ter – ele disse. – E é melhor você gostar deles.

- Vá a merda.

Howard colocou um pouco mais de pressão no joelho, apertando Avery mais forte contra a parede. Ela soltou um pequeno gemido de dor.

- Agora – Howard disse. – Não seja uma vadia mal agradecida. Eu estou indo, Avery. Vou confiar em você. Além disso, eu sei que você vai entender, mas tenho que fazer isso...

Algo a atingiu pelas costas e depois a mão dele estava em sua boca novamente. Mas não apenas na mão. Havia um cheiro forte. Algo químico. Álcool e algo a mais. Em um pano. Ela não conseguia mais respirar... não conseguia...

Clorofórmio...

O coração de Avery se encheu de adrenalina e ódio quando Howard vagarosamente saiu. Quando ele a largou, ela tentou levantar, mas o clorofórmio já estava agindo. Ela imediatamente caiu ao lado da lixeira. Suas mãos tentaram pegar a arma mas, ao invés disso, caíram no chão.

A última coisa que Avery viu antes de apagar ao lado do prédio foi a forma sombria de Howard Randall atravessando casualmente o terreno.

Quando abriu os olhos, Avery logo sentiu uma pequena dor de cabeça. Devagar, os eventos da tarde foram chegando à sua mente. Quando relembrou tudo, ela estava mais envergonhada do que qualquer outra coisa. Ela não conseguira parar Randall, mas mesmo assim sentia que simplesmente deixara Howard fugir.

Quando levantou, suas costas doeram um pouco onde ele havia pressionado o joelho. Aquilo fez parece quase como se ele ainda estivesse ali. Pelo que ela sabia, ele poderia estar.

Ele apareceu só para me dar aquela pista? Aquele enigma?

Ou ele apareceu por que a pressão da polícia está o atingindo? Ele está assustado?

Os dois pensamentos pareciam certos, e ela supôs que o correto era um pouco dos dois. Ainda assim, nenhuma opção a fazia sentir melhor naquele momento. Ainda se recompondo, ela pegou a sacola de sanduíches e seu telefone do chão. Olhou a hora e percebeu que ficara desmaiada por cerca de vinte minutos, fazendo-a acreditar que ele havia a feito respirar uma pequena dose de químico.

Avery esperou até estar totalmente estável antes de ligar para Rose abrir a porta dos fundos para ela. E mesmo quando levantou, ela ainda se sentia balançada.

Mesmo quando entrou no prédio dois minutos depois, com Rose a seu lado, Avery se viu olhando pelo ombro da filha, certa de que Howard Randall estava espiando por algum lugar ali perto.

CAPÍTULO TREZE

Elas jantaram cedo, e Avery não conseguiu comer todo seu sanduíche ainda nervosa pelo susto que havia passado atrás da lixeira. Enquanto comiam, ela contou a Rose o que acontecera, apenas porque sabia que teria que contar a Connelly. Ela duvidava que isso ajudaria a convence-lo e também sabia que ele a condenaria por deixá-lo escapar. Porém, se deu conta de que poderia mudar um pouco a verdade quando o assunto fosse aquele.

- Mãe, não é seguro – Rose disse depois de Avery descrever o que acontecera nos fundos do prédio. – Ele sabia que você estava aqui. Ele estava te seguindo. Tudo está saindo do controle.

Mesmo que Rose estivesse exagerando um pouco, Avery sabia que ela não estava errada. Sua atenção estava dividida entre o novo assassino—presumidamente o homem que deixara o boneco e jogara o gato morto—e a tentativa de redirecionar as atenções da polícia para longe de Howard Randall. E ela estava tendo que fazer tudo aquilo sem os recursos do A1.

E sem a ajuda de Ramirez.

Ainda assim, ela decidiu ligar para Connelly antes que ficasse ainda mais perdida. Contou a ele as mesmas informações que havia dito a Rose. Rose escutou tudo de seu lugar no balcão da cozinha, parecendo ao mesmo tempo assustada e irritada. Quando a ligação foi encerrada, Rose olhou para sua mãe de um jeito que fazia Avery lembrar-se muito de quando a filha tinha treze ou quatorze anos—aquela fase em que a garota em fase de amadurecimento criticava tudo com uma carranca permanente na expressão.

- Então onde você vai agora? – Ela perguntou.

- Você tem que vir comigo, para o A1 – Avery disse. – Sawyer e Dennison estão aí fora. Eles vão nos levar até o departamento.

- Pensei que eles não iam deixar você trabalhar nesse caso – Rose disse.

- E não vão. Acho que eles pensam que é mais seguro e conveniente se eu estiver lá.

- Então por que eu tenho que ir?

- Porque Howard Randall sabe onde você mora. E mesmo que eu não ache que ele realmente te mataria, acho que ele *poderia* fazer algo para me atingir. Então você não pode ficar sozinha agora.

- Estamos muito fodidas, mãe.

- Eu sei – Avery disse. – Agora venha. Estou feliz em saber que sua primeira vez em um departamento de polícia será como convidada da sua mãe.

Na sede do A1, Avery contou uma versão um pouco resumida do que acontecera nos fundos do apartamento de Rose. Disse tudo em frente a muitos homens, todos sentados na sala de conferências: Connelly, Finley, O'Malley, Sawyer e Dennison. Rose também estava sentada, mas mexia nervosamente nos cantos de seu celular.

Avery resolveu falar a verdade sobre os eventos da manhã e acabou sendo honesta sobre o que havia feito—sua ida a Harvard e ao escritório dos legistas antes de ir ao A1. As coisas mudaram um pouco quando ela contou sobre ter sido pega por Howard. Quando falou sobre isso, disse que estava pegando o telefone quando foi atingida por trás. Disse que Howard a pressionou com força contra a parede, o que acabou fazendo uma marca em seu peito (eles não precisavam saber que ele a pressionara com o joelho atrás da lixeira). Depois, contou-lhes apenas fragmentos do que fora dito. Disse a eles que Howard havia dito que era inocente tanto do assassinato recente quando do tijolo na janela. Depois, disse a ela que ficasse contra a parede com as mãos atrás da cabeça enquanto ele fugia, ou ele iria pessoalmente matar Rose.

Quando tudo foi dito, os homens na mesa olharam uns para os outros. Avery podia praticamente escutar as perguntas se formando em suas mentes.

O'Malley foi o primeiro a perguntar.

- Ele disse algo sobre o boneco e o armazém?

- Nada. Nada mesmo. Talvez ele nem sabia sobre isso.

- Não fale besteira – O'Malley disse.

- Não entendo – Connelly disse. – Por que ele se arriscaria? Por que diabos ele te atacaria?

- Porque é isso o que ele faz – O'Malley disse. – Porque ele é violento. É um assassino.

- As duas coisas são verdades – Avery disse. – Mas pense. Ele teve a chance de me matar. Não sei se ele tinha uma arma ou não, mas com certeza

ele me tinha sob controle. Se ele quisesse me machucar, teria a chance perfeita. E depois teve a pista que ele me deu.

- Que pista? – Finley disse.

- Que nós podemos estar indo atrás de um fantasma—alguém que não posso tocar. E pode ser um fantasma que pode querer assombra-lo também.

- E que merda essa porra significa? – Connelly perguntou.

- Não sei ainda – ela disse. – Quando encontrei ele algumas vezes na prisão, era sempre assim que ele me dava as ideias sobre os casos. Era sempre um enigma. Algo que eu tinha que trabalhar em cima.

- Talvez seja só um enigma para nos distrair? – Dennison opinou.

- Ou pode ser algo como o armazém e o boneco – O'Malley disse. – Talvez seja só um outro jeito de nos fazer perder tempo.

- Não acho – Avery disse. – Não é do tipo dele.

- Você pode continuar dizendo isso – Connelly disse. – Mas até que você venha até nós com evidências fortes, não podemos—

- Como eu vou conseguir fazer isso se você não me deixa estar oficialmente no caso? – Ela o interrompeu.

Connelly estava claramente irritado e buscando uma resposta apropriada quando a porta da sala de conferências se abriu. Todos os olhos se voltaram para aquela direção e viram o Prefeito Greenwald entrar. Ele entrou como se fosse o dono do lugar.

Acho que tecnicamente ele é, Avery pensou.

Os olhos de Greenwald primeiro procuraram Connelly, mas quando ele viu Avery à mesa, seu rosto pareceu se colorir com três tons de vermelho. Ele bateu a porta e não perdeu tempo em deixar os presentes saberem como ele estava se sentindo.

- Eu não fui perfeitamente claro? – Ele gritou. Seus olhos foram de Connelly a Avery e voltaram. – Avery Black *não pode estar em nenhuma posição nesse caso!*

- Ela não está – Connelly disse. Ele não parecia com medo, mas Avery podia ver que ele estava escolhendo suas palavras com muito cuidado. Era estranho vê-lo daquele jeito. – Como você foi informado ontem, ela foi colocada sob vigilância. Tivemos que trazê-la para cá hoje porque, cerca de uma hora atrás, ela foi atacada nos fundos do prédio de sua filha.

- Por quem? Randall?

- Sim – Connelly respondeu.

Porra, Avery pensou. As coisas teriam sido muito mais fáceis se eu tivesse mentido sobre isso.

- E como, exatamente, esse canalha pegou aquela que me disseram que é a melhor detetive do A1?

Sua carranca e raiva viraram-se na direção de Avery. E da maneira que ele a olhou, ela simplesmente não pode se conter. Todo o medo e frustração que sentira nos últimos dois dias, atrelados ao sofrimento não resolvido de Ramirez, vieram à tona como uma vulcão em erupção.

- É porque você insiste em achar que sabe mais do que a polícia – ela disse. – Ele me atacou porque ao invés de colocar seu rabo metido na rua para achar alguma resposta, você me acorrentou como um cachorro em um poste. Então estou um pouco fora do jogo. Um pouco distraída.

- Se você não mudar o tom comigo, vou usar seu distintivo como uma porra de um peso de papel – Greenwald disse. – Você entendeu?

- Um peso de papel para que? – Ela perguntou. – Para mim parece que você está muito mais ocupado se intrometendo em casos dos quais você não sabe merda nenhuma do que com seu trabalho de verdade. Para começar, por que não ver o que está acontecendo nas suas prisões? Como alguém como Howard Randall consegue escapar, afinal?

Greenwald parecia chocado e surpresa. A raiva diminuiu, como se ele não estivesse acostumado a ter pessoas falando com ele daquela maneira. Enquanto ele procurava uma resposta e o resto da sala esperava quieta, Avery sentiu seu telefone vibrar no bolso.

Ela olhou para o aparelho, certa de que aquilo enfureceria o Prefeito Greenwald ainda mais.

Era uma ligação do hospital.

Ramirez.

Avery levantou e quase esbarrou no prefeito para chegar à porta.

- Onde você pensa que está indo? – O prefeito perguntou.

Ela o ignorou completamente, olhando sobre o ombro dele para Connelly e O'Malley.

- É do hospital – ela disse, demonstrando medo na voz.

Connelly assentiu e disse:

- Vá. Dennison e Sawyer, vocês podem escolta-la?

- E Rose também – Avery disse.

Ela seguiu para a porta, com Rose se levantando ao ver Dennison e Sawyer a seguirem. O prefeito Greenwald apenas olhou, confuso, perdido

pelo fato de as coisas obviamente não terem se saído como ele planejava.

No caminho de saída, Avery o escutou continuar gritando, mas não deu ouvidos. Ela estava muito ocupada em atender à ligação do hospital. Atrás dela, os gritos de Greenwald já eram só um barulho distante que mais parecia um trovão.

Mas aquilo a ajudou a perceber, também, que havia uma tempestade a caminho.

CAPÍTULO QUATORZE

Avery não havia nem sequer pedido para Rose ficar um pouco atrás quando eles chegaram ao quarto andar. Sem dizer nada, Rose seguiu para a sala de espera com Dennison e Sawyer e Avery apressou-se até o quarto de Ramirez. Quando aproximou-se da porta, a breve conversa que tivera com o médico pairava como uma brisa em sua cabeça.

Ele está consciente. Está respondendo a estímulos básicos e a única coisa que ele disse é que quer ver você. Eu disse a ele que você esteve aqui por quase duas semanas, mas precisou sair. Ele achou engraçado. Acho que você deveria vir vê-lo assim que possível.

Aquela conversa acontecera dezessete minutos antes. Sawyer dirigira com as sirenes ligadas e havia ultrapassado todos os sinais vermelhos. E agora ela estava ali, na porta do quarto de Ramirez. Quando entrou, Avery não entendeu porque seus olhos lacrimejaram. Mas ela nem se importou em secar as lágrimas.

Ele a viu imediatamente. Mexeu seu pescoço levemente para vê-la, mas era claro o esforço que ele precisava fazer. Ela foi até o lado da cama e ficou impressionada ao ver quão mais vivo ele estava agora, simplesmente por estar com seus olhos abertos.

- Ei – ele disse, com a voz soando quase como um sussurro.
- Ei – ela respondeu, pegando na mão dele. – Você está bem?
- Me sinto meio engraçado. Grogue. O médico diz que as coisas estão indo bem. Um pouco devagar no quesito psicológico.
- Desculpe por não estar aqui quando você acordou – ela disse. – Eu estava—

- Não. O médico me disse que você ficou aqui o dia todo quase treze dias seguidos. Isso foi algo bobo. Por que?

Porque a enfermeira achou o anel, ela pensou. Mas, ao invés disso, tentou ser engraçada, apesar do tom sério.

- Não tinha nada melhor para fazer, eu acho.

Naquele momento, então, finalmente permitiu-se secar as lágrimas. Elas ainda estavam caindo, apesar de terem diminuído.

- Então... no que você está trabalhando agora? – Ele perguntou.
- Não vou falar sobre isso agora – ela disse, ainda que uma parte de si quisesse muito. Mas não naquele momento, é claro. Não depois de ele ter

estado quase em coma por duas semanas.

- Seria mais interessante do que eu tenho feito pelas últimas duas semanas – Ele riu com sua própria piada e claramente sentiu um pouco de dor.

- Quer que pegue algo para você? – Ela perguntou.

- Gelo, talvez.

- Sim, Eu posso—

- E um beijinho – ele disse. – Mas eu já peço desculpas pelo meu hálito.

Ela lhe deu um beijo, feliz. Foi no canto da boca e Avery sentiu Ramirez tentando responde-lo, mas quase sem forças.

Quando o beijo foi interrompido, ela saiu do quarto e foi até a sala das enfermeiras, no fim do corredor. Pegou um pequeno copo de gelo e trouxe ao quarto dele. No minuto em que ela ficara ausente, no entanto, Ramirez havia adormecido.

O coração de Avery acelerou, com medo de que ele tivesse entrado novamente no estado de coma. Mas quando chegou perto da cama, ela viu que era um sono natural. Não tinha certeza de como sabia, mas a vaga diferença no rosto dele—mais natural e relaxado—era o suficiente para tranquilizar sua mente.

Ela puxou a cadeira que tinha usado tanto nas últimas duas semanas e simplesmente o olhou por um momento. Sabia que teria muitas coisas para lidar logo, mas se deu conta de que tudo poderia esperar por dez minutos ou um pouco mais.

Naquele momento, ela só queria olhar para Ramirez. Ele estava vivo. Ele tinha conseguido.

Tudo ficara diferente de repente, e Avery não tinha certeza se aquilo era algo bom ou ruim.

Após falar com Connelly no telefone, Avery havia pedido para que Rose fosse escoltada de volta ao apartamento de Ramirez por Sawyer e Dennison. Connelly concordara, mas apenas se Avery ligasse pedindo escolta quando decidisse deixar o hospital. Rose saiu prontamente, mas ainda parecendo um pouco perdida e inconformada. Avery não gostava da ideia de ficar separada da filha, mas não sabia o que fazer. Ela pensou em falar com Ramirez e ele entenderia se ela deixasse o hospital na tarde seguinte.

A tarde se transformou em noite e médicos e enfermeiras entravam e saíam do quarto. A cada visita, mais notícias boas pareciam chegar. Os médicos apressaram-se em dizer que Ramirez teria uma longa estrada de recuperação pela frente, mas todos os sinais indicavam que ele já não corria riscos. As primeiras previsões diziam que ele poderia deixar o hospital talvez em uma semana.

Ele pegou no sono outras duas vezes, sempre por pouco tempo. Ainda não eram nem dez horas, Avery estava feliz por estar com Ramirez e irritada com o café horrível do hospital, quando Ramirez perguntou sobre trabalho novamente.

- Duas semanas parada num quarto de hospital comigo – ele disse. – Connelly permitiu isso?

Agora, a voz dele parecia mais forte, e seu olhos brilhavam mais.

- Sim.

- Mas agora, você está em algum caso?

- É complicado.

- Não é sempre complicado?

- Sim, é verdade. Mas... bem, algo aconteceu depois do que aconteceu com você.

Ela respirou fundo, dando-se conta de que Ramirez não tinha ideia de que Howard Randall havia escapado. Ela passou os próximos quinze minutos contando tudo a ele, sobre a fuga de Howard, a morte de Kirsten Grierson, o gato pela janela, o boneco no armazém e o ataque de Howard. Contou até o que havia dito ao prefeito Greenwald na frente de Connelly e O'Malley, apenas para tirar um sorriso do rosto dele.

- Você tem certeza que Randall não vai vir atrás de você? – Ramirez perguntou.

- Ele teve a chance – ela disse. – Se quisesse me matar, eu estaria morta.

- Que pensamento sinistro – ele disse, pegando na mão dela e apertando.

Eles ficaram em silêncio por um momento e Avery pensou que ele pudesse estar prestes a dormir novamente. No entanto, ele falou, dizendo algo que a fez imaginar que seus pensamentos não estavam tão confusos quanto ele havia dito mais cedo.

- Sabe – ele disse. – Essa coisa da pistola de pregos nessa pobre garota. Me lembra algo. De um caso lá atrás.

- É? Qual caso?

- Eu quase não lembro. Eu era um tira jovem de rua na época. Talvez tinha só um ano de profissão. Muito antes de você chegar e nos agradecer com sua presença.

- Do que você lembra? – Ela perguntou. Depois, pensou melhor e acrescentou. – Mas não force muito sua mente. Ainda não sabemos como isso pode te afetar.

- Não, acho que está tudo bem. Pelo que eu lembro, tinha um... um estranho. Matando mulheres em jeitos muito grotescos. Matou uma com arame farpado. Enfiou um prego de estrada de ferro na cabeça de outra. Supostamente matou um cara da máfia em um estábulo. Ele era...

O sangue de Avery se esfriou.

- Meu Deus – ela disse, quase sussurrando.

- O que foi? – Ramirez perguntou.

- Eu sei de quem você está falando. Ronald Biel. Eu representei ele quando era advogada.

- Você *o que*?

As palavras congelaram em sua garganta enquanto ela lembrava dos detalhes do caso.

Ronald Biel, um homem que se tornou um dos agentes mais temidos da máfia—tão temido que acabou expulso. Ele não havia aceitado bem a expulsão, começando uma matança em proporções épicas. Avery havia o representado no tribunal e ele acabara na prisão. Isso por culpa dela, de seu trabalho sem interesse... de propósito.

- Eu representei ele – ela disse, começando a se sentir mal. – Foi o único caso que eu peguei como advogada que eu perdi de propósito. Representei ele terrivelmente. De propósito. Ele era culpado. Um cara da máfia que chegou ao fundo do poço. Ele só não me *disse* que tinha feito tudo aquilo, mas as evidências contra ele eram fracas. Mas ele era culpado, eu sabia. Só que a falta de evidências e a cena do crime contaminada foderam tudo. Ele teria se escapado com uma sentença pequena. Mas eu queria que ele fosse para a cadeia.

- Bom, mas então é isso. Se ele está preso, ele não é o assassino.

- Acho que não – ela disse. – Mas, no fim... ele não foi condenado pelos assassinatos. Apenas por conluio e conhecimento dos assassinatos.

- Quanto tempo ele pegou? – Ramirez perguntou.

- Não lembro. Tenho que olhar meus arquivos.

- Você ainda tem arquivos dos casos de quando você era advogada?

Avery assentiu, mas sua mente estava longe. Ela estava pensando no enigma de Howard Randall. *Um fantasma... alguém que você não pode tocar.*

- Talvez valha a pena pesquisar – Ramirez disse. A voz dele estava fraca novamente. Uma rápida olhada para o rosto dele a fez perceber que ele estava adormecendo novamente—algo que o médico havia dito que ele faria por mais um dia pelo menos.

Avery posicionou sua cadeira, colocando uma almofada no canto direito, e fez o melhor possível para se sentir confortável. Acabava de passar das onze quando ela fechou os olhos e tentou dormir.

Mas havia um fantasma a assombrando. Um fantasma de seu passado.

Um fantasma... Alguém que você não pode tocar.

Um fantasma que pode querer me assombrar também...

A voz de Howard continuava ecoando em sua cabeça enquanto as imagens de Ronald Biel entravam em sua mente.

Ela se lembrava bem de Biel. Mas raramente pensava nele. Depois de um tempo, todas as pessoas loucas que ela havia conhecido no trabalho—em seus dois trabalhos, na verdade—começaram a tornar-se um borrão só. Ela lembrava de Biel como muitos outros maníacos que havia ajudado a livrar como advogada e como detetive. O homem tinha uma daquelas faces que pareciam ter sido *feitas* para documentários sobre insanidade criminal. Um ex-agente da máfia com uma queda por crimes bizarros e por acabar com a vontade das pessoas a qualquer custo. Quando ele soubera que toda sua matança estava conectada, começando em uma doca no porto de Boston, Biel havia assoviado o refrão de “Sitting on the Dock of the Bay”, que queria dizer “Sentado na Doca da Baía”.

Ele havia feito isso muitas outras vezes como forma de provocar Avery dia após dias e o processo continuava falhando na busca por evidências de seus crimes. Ele assoviava e sorria para ela como se dissesse: *Você e eu vamos ganhar essa porra...*

Ela o escutava assoviando mesmo agora, relembrando tudo. Aquilo fez com que o quarto do hospital parecesse ainda mais fechado e depressivo.

Avery dormiu mal, acordando por acaso e olhando Ramirez. Ele estava dormindo em paz, chegando a roncar um pouco. Quando acordou, às 5:45, ela sabia que não conseguiria dormir novamente. Ramirez, enquanto isso, ainda sonhava profundamente.

Ela sabia que precisava fazer uma ligação, mas ainda era muito cedo. Ocupou seu tempo buscando uma xícara de café e caminhando pelo quarto andar para alongar as pernas. Checou seu telefone enquanto caminhava. Uma mensagem de Sawyer dizia que Rose estava bem e que eles iriam trocar de turno com outra dupla de policiais durante a noite, retornando pela manhã, por volta das oito horas.

Avery estava ficando louca por não ter acesso a seus arquivos, parados em uma caixa no apartamento de Ramirez. Ela pensou em chamar um táxi para busca-los, mas depois desistiu. Tinha certeza que teria que fazer isso mais tarde, longe da vigilância de Connelly. Não havia porque se apressar.

Ela voltou ao quarto de Ramirez e o encontrou ainda dormindo. Ligou a TV, tirou o som, e viu as notícias da manhã na tela. Pelo que pode ver, as novidades sobre Howard Randall eram breves—apenas relembrando o que todo mundo já sabia. Avery surpreendeu-se, no entanto, ao ver que não havia filmagens de seu apartamento, da janela quebrada com alguma manchete dramática.

Enquanto assistia, a voz de Ramirez interrompeu sua concentração.

- Ainda está aí? – Ele perguntou.

- Sim.

- Não faça isso. Vá para casa. Ou para o A1. Ou para a casa de Rose. Sinto que estou te prendendo.

- Provavelmente vou sair logo – ela disse. Olhou para seu relógio e viu que faltavam cinco minutos para as oito—quando o escritório para o qual ela precisava ligar abriria.

- Firme na busca? – Ele perguntou, sorrindo.

- Tipo isso. Como você está se sentindo?

- Melhor – ele disse. – Mas eu gostaria muito de falar com um médico sobre tentar ir ao banheiro como um ser humano normal hoje.

- Ela caminhou até ele e o beijou na bochecha.

- Vou ver se consigo fazer alguém vir falar com você quando eu sair para fazer uma ligação.

- Ei, Avery? Olhe... Obrigado por estar aqui comigo. – Os olhos dele passaram pelo quarto, como se procurassem algo.

Acho que ele está tentando descobrir onde está o anel, ela pensou. Talvez eu devesse dizer que a enfermeira encontrou e me deu.

- De nada – ela disse.

- Eu te amo, Avery – ele disse. – Você sabe disso, certo?

Ela assentiu.

- Eu também te amo.

Ela o beijou novamente, no canto da boca. Seu coração pareceu se dilatar quando se afastou e olhou para ele.

Uma batida na porta interrompeu o momento. Ela virou-se e viu o médico de Ramirez entrando.

- Desculpe – ele disse, percebendo que havia interrompido algo.

- Sem problemas – Avery disse, se afastando ainda um pouco emocionada. – Ele acabou de me dizer que gostaria muito de urinar como um homem de verdade hoje.

O médico riu ao se aproximar da cama.

- Excelente. Eu vim justamente para falar sobre isso.

- Muito bem – Avery disse, indo em direção à porta. – Eu volto logo.

Ramirez acenou, mas havia uma suavidade nos olhos dele que ela nunca havia visto.

Ele acabou de dizer que me ama, ela disse. E eu respondi de imediato. Algo está diferente—algo ótimo e inesperado.

Ela sorriu para ele e saiu do quarto. Buscou mais um café na sala das enfermeiras e foi até a sala de espera, que seguia quieta, ocupada por apenas duas pessoas, sendo que uma estava dormindo. Avery foi até o canto da sala e fez a ligação na qual estava pensando desde a noite anterior.

Ela teve que procurar o número no Google, mas encontrou rapidamente —o número do departamento de punições. Depois de ser transferida por algumas pessoas, finalmente chegou à linha que estava procurando.

- Aqui é a Detetive Avery Black, da Divisão A1 – ela disse. – Estou procurando informações sobre a sentença de um preso.

- Qual o nome do preso? – Uma mulher com voz de robô perguntou.

- Ronald Biel.

Avery ouviu os cliques da mulher no outro lado da linha, mas não precisou esperar muito. A mulher voltou dez segundos depois com os resultados.

- Ronald Biel foi sentenciado a sete anos – a mulher disse. – A sentença foi reduzida, no entanto, por bom comportamento.

- Que? – Avery disse, chateada. – Reduzida em quanto?

- Um pouco menos de um ano. Ele foi solto três semanas atrás.

Avery quase deixou o telefone cair, em choque.

Um fantasma... me assombrando...

Como se fosse uma pista, ela ouviu o bendito assovio—Biel, assoviando o solo de “Sitting on the Dock of the Bay”.

- Obrigada – ela disse secamente ao telefone.

Ainda que o choque tivesse sido grande, Avery imediatamente levantou-se e seguiu em direção aos elevadores, correndo como se houvesse fantasmas de verdade em seus pés.

CAPÍTULO QUINZE

Quando chegou à rua, Avery decidiu que não iria mais pegar táxis. Ela sabia que Connelly não deixaria agentes vigilando apenas seu carro, então decidiu se arriscar. Pegou um táxi e direcionou o taxista para seu apartamento. No caminho para seu prédio, pegou seu celular e fez uma ligação que *não* queria fazer.

Mas pelo menos precisava tentar.

O telefone de Connelly chamou cinco vezes antes que a secretária eletrônica atendesse. Ela decidiu não deixar uma mensagem, optando, ao invés disso, por ligar para O'Malley. O'Malley atendeu ao segundo toque, provavelmente de sua sala no A1, com seu café e biscoitos matinais.

- O'Malley, vou te falar algo e eu realmente preciso que você acredite em mim.

- Merda – O'Malley disse. – O que você vai fazer agora?

- Nada. Mas eu lembrei de algo. Um assassino que eu representei como advogada, um cara chamado Ronald Biel. Preciso que você olhe os arquivos dele. Veja esses assassinatos. Ele nunca confessou, mas foi ele. Eu sempre soube. Representei ele mal de propósito para ele ir para a cadeia.

- Não é muito ético—

- Apenas olhe – ela disse. – O'Malley... Estou certa de que ele é o nosso assassino.

- Você acabou de dizer que ele estava preso.

- Ele foi solto por bom comportamento três semanas atrás.

O'Malley suspirou.

- Tudo bem. Eu vou olhar os arquivos. Mas apenas para você saber... se o prefeito Greenwald souber que eu estou fazendo o que você pediu, ele vai pendurar nós dois em local público.

- Mesmo se isso nos levar a pegar um assassino?

- Provavelmente. Mas eu vou pesquisar. Se eu achar que tem alguma conexão, vou mostrar para o Connelly.

Avery encerrou a ligação e fez um rápido processo de refrescância: tomou um banho rápido, escovou os dentes e arrumou o cabelo. Após trocar de roupas, saiu do apartamento em quinze minutos. Ao sair, puxando a porta para fecha-la, olhou novamente para a janela quebrada. Estava coberta

com uma lâmina de plástico, mas a memória do tijolo entrando enquanto Rose estivera ali ainda estava viva.

Um gato morto. Um tijolo pela janela. Parece muito como algo que Ronald Biel faria. Então como eu não fiz essa conexão?

Um outro pensamento respondeu sua própria pergunta. *Porque você achou que ele estava preso. E, como todo mundo na cidade, você aparentemente estava com Howard Randall na cabeça.*

Com um último olhar para a janela quebrada, Avery fechou a porta e seguiu para sua próxima parada.

Parecia que haviam passado décadas desde a última vez em que Avery pisara no escritório de advocacia Seymour & Fitch. Agora era *ela* que se sentia como um fantasma, saindo de um mundo para assombrar os corredores de outro. Quando entrou, viu um novo visual na recepção—e uma jovem loira, claramente vinda da faculdade.

- Posso ajudar? – A garota perguntou.

- Sim. Preciso falar com a senhora Seymour. É muito urgente. Diga a ela que Avery Black está aqui para vê-la.

A garota a olhou curiosa por um momento, como se o nome Avery Black a lembrasse de algo. Avery esperou pacientemente o quanto pode, enviando uma mensagem a Rose para ocupar seu tempo.

Como você está? Ela escreveu.

Ela estava começando a se sentir culpada. Rose tinha um trabalho e uma vida própria. Ainda assim lá estava ela, sob vigilância policial por conta de diferentes acontecimentos na vida de sua mãe. Avery sabia que Rose estava lidando com tudo da melhor maneira possível, sem enlouquecer ou culpa-la pelo terrível status atual de sua vida.

Quando ficou claro que não receberia uma resposta imediata de Rose, Avery colocou o celular no bolso. Poucos segundos depois, a jovem garota apareceu no pátio de entrada, vindo da esquerda. Atrás dela, Jane Seymour também entrou na sala. Ela estava claramente mais velha do que da última vez em que Avery a havia visto, mas ainda tinha um charme e confiança que pareciam chamar a atenção da sala inteira. Seu cabelo loiro estava cortado até o ombro, pelo menos quinze centímetros mais curto do que ela

tinha quando Avery trabalhava ali. Ela também havia finalmente cedido e começado a utilizar óculos bifocais ao invés de lentes.

- Meu Deus – Jane disse. – Avery Black, em pessoa!

- É bom te ver, Jane – ela disse.

As duas mulheres se encontraram no meio da sala e se abraçaram como pessoas que se conhecem há muito tempo fazem depois de um longo período sem se ver.

- O que te traz aqui? – Jane perguntou.

- Nada bom, infelizmente. Posso roubar alguns minutos do seu tempo a sós?

- Claro – Jane disse, sem perder tempo e seguindo para seu escritório.

Quando passaram pelos corredores que Avery certa vez conhecera como a palma de sua mão, a sensação de ser um fantasma se intensificou. Ela se sentiu uma estranha, como se não tivesse porque estar ali. Aquilo a fez querer terminar a visita o mais rápido possível, sem ser rude.

Ela foi surpreendida quando elas entraram no escritório de Jane. Era enorme e parecia exatamente o mesmo que Avery vira em seu último dia na empresa. Ao invés de sentar atrás de sua mesa, Jane foi até a pequena mesa de reuniões nos fundos do escritório. Avery a acompanhou e foi direto ao ponto, acabando com qualquer esperança de formalidades ou conversas informais.

- Odeio fazer isso – Avery disse, - mas estou com *muita* pressa e pode ser que isso seja urgente. Tudo bem para você se eu te fizer perguntas sobre um caso antigo?

- Claro. Desde que isso não quebre a confidencialidade do cliente.

- Acredito que não vá quebrar. Você sabia que Ronald Biel foi solto esses dias por bom comportamento?

- Não – ela disse. – Como você descobriu?

- Uma ligação para o Departamento de Punições. Olhe... Estou aqui para uma confissão, eu acho. Para isso e com esperança de que você possa me dar algumas informações.

- Confissão? – Jane perguntou. – Para confessar o que?

- Eu entreguei aquele caso – Avery disse. – Eu sabia que as evidências eram fracas e que se eu fosse a fundo, eu livraria ele apenas com um tapa no pulso. Mas eu sabia que ele era culpado. Ele só não me disse. Era o jeito que ele tinha e como reagia quando não estávamos no tribunal. Ele era culpado e eu queria ver ele ir para a cadeia. Então eu fiz as coisas pela

metade. E agora que ele saiu da prisão tem uma boa chance dele estar me provocando.

- Como? – Jane perguntou.

Avery levou alguns minutos para contar a Jane sobre o gato e o boneco —e sobre a garota que fora morta com a pistola de pregos. Ela estava agora convencida de que aquela garota provavelmente nem tinha uma conexão com Biel. Ele havia usado aquilo apenas para provoca-la... para fazê-la saber que ele estava livre.

Não foi Howard Randall se vangloriando de sua fuga, ela pensou enquanto contava tudo para Jane. Foi Biel, me fazendo saber que ele estava livre. Ele está usando a fuga de Howard como cobertura.

- Meu Deus, Avery, isso é terrível – Jane disse. – Mas me escute. Sobre a sua pequena confissão, nem se preocupe. Eu teria feito o mesmo. Caramba, eu *fiz* a mesma coisa algumas vezes, mas não tão drasticamente. Então não perca seu tempo se culpando por isso.

- Jane... olhe. Se ele está atrás de mim ou só me provocando, esse é um comportamento que mostra uma mente vingativa. E se ele está atrás de mim, ele pode vir atrás de você também. Você é dona da empresa, afinal de contas, e você esteve no tribunal muitas vezes durante o julgamento dele.

- Ah, querida... Estou em volta de loucos todo dia. É um risco do trabalho. E além disso... Pelo que parece, se esse cara quisesse você morta, você já estaria morta.

- Não se ele gosta de me provocar – Avery respondeu. – Enfim, a outra razão pela qual estou aqui é para ver se você por acaso tem qualquer arquivo relacionado àquele caso. Preciso encontrar algo escrito com a letra de Biel. Algo básico como uma assinatura.

- Ah, com certeza eu tenho algo assim – Jane disse. – Para quando você precisa?

- O quanto antes. Agora mesmo seria perfeito.

- Me dê uma hora. Você pode esperar ou eu te mando por e-mail?

Avery pensou por um momento e depois balançou a cabeça. Ela precisava ver Rose. Queria ver como a filha estava, conta-la sobre Ramirez e sobre os últimos acontecimentos.

- Me envie por e-mail, pode ser? – Ela perguntou. – Tem um lugar que eu preciso ir.

- Posso fazer isso – Jane disse. Depois, sorriu para Avery. – Caramba, é muito bom ver você de novo, Avery. Mas por favor me desculpe por dizer

que você parece estar completamente exausta.

- Com certeza estou – ela disse. – E não precisa se desculpar.

Avery levantou-se para sair quando o telefone vibrou em seu bolso. Ela imaginou que fosse Rose, finalmente respondendo sua mensagem, e pegou o celular. No entanto, viu que era uma ligação de O'Malley.

- Ei – ela disse, atendendo. – Você encontrou algo no histórico de Biel que te convenceu?

- Não – ele disse. – Não tive tempo. Estou na cena de um crime. Parece que pode ter sido Randall de novo. Ou quem quer se esteja por trás disso.

- Onde?

O'Malley exitou antes de responder.

- Ouça com atenção. Eu quero você aqui. Connelly também—mas ele não admite isso abertamente como eu. Juntos, eu e ele podemos manter isso longe do prefeito por pelo menos uma hora. Você pode vir agora?

- Qual o endereço? – Ela perguntou.

Ele a passou e ela respondeu dizendo que sabia onde o local ficava.

- Vou chegar em vinte minutos.

Avery encerrou a ligação olhando para Jane se desculpando.

- Tenho que ir – ela disse. – Mas obrigada desde já por sua ajuda.

- Quando precisar. E Avery... por favor se cuide.

Avey apenas assentiu antes de sair. Uma pequena parte dela queria ir mais devagar ao sair do prédio, para ver e sentir o cheiro do lugar que, em muitos quesitos, a definia. Era o lugar onde ela havia aprendido a lidar com quem ela era, o lugar onde aprendera muito sobre vitória e derrota.

Mas parecia que fora uma vida atrás. Ela já mal lembrava daquela mulher.

Porém, aparentemente, Ronald Biel se lembrava bem.

Talvez seja hora de eu lembrar quem eu era, então, Avery pensou ao entrar em seu carro e dirigir ao encontro de O'Malley.

CAPÍTULO DEZESSEIS

A cena do crime era uma residência privada em Winchester. Quando chegou, Avery viu que O'Malley não estava brincando. Eles estavam fazendo todo o possível para manter o assassinato em sigilo. O carro de O'Malley estava estacionado na estrada. Havia casas dos dois lados da residência, bem como no outro lado da rua. Mas ninguém parecia estar olhando. Aparentemente, todos estavam trabalhando ou dentro de casa sem saber o que havia acontecido.

Havia um único carro da polícia estacionado por ali. Avery estacionou atrás da viatura e se apressou pelo gramado bem cuidado. O'Malley a encontrou na porta da frente, com a expressão fechada e sombria.

- Como vai Ramirez? – Ele perguntou.

- Ele está muito bem – ela disse. – E o fato de você estar começando com informalidades me faz pensar que a coisa está feia lá dentro.

- Você está certa – ele disse, dando um passo para o lado para deixá-la entrar. – É macabro.

Avery caminhou em direção a uma modesta casa de classe média. A porta da frente levava a uma pequena sala onde havia uma esteira de sapatos no canto. A sala de estar estava diretamente a sua frente e ela logo pode ver o sangue, espalhado quase artisticamente pelas paredes. A TV que ficava no centro da sala estava ligada, mostrando um remake de M*A*S*H.

Ela entrou na sala, se preparando para o pior. Quando se aproximou, viu mais e mais sangue e novos elementos no local. Havia sangue no sofá, na mesa de café virada e em todo o carpete, com algumas partes onde o sangue ainda não havia secado.

Depois, ela viu o corpo, esparramado de um jeito que mal lembrava uma forma humana. Estava entre o sofá e a mesa de café virada.

O'Malley chegou atrás de Avery, falando devagar, como em sinal de respeito e desgosto ao mesmo tempo. Quando ele chegou, outros dois agentes entraram na sala pelo corredor à direita. Os dois pareciam muito abalados.

- Mitch Brennan – O'Malley disse. – Solteiro, ainda bem. Cinquenta e seis anos. Trabalhava como agente da condicional. E... merda. Você estava certa, Avery. Parcialmente, mas enfim.

- Certa sobre o que?

- Ronald Biel. O senhor Brennan era o agente da condicional dele. Eu acabei de confirmar, dois minutos antes de você chegar.

Infelizmente, a admissão de O'Malley não foi tão boa para Avery quanto deveria ter sido. Isso por conta da cena a sua frente.

À esquerda de Mitch Brennan havia uma marreta. A ponta dela estava cheia de sangue. Avery olhou para o corpo e se esforçou para encontrar algum sentido ali. Havia sangue e ossos quebrados. Havia o que uma vez fora uma cabeça, mas o topo do crânio já não tinha forma definida. Alguns dentes boiavam em uma poça de sangue a alguns centímetros do corpo. O ombro direito praticamente não existia, com o braço pendurado em um só ângulo.

Ela precisou desviar o olhar. Seu estômago era forte, mas aquilo... ia além da brutalidade.

- Eu sei – O'Malley disse. – É uma barbaridade. Eu odiaria ser o legista desse caso. Não sei nem como faria uma autópsia.

Os dois agentes que haviam chegado pelo corredor tentavam evitar olhar para a cena a todo custo.

- Nada que valha a pena anotar lá – um deles disse. – Tudo aconteceu aqui. A porta de trás foi aberta a força, indicando uma invasão.

Avery caminhou pela sala e fez sua própria investigação. Ela viu a entrada forçada na porta dos fundos da cozinha, como o oficial havia dito. A estrutura estava estilhaçada e quebrada. Ela também pode ver uma marca na parte de fora da porta, presumidamente feita pela marreta.

De volta à sala, Avery fez seu melhor para imaginar uma cadeia de eventos. Se a televisão estava ligada, a chance era grande de que Mitch Brennan estava a assistindo quando Biel entrou. Talvez ele tivesse corrido para a porta da frente. Talvez ele tivesse tentado pegar uma arma que estava escondida em algum lugar da casa. Avery não sabia. Havia muito sangue para ter qualquer certeza.

Ao olhar em volta procurando respostas, o som da porta da frente abrindo a distraiu. *Prefeito Greenwald, em dúvidas*, ela pensou. *Isso vai ficar interessante...*

Mas não era Grennwald. Foi Connelly quem entrou na sala. A expressão de horror em seu rosto foi imediata e ele nem tentou escondê-la. Ele suspirou alto e virou as costas para a cena.

- Senhor – O'Malley disse. – Você recebeu minha mensagem?

- Sobre ele ser agente da condicional de Ronald Biel? Sim. – Depois, ele olhou para Avery. – Ainda digo que aquele primeiro caso foi Howard Randall. Uma universitária. Era o tipo dele. Mas isso aqui... sim, nem Randall faria isso. E a conexão não pode ser ignorada.

- Também tem o recado no boneco e o bilhete que veio com o gato morto – ela disse. – O primeiro falava sobre estar livre. Agora que sabemos que Biel foi solto recentemente, poderia facilmente ser ele me provocando.

- Porque você colocou ele na cadeia? – Connelly perguntou.

- Presumidamente. – Ela ainda não conseguia admitir que entregara o caso. Fora difícil demais contar para Jane Seymour. Era ainda mais difícil contar para aqueles dois homens—homens com quem ela trabalhava de perto, homens que ela sabia que a protegeriam.

- Ou talvez seja coisa dos dois – Connelly disse. – Talvez temos dois loucos pela cidade.

- O que mais você tem? – O'Malley perguntou a ela. – Eu sei que de jeito nenhum você estava esperando sentada.

- Eu sei que Howard Randall não é um fã de toque físico. E Biel parece se divertir com sangue. Eu também fui ao meu antigo escritório de advocacia. Eles estão procurando algum documento que possa ter a letra de Biel. Se for a mesma caligrafia do bilhete e do boneco, acho que não teremos dúvidas: é tudo obra dele.

- Dadas essas informações e o fato de que podemos ter dois assassinos à solta, quanto tempo você precisa para resolver isso? – Connelly perguntou.

- Senhor... – O'Malley disse. – O prefeito—

- Vá para o inferno com Greenwald agora. Eu queria ver ele olhar para isso aqui – ele disse, mexendo o rosto em direção à forma sangrenta que outrora fora Mitch Brennan.

- Não sei, senhor – Avery disse.

- Você está no caso – ele disse. – Seja rápida e trabalhe como um fantasma. Não faça cenas. Vou manter Greenwald longe de você o máximo que puder. E se você conseguir resolver isso antes dele descobrir que você está nessa, será melhor.

- Sim, senhor.

- Além disso... Não vou colocar um parceiro com você. Vou informar Sawyer e Dennison para soltarem um pouco as rédeas. Se algo grande aparecer, quero saber antes de você agir.

- Entendido.

- E Avery... Estou feliz feliz em saber que Ramirez está melhorando. Quando você vê-lo de novo, leve meus desejos de melhora.

Avery saiu, rapidamente indo para seu carro. Com permissão para trabalhar ativamente no caso, um novo mundo de possibilidades se abriria para ela.

A única questão agora era por onde ela deveria começar.

O sorriso de Biel veio a sua mente. Ela escutou o assovio feliz como uma brisa em sua mente.

Eu tinha tirado Biel da cabeça totalmente nos últimos seis anos. Talvez eu deveria começar falando com aqueles que falaram com ele por último. A prisão.

CAPÍTULO DEZESSETE

Foi estranho entrar na prisão de South Bay, sabendo que não seria para encontrar Howard. Avery sentiu como se estivesse fazendo uma visita como uma *stalker* que não conseguia largar sua atração pelo lugar. Mas quando entrou, aquele sentimento foi trocado por uma sensação urgente de dever—pela necessidade de entrar e sair o mais rápido possível.

Por ter avisado em cima da hora, Avery não conseguiu ver ninguém logo ao chegar. Ela sabia que havia protocolos a serem seguidos e formulários a serem preenchidos. Entendia a necessidade dessas regulações, mas era frustrante aguardar na área de espera. Enquanto esperava, folheou um arquivo sobre a história de Biel que uma mulher gentil dos registros havia conseguido para ela.

Era estranho o quão rapidamente aquela parte da vida parecia ter desaparecido de sua mente. Avery pensou nisso enquanto lia os arquivos e estudava as imagens. Visitar Jane também havia trazido memórias daquela época de sua vida, mas o arquivo que tinha em mãos era praticamente um tapa na cara. Ela leu a biografia de Biel e viu uma foto de seu rosto duro, sem emoção, a olhando.

Ronaldo Biel tinha um registro que começara aos dezesseis anos, com uma queixa de roubo de carros em Nova Jersey. Quando ele fez vinte anos, também foi processado duas vezes por roubo e acusado de homicídio culposo, do qual fora inocentado. Quatro anos depois, seu nome começara a aparecer em casos envolvendo a máfia, sendo sempre um nome e um rosto que paceria estar ao redor das cenas e relatos dos crimes. Começaram a aparecer rumores de que Biel era mesmo parte da máfia em Nova Jersey, um braço da organização que havia se estendido para o sul, até Baltimore, em Maryland.

Ele trabalhou como um agente que, dependendo da área da máfia envolvida, torturava pessoas atrás de informações ou os obrigava a fazer certas coisas. Antes da história já macabra de Biel ficar ainda pior, ele havia cooperado quebrando dedos e arrancando dentes com alicates. Mas em algum ponto da vida, algo mudou em Biel e ele começou a ficar ainda mais brutal. Rumores na máfia diziam que ele era como um canhão perdido, usando métodos grotescos em seu trabalho que geravam discussões sobre se ele estava ou não chamando uma atenção desnecessária para as atividades

da máfia. Depois de mais alguns casos, sendo que um deles rumores dizem ter terminado na morte de um traficante, a máfia o expulsou.

No entanto, Biel tinha feito amigos próximos. Quando saiu, eles saíram com ele. A máfia soltou pistas em alguns lugares, esperando que eles fossem presos. Isso levou a um tiroteiro que resultou na morte de dois agentes do FBI, um policial e três civis. Biel conseguiu escapar com alguns de seus amigos. Eles fugiram por três semanas e a caçada poderia ter durado mais se Biel não tivesse aparecido.

A caçada chegou ao fim quando um dos sócios de Biel foi encontrado morto em uma passagem elevada em Beltway. Sua garganta fora cortada e ele havia sido parcialmente estripado. O outro homem que fugira com ele foi encontrado com três ferimentos a bala no estômago—pregado ao lado de um celeiro com pregos de estrada de ferro em uma área rural a cinquenta quilômetros de Boston. O homem já estava quase morto quando fora encontrado. Porém, antes de morrer, foi encontrado ao lado do estábulo e conseguiu contar ao FBI que Biel havia o matado.

Tendo matado um ex-sócio e parceiro de longa data de um jeito tão bizarro, o FBI—e a própria Avery quando se aproximara dele depois de Biel entrar em custódia—assumira que ele simplesmente havia enlouquecido. Parecia mesmo ser esse o caso quando os nove corpos que ele deixou em seu rastro ao desaparecer ficaram sem serem desvendados, mas tinham claros sinais de terem sido mortos por Biel.

As características de seus assassinatos eram grotescas. Pregos de alguma forma estavam geralmente envolvidos. Cortar gargantas também era um método muito usado. Havia sempre muito sangue, como se ele buscasse de propósito chocar as pessoas.

Avery reviveu cada um daqueles casos ao ler os arquivos. O sangue, os corpos, a absoluta falta de decência... aquilo a fez sentir-se mal.

E ela sentia-se ainda pior sabendo que ele tinha escapado de uma sentença de morte por questões técnicas. Ela poderia ter usado questões técnicas para livrá-lo de *qualquer* tempo na prisão, mas havia escolhido não fazer isso. Preferira viver com um caso perdido de propósito do que sabendo que havia ajudado um assassino psicótico a se livrar.

As questões técnicas haviam aparecido pelo fato de que o DNA de Biel não estivera presente em nenhuma das cenas e porque uma das cenas havia sido contaminada pela polícia de Boston. No entanto, o DNA de Albert Leary, um conhecido chefe da máfia e sócio de Biel, *fora* encontrado em

duas cenas. Até os dias atuais, Leary nunca fora encontrado. Era um mistério do tipo Jimmy Hoffa. No julgamento, até Ronaldo Biel havia dito que se Leary estivesse vivo, ele reivindicaria os assassinatos feliz. Baseado na história de Leary, o júri havia tomado sua decisão. Leary continuou desaparecido e Biel escapou com uma sentença de sete anos—que fora reduzida para seis por bom comportamento, como Avery havia recém descoberto. A situação havia ficado tão ruim durante o julgamento que até a máfia fez tudo o que pode para lavar as mãos sobre o caso.

Quando Avery terminou de ler tudo aquilo, a porta da pequena sala de espera se abriu. Um homem que ela havia encontrado algumas vezes antes entrou—William Ackerman, o diretor da prisão. Ele estava acompanhado de um segurança que parecia nunca sorrir e estar sempre a trabalho. Ackerman estava vestido com uma polo e calça cáqui. Ele tinha quase sessenta anos, mas aparentava ainda estar nos quarenta; seu cabelo tinha poucos fios brancos e sua postura era de alguém que havia trabalhado no serviço militar ou, pelo menos, tinha um passado na área.

- Detetive Black – Ackerman disse, vindo até a mesa e estendendo a mão.

Avery se levantou, apertou a mão dele, e esperou para ver se o guarda também a cumprimentaria. Quando ficou claro que ele não faria isso, ela juntou os arquivos.

- Está tudo certo? – Avery perguntou.

- Sim. Falei com o colega de cela de Biel, um homem chamado Antoine Evans. Ele vai estar na cela enquanto você estiver lá e eu dei a ele fortes instruções para responder quaisquer perguntas que você fizer. Digo isso porque se for impertinente ou rude, ele pode ser um pouco grosso na sua frente. Então esteja preparada.

- Tudo bem por mim – ela disse. – Me mostre o caminho.

Avery seguiu Ackerman e seu guarda para fora da sala, em direção a um pequeno corredor administrativo, e depois por duas portas que ele abriu com seu cartão de segurança. Além das portas estava a parte leste da prisão. Entrar nas salas de uma prisão de segurança máxima não era nada novo para Avery. Ela já havia feito aquilo muitas vezes quando viera visitar Howard. Mas com sangue novo no ar e um novo caso que parecia urgente, algo na prisão parecia mais primitivo agora.

Como o fato de Howard e Biel estarem nesse lugar ao mesmo tempo por muitos anos passou batido por mim? Ela imaginou enquanto seguia

Ackerman. *Eu afastei Biel tanto assim da minha mente?*

Perto do final do corredor, Ackerman parou. O guarda bateu nas grades da cela com seu bastão. Uma forma se moveu vagarosamente atrás das grades. Quando Avery deu um passo à frente, ela viu um homem negro, alto e magro na cela. Quando o guarda puxou suas chaves, ele olhou para o prisioneiro e disse:

- No beliche, agora.

O homem fez o que lhe foi solicitado, sentando no beliche que estava encostado na parte esquerda da parede. O guarda abriu a porta e entrou, seguido por Ackerman. Avery entrou atrás dos dois homens, com seus olhos imediatamente virando-se para o outro beliche, encostado no outro lado da cela.

- Esse era de Ronald Biel? – Ela perguntou.

- Era – Ackerman disse. – E esse – ele disse, apontando para o negro alto, - é Antone Evans. Ele foi o companheiro de cela de Biel por pouco mais de dois anos.

Sem perder tempo, Avery focou suas atenções em Evans.

- Biel foi solto por bom comportamento – ela disse, sem se importar com o que o Diretor Ackerman pensaria de tal afirmação. – Você viu esse tal bom comportamento nele?

- Sim – Evans disse. – Digo, ele era um cara confiável. – Ele sorriu para Avery de um jeito que não era inapropriado, mas que ela não gostou.

- Algo engraçado? – Ela perguntou.

- Acho que sim. Já vi você antes. Acabei de perceber.

- Desculpe por te desapontar – Avery disse. – Mas nós dois nunca nos encontramos.

- Não, não pessoalmente. Biel... Ele... – Ele parou por um momento e riu. – Diretor, se você tirar o cobertor do beliche do Biel, você vai encontrar uma abertura no canto baixo direito.

Ackerman olhou para Evans desconfiado antes de cutucar o guarda. O guarda foi ao beliche vazio, puxou o cobertor e o lençol e examinou o canto direito.

- Ele está certo – o guarda disse, passando o dedo na fenda no colchão. – E tem algo dentro.

Ackerman fez um gesto de aprovação e o guarda, hesitando, cavou mais fundo na abertura do colchão. Ele levou apenas alguns segundos. Quando puxou sua mão de volta, segurava uma grande sacola *ziplock*. Continha o

que parecia ser uma seleção de papéis. O guarda entregou a sacola a Ackerman. Ele olhou dentro por um momento, balançou a cabeça, e disse algum palavrão.

- Figuras – ele disse, entregando a sacola a Avery.

Ela segurou, sem saber o que esperar. Pegou um dos pedaços de papel e descobriu que era um antigo artigo de jornal. Era de três anos antes, e detalhava uma busca por drogas da qual ela havia participado. Perto da parte superior, abaixo do título, havia uma pequena imagem. Mostrava Avery falando ao telefone.

O próximo pedaço de papel era de uma revista. Era meia página, detalhando o caso de Ronald Biel no tribunal. Avery lembrou-se bem daquele artigo quando leu e olhou para a imagem. Aquele fora o assunto da cidade por uma semana nos noticiários locais. A imagem mostrava ela em pé no banco do tribunal, fazendo o que a foto mostrava ser um apelo tocante.

- Que porra é essa? – Ela perguntou ao folhear as outras páginas da sacola.

- Cara, Ron era obcecado em você – Evans disse. – Mas ele sempre disse que você era uma advogada ou algo do tipo. Falava de você toda hora. Como se te conhecesse.

- Que tipo de coisas ele dizia?

- Que você era linda e esperta. Mas ele ficava estranho às vezes, também. Ele falava comigo sobre como ele achava que era o seu gosto. E não só ali – ele disse, apontando para a cintura dela. – Mas tipo, sua nuca e seus dedos. Eu dizia para ele calar a boca, mas ele continuava.

- Quando ele fazia isso? – Ackerman perguntou.

- Não sei. Digo, foi recente. Um pouco antes de ser libertado, ele ficava dizendo que mal podia esperar para te ver.

- Algo sobre agressão sexual ou estupro? – Ackerman perguntou.

Avery o olhou, irritada. *Claro que um homem vai levar para esse lado*, ela pensou. Mas ela também entendeu. Ele trabalhava com homens violentos e psicopatas todos os dias.

- Não – Evans disse. – Na verdade, uma vez eu brinquei sobre ele se masturbar com essas fotos à noite, ele ficou *furioso*. Tipo, achei que ele ia me dar um soco. Ele não falou comigo por uma semana.

- Ele te disse como ele me conhecia? – Avery perguntou.

- Só disse que você era uma advogada com quem ele cruzou na vida.

- E o tempo todo que você esteve aqui, como companheiro de cela dele, você nunca viu algo ruim nele?

Evans riu um pouco e depois encolheu os ombros.

- Veja, eu sei do que ele foi acusado. E na verdade, ele era um cara estranho—falando do gosto dos seus dedos e da forma do seu travesseiro quando você dorme. Então eu sempre vi essa parte nele. Todo mundo aqui tem um lado mal, sabe? Mas com exceção daquela vez em que ele ficou bravo comigo por ter feito a piada com as suas fotos, ele era bacana. Bem normal comigo.

- Odeio dizer isso – Ackerman disse. – Mas você vai ouvir a mesma coisa dos outros guardas e funcionários. Nunca tivemos nenhum problema com ele.

Enquanto continuava olhando para a sacola de imagens, Avery seguia desconfortável. Quase no fim da coleção, ela viu que ele tinha inclusive conseguido, de alguma maneira, navegar na internet para encontrar uma foto dela que, certa vez, estivera na página “Sobre Nós” do site da Seymour & Fitch.

Uma onda de náusea passou por ela de repente.

- Em todas as conversas, Biel alguma vez mencionou para onde ele poderia ir quando fosse solto?

- Não que eu lembre – Evans disse. – O que ele com certeza disse é que ele ficaria por aqui—que ele não via porque ir para longe. Disse que um homem não pode fugir de seus demônios, então não adianta tentar. Ou alguma merda desse tipo.

- Obrigada – Avery disse, de repente precisando sair da cela.

Ela saiu com Ackerman logo atrás. Ele podia ver que ela estava abalada, mas era óbvio que não sabia como agir.

- Você conseguiu o que precisava? – Ele perguntou.

Era uma pergunta interessante. Por um lado, ela não tinha nada—nenhuma ideia de onde Biel estava ou de onde ele poderia se esconder. Por outro, ela agora sabia que ele tinha, aparentemente, cultivado uma grande obsessão por ela.

E foi ele que atirou o gato, ela pensou. Ele sabe onde eu moro.

Um tremor passou por seu corpo. Agora que tinha total certeza de que Biel a tinha em sua mente, Avery sentiu quase como se estivesse sendo caçada.

E aquele não era um sentimento com o qual ela pretendia lidar com tranquilidade.

CAPÍTULO DEZOITO

Quando chegou ao carro, Avery olhou as pequenas notas que havia feito enquanto lera os arquivos de Biel dentro da prisão. Entre elas estava o nome e número da psiquiatra que encontrara Biel durante e imediatamente após o julgamento. Ela ligou para o número, mas foi atendida por uma recepcionista. Depois de usar as palavras com muito cuidado e dizer seu número de distintivo à mulher do outro lado da linha, Avery conseguiu falar com Janelle Pearson.

Quando Pearson atendeu o telefone, ela parecia lívida... mas era daquele jeito calmo que psiquiatras pareciam estar ensaiados para antender.

- Não sei qual é o seu problema – Pearson disse, sem perder tempo com introduções ou formalidades – mas eu estou com um cliente no momento. Isso é muito rude e anti-profissional.

- Eu entendo e peço desculpas – Avery disse. - Mas preciso falar com você com muita urgência sobre Ronald Biel.

Houve um silêncio chocante na linha antes da resposta de Pearson.

- Eu deixei isso para trás. Não quero mexer nisso de novo. Agora, se você—

- Ele foi solto três semanas atrás – Avery disse. – E em segredo, posso te dizer que tenho certeza que ele está indo atrás do que deixou aqui fora.

- Solto? – Pearson disse, contrariada. – Já?

- Sim. Olhe, doutora... Estou a vinte minutos do seu escritório. Você pode por favor fazer um esforço para me receber? Não vou tomar muito seu tempo.

Avery novamente ouviu um silêncio chocante. Ela quase podia ouvir a Dra. Pearson tentando compreender o que ela havia dito. Finalmente, houve uma resposta.

- Sim, claro.

- Vejo você em breve – Avery disse, desligando o telefone antes que a conversa ficasse maior ou mais estranha do que precisava.

Ela dirigiu até o endereço, chegando facilmente ao local devido ao pequeno fluxo no trânsito. Estando de volta a um caso depois de duas semanas estagnada no quarto de um hospital, Avery estava impressionada com a velocidade com a qual o dia estava passando. Eram quase onze da manhã e, mesmo que ela já tivesse feito três paradas—primeiro para ver

Jane Seymour, depois na residência de Mitchell Brennan e, por último, na prisão—ela sentia que não tinha conseguido fazer nada.

Mas era bom sentir que as coisas estavam caminhando—estar trabalhando a caminho de algo. O fato de aparentemente ter um *stalker* em algum lugar que poderia colocar ela e as pessoas próximas em perigo apenas engrandecia tudo.

Avery dirigiu até o escritório de Janelle Pearson, com os punhos fechados e determinados, fazendo as rodas cantarem.

Quando chegou ao escritório da psiquiatra, Avery viu que uma pequena placa havia sido colocada na porta de vidro. Dizia: *Emergência inesperada. Volte em uma hora.*

Acreditando que a emergência era sua visita, Avery aproximou-se da porta e bateu. Uma mulher apareceu sem demora. Ela era alta, tinha cabelos curtos e ruivos, e usava um par de óculos do aro de arame. Avery mostrou seu distintivo à mulher, que abriu a porta imediatamente e a deixou entrar.

- Doutora Pearson? – Avery perguntou.

- Sim. Desculpe por ter sido rude no telefone. É muito incomum ser interrompida no meio de uma sessão. Felizmente, o cliente entendeu.

- Obrigada *você* por entender a natureza grave da situação em que eu estou – Avery disse.

- Por favor, venha até o meu escritório. Tenho café fresco.

Apressada, Pearson levou Avery até os fundos do prédio. Seu escritório ficava nos fundos e tinha o tamanho do apartamento de Avery. Uma enorme mesa de carvalho ficava na parede, acima de três degraus com carpete. O resto do escritório consistia em um sofá luxuoso e uma bela cadeira. Pinturas abstratas se espalhavam pelas paredes.

- Sente-se, por favor – Pearson disse ao caminhar até uma pequena mesa de café e servir duas xícaras.

Avery sentou-se no sofá, sem gostar de sentir-se como se estivesse sendo estudada.

- Então, apenas para confirmar – Avery disse, - você *avaliou* Ronald Biel durante o julgamento dele, certo?

- Sim. Não que tenha feito algum bem, você sabe.

Ela tinha voltado à cadeira, dando a Avery uma xícara de café e a entregando um pequeno pote com açúcar e creme. Avery pôs açúcar, misturou e bebeu.

- Por que você diz que não fez nenhum bem?

- Porque ao fim do julgamento, acho que os jurados e o juiz já estavam com a opinião formada. Eu sei que Ronald nunca confessou os assassinatos e isso foi trágico. Mas além disso, tinha uma energia no ar. Todo mundo queria ele na prisão. O júri, o juiz, a cidade inteira.

- Eu poderia estar nessa conta também – Avery disse. – Eu era a advogada representando ele. E eu entreguei o caso de propósito.

- Eu imaginei que seu nome era familiar quando você falou comigo no telefone – Pearson disse.

- Então você não acha que a prisão era o melhor lugar para ele?

- Não mesmo. Eu recomendei fortemente que ele fosse para uma instituição mental. No fim, parecia que eu estava falando para surdos.

- Você pode me dizer exatamente por que você fez essa recomendação? – Avery perguntou.

Pearson bebeu seu café e olhou para a mesa entre as duas. Ela olhava vagamente, como se não quisesse lembrar daquele período de sua vida, mas sabendo que precisava.

- Ronald Biel era um homem aterrorizante – ela disse. – Tenho certeza que você sentiu isto, trabalhando tão próxima a ele.

Avery assentiu. Ela *tinha* sentido algo errado nele—um demônio que parecia tomar conta das energias dele. Essa era uma das razões pelas quais ela facilmente tomou a decisão de entregar o caso para que ele fosse julgado culpado.

- Não digo isso para ser dramática – Pearson disse. – Estive nessa linha de trabalho por dezoito anos e posso dizer sem hesitar que Ronald Biel é uma das pessoas mais aterrorizantes que eu já conheci. Ele não chegou a admitir que cometeu os assassinatos para mim, mas se tivesse feito eu teria ido à polícia—e sim, eu teria corrido o risco de quebrar a confidencialidade de paciente e médico nesse caso. Esse homem tinha uma sede de sangue que eu nunca tinha visto. Ele falava sobre coisas que tinha visto em sua vida: filmes com sangue, vídeos de assassinatos reais, estrada da morte, um cervo que ele tinha matado quando adolescente. Ele falava sobre tudo isso do jeito que um professoralaria sobre literatura ou filosofia.

- Mas certamente isso não é o suficiente para alguém ser rotulado como insano – Avery disse.

- Não. Mas depois de conversar mais de quarenta horas com ele, era mais do que suficiente. Eu posso praticamente recitar a lista de diagnósticos que mandei ao tribunal. Eu considereei até sugerir que ele não estava bem para estar no tribunal.

- Quais eram alguns desses diagnósticos? – Avery perguntou.

- No lado mais claro das coisas, ele era obsessivamente compulsivo. O homem também tinha a memória de um elefante. Ele também claramente tinha uma personalidade antissocial. Faltava empatia e compaixão por seus parceiros. Não mostrava remorso. Houve várias vezes em que eu deixei ele falar livremente durante nossas conversas. Eu perguntava o que ele tinha em mente naquele dia e ele falava de coisas muito mórbidas. Falava sobre sua curiosidade sobre o corpo humano. Especulava quanto sangue poderia ser perdido em um pequeno ferimento no pescoço, quanto demoraria para deixar alguém sem sangue. Falava sobre coisas que tinha visto na máfia e o quanto ele tinha desejado fazer parte dela. Falamos sobre corpos desmembrados, execuções a tiros. Ele gastou uns quinze minutos durante uma sessão me dizendo como ficava o cérebro de um homem atingido a tiros de perto. Disse que isso era lindo e inspirador.

- Meu Deus. Como você... Digo, como você acha que a corte deixou tudo isso de lado? Com certeza ele precisava de alguma ajuda clínica.

- Concordo. Mas ao mesmo tempo que isso me irrita, eu entendo. Você tem que pensar com os olhos do público, detetive. Você e eu estamos acostumadas a ver assassinos e psicopatas pelas lentes da educação e colocamos nossas carreiras nessa visão. Mas o público... é uma criatura diferente.

- Como?

Ela sorriu, nervosa.

- Eu sempre uso o exemplo de John Wayne Gacy. Um *serial killer* repugnante. Você conhece, certo?

Avery assentiu. Ela havia feito um estudo de caso do famoso assassino na faculdade.

- A mídia fez dele uma figura mística. Mas apesar de seus crimes artrozes, ele não tinha o perfil forte de um *serial killer*—ou, pelo menos, não era como o público acha que um *serial killer* supostamente deve ser, agir e se comportar. Tem muitos registros sobre Gacy que mostram que

aqueles que o conheciam bem ou até mesmo pouco diziam que ele parecia um homem comum. Talvez até um pouco charmoso. Então quando você tem um homem como Ronald Biel, que não está apresentando as características monstruosas de um assassino que o júri está esperando, acontece uma certa humanização. Eles não vêem ele como um monstro maluco que claramente precisa de ajuda. Eles o vêem como um humano... um humano capaz de atos monstruosos. Você me entende?

- Sim – Avery respondeu, pensativa.

- E o mais assustador sobre Gacy é isso – Pearson disse. – Depois da execução dele, o cérebro foi removido e examinado por um especialista. Você sabe o que os resultados encontraram?

- Nada – Avery disse. – Aquele estudo não mostrou nenhuma anormalidade.

- Exato – Pearson disse. – De acordo com a ciência e os resultados daquele estudo, o cérebro de John Wayne Gacy era normal como o seu e o meu. Eu posso apostar o mesmo sobre Ronald Biel.

- Então o que você está tentando me dizer... – Avery começou.

- ...é que você precisa tomar cuidado. Biel, a meu ver, é um humano normal sem claros problemas mentais—sem nenhum desvio de realidade. Mas ele é um homem sem remorso. É um homem capaz de coisas monstruosas. E se ele começou a matar novamente depois de seis anos, não posso deixar de pensar que ele pode ter matado o homem que era e se tornado tornou um monstro.

CAPÍTULO DEZENOVE

A conversa com Pearson deixou Avery se sentindo assustada e nervosa —algo preocupante, já que ela não era alguém que se enervava fácil. Sem um próximo passo na mente, ela sentiu uma necessidade urgente de voltar ao apartamento de Ramirez para ver como estava Rose. Tinha certeza de que sua filha já estava irritada, uma prisioneira dos problemas da mãe tendo que colocar sua própria vida em espera. É claro que tudo aquilo serviria para salvar sua vida, mas Avery não esperava que Rose entendesse e gostasse da ideia.

O caminho até o apartamento de Ramirez levou cerca de quarenta minutos por conta do trânsito do horário de almoço. Ela imaginou quem estaria agora na vigilância e pensou em ser audaciosa e passar dirigindo em frente ao local apenas para descobrir. Mas, no fim, decidiu pela rota mais segura. Estacionou atrás do prédio e entrou. A porta lateral levava aos elevadores e à pequena lavanderia.

Ao pegar o elevador para o apartamento de Ramirez, Avery pensou em ligar para Connelly, apenas para atualiza-lo. Depois pensou melhor, sem querer cutucar a onça antes que fosse preciso.

Avery saiu do elevador no terceiro andar e caminhou metade do corredor até a porta de Ramirez. Ela colocou a chave na fechadura e abriu. Também chamou Rose ao mesmo tempo, sem querer alarmar a filha.

- Rose? Sou eu.

Ela empurrou a porta, entrando e só então percebendo que não houvera resistência quando abrira a porta. *Já estava destrancada*, pensou.

Deu dois passos no apartamento e seu coração veio até a garganta. Arrepiou-se ao puxar sua arma.

O local estava destruído.

As almofadas do sofá estavam espalhadas por todos os lados. Algumas taças de vinho da cozinha estavam quebradas junto à parede da sala. A porta da geladeira estava aberta: leite, chá e suco estavam jogados no chão. Fotos e seus porta-retratos estavam no chão.

- Rose!

O som dela gritando pelo nome da filha tomou conta do lugar como um trovão. Ao olhar em volta da sala, com a arma em punho e pronta para atirar

a qualquer momento, Avery viu mais destruição. DVDs estavam jogados por toda a sala. Havia um grande buraco na tela da televisão.

E ela ainda não tinha ouvido nada de Rose.

Avery olhou atrás do balcão e do bar da cozinha para ter certeza que a área estava limpa antes de ir até o quarto. A porta estava quase fechada, então ela a chutou e entrou, certa de que haveria alguém do outro lado.

Mas não havia ninguém.

No entanto, ela viu *algo* que a fez ficar gelada novamente.

Havia uma mensagem na parede do quarto, exatamente acima da cama. Pelo que pode ver, tinha sido escrita com canetão. A letra parecia ser a mesma do bilhete e do boneco do armazém. A mensagem dizia: **UM POR UM, TODOS OS QUE VOCÊ AMA. DEPOIS SÓ EU E VOCÊ.**

Rose.

Seu coração partiu ao pensar que Biel teria vindo e pegado Rose. Mas como ele havia passado pela vigilância da polícia? Como ele havia—

Avery interrompeu seus próprios pensamentos e pegou seu telefone. Suas mãos estavam tremendo e ela começara a soluçar. Ela iria ligar para O'Malley para descobrir quem estava estacionado de guarda. E que Deus ajudasse o bendito.

Mas antes de fazer a ligação, ouviu um barulho na sala.

Seus dentes se apertaram e seus dedos queriam uma razão para atirar. Avery foi rapidamente e sem barulho até a porta entre o quarto e a sala.

A porta da frente estava aberta. Passos hesitantes foram ouvidos. Avery se preparou, ainda soluçando. Ela seguia repetindo o nome de Rose na mente, como um mantra, enquanto pensava em todas as coisas deploráveis que faria com Biel quando o pegasse.

Mas depois, ouviu outro barulho que acabou com todos aqueles pensamentos.

A voz de Rose, vinda da sala.

- Mãe?

Havia medo e pânico na voz dela, mas mesmo assim, era o som mais doce que Avery poderia escutar na vida. O soluço finalmente passou, ela guardou a arma e foi até a sala.

Rose estava congelada a alguns passos depois da entrada, olhando o estado do apartamento com uma expressão de horror.

- Rose – Avery disse sussurrando, correndo até a filha e a tomando em seus braços.

- Mãe... o que aconteceu?

- Achei você tinha sumido – ela disse. – Achei que ele tinha pego você.

- Não... Mãe, meu Deus. Isso está tão sério assim?

Avery assentiu, ainda sem estar confortável para largar Rose. Ela abraçou a filha com força, talvez o abraço mais forte da vida. Quando finalmente se sentiu em paz, soltou Rose e deu um passo atrás para dar espaço à filha.

- Onde você estava? – Ela perguntou.

- Eu sai mais ou menos uma hora e meia atrás – Rose disse. – Sawyer e Dennison me levaram ao meu apartamento. Eu precisava de roupas. Tomei banho, fiz alguns ovos. Meu Deus, mãe... Esse lugar não estava assim quando eu saí.

Avery assentiu, tentando entender o que havia acontecido. Biel sabia que Rose e a vigilância tinham saído então entrou na ausência deles? Ou ele veio esperando que Rose estava em casa para pega-la? Ou mata-la...

- Então, o que nós devemos fazer agora? – Rose perguntou.

Avery queria muito dar a Rose uma resposta confortante, mas naquele momento, ela simplesmente não conseguia encontrar as palavras certas.

Avery quase não se envolveu, ainda em estado de choque, enquanto Sawyer e Dennison olhavam o apartamento. Ela sabia que O'Malley estava a caminho, mas não achava que aquilo mudaria algo. Biel claramente não se preocupava em ser pego. Era quase como se ele tivesse os movimentos dela mapeados. Ela tinha certeza de que a presença da polícia ao redor do apartamento de Ramirez depois dele ter entrado não o incomodaria nem um pouco. Ele provavelmente já havia se afastado para provoca-la de algum outro jeito.

Avery entrou no quarto e olhou o recado acima da cama de Ramirez novamente. *Um por um. Todos os que você ama. Depois só eu e você.*

O recado estava dividido em linhas, para parecer um poema. E a quebra das linhas e as palavras pareciam mesmo um.

Rose apareceu na porta enquanto ela olhava a mensagem. Ela já não parecia horrorizada, mas estava cansada. Toda aquela situação com certeza tirava suas forças.

- Você é uma guerreira, menina – Avery disse.

- Bem, uma guerreira assustada – Rose disse. – E, na verdade, uma guerreira irritada também.

- Eu sei – Avery disse. – E sinto muito. Mas eu francamente não sei mais o que fazer.

- Eles vão nos tirar daqui, não vão? – Rose perguntou.

- Provavelmente.

- Eu tenho uma vida, mãe. Você sabia, né?

- Sim. E tentando te manter segura agora, estou querendo fazer com que essa vida não fique em perigo. Você sabia, *né*?

Rose apenas assentiu e olhou para a mensagem na parede.

- Você acha que ele veio atrás de mim ou ele sabia que eu tinha saído?

É sinistro como ela pensa igual eu, Avery pensou.

- Ainda não sei – ela respondeu, honestamente. – Mas de qualquer maneira, tenho certeza que ele gosta de saber que nos tem na mira.

- Você está trabalhando nisso? – Rose perguntou. – Eles estão deixando você lidar com o caso?

- Desde hoje de manhã, sim.

- Então pegue esse idiota – Rose disse. Ela não pode esconder o pequeno sorriso no canto da boca.

O momento tenso, porém de conexão foi interrompido pela voz de O'Malley. Vinha da sala e soava como um berrante.

- Black?

- Aqui – ela respondeu.

O'Malley veio até o quarto, olhou em volta, e virou seus olhos para a mensagem na parede.

- Isso é ruim, Black.

- Eu sei.

- E fica pior – O'Malley disse. – Recebi uma ligação exatamente quando estava entrando no prédio. Temos outro corpo. Não tenho certeza se tem conexão com Biel, mas parece que sim.

- Como você sabe?

- Porque é alguém que você conhece. Alguém com que você falou recentemente. Black... Jane Seymour foi assassinada.

CAPÍTULO VINTE

Avery queria, pelo menos, que eles pudessem mover o carro. Daquela maneira, o veículo estava estacionado de frente para a rua e a luz do sol estava atingindo diretamente ela, o carro e a mulher morta dentro dele. Mas mover o carro arriscaria contaminar a cena do crime, então não havia o que fazer.

O carro de Jane Seymour estava estacionado nos fundos do estacionamento da Seymour & Fitch. Os únicos outros carros no terreno pertenciam a um dos advogados e à jovem recepcionista com quem Avery havia falado menos de sete horas antes. Aquela recepcionista, uma mulher chamada Amy Wright, estava lá dentro com Finley, depondo para ele. Avery já havia falado com ela e descoberto que ela vira Jane voltar de seu almoço tardio, vendo-a estacionar seu carro pela porta da frente. Quando dez minutos passaram e Jane não entrou no prédio, Amy fora até lá ver se ela precisava de algo.

O que encontrou foi Jane amarrada no banco da frente com o cinto de segurança. Sua garganta fora cortada de orelha a orelha, e o sangue estava espalhado pelo para-brisas, painel e banco dianteiro. Havia também dois ferimentos a facada no peito, sendo que Avery tinha certeza de que um deles havia atingido diretamente o coração.

A perda de Jane doía. Mesmo que o trabalho naquele escritório, para ela, parecesse ser apenas um ponto em um radar anos antes, Avery não podia ignorar o fato de que havia sido seu primeiro emprego de verdade. Um emprego que fez maravilhas em sua vida financeira e profissional. Jane havia aceitado contrata-la e se tornara sua amiga e mentora.

E agora, Avery estava tendo que vê-la apenas como um outro corpo morto—outra vítima. Todo o sangue, sua boca ligeiramente aberta e os olhos arregalados em choque, sem ver absolutamente nada.

Agora, tudo começava a parecer pessoal. Talvez mais perigoso do que parecera mais cedo, naquele mesmo dia.

Avery e O'Malley haviam juntado todas as informações possíveis—mas não havia muita coisa.

O outro advogado não havia visto nada. Ele correria para fora para ver o que estava errado com Amy quando ela começara a gritar. Ele não

conseguiu ver mais do que o vermelho escuro no para-brisas e não saíra mais do prédio desde então.

- O psicopata é muito dedicado, tenho que admitir – O'Malley disse. – Então vamos retroceder. Quando você esteve aqui?

- Por volta das nove – Avery disse. – No máximo nove e meia.

- E Amy Wright diz que tem certeza que Jane saiu para o almoço por volta de meio dia e meia. Ela não sabe quando viu o carro de Amy voltando, mas tem certeza que não passava de quinze para as duas. Eu chequei e tudo se encaixa: a ligação foi à uma e cinquenta e um. Então vamos arredondar para as duas. Estamos falando de cinco horas—cinco horas de quando você encontrou Jane até o momento em que ela morreu. Ele estava te perseguindo o tempo todo, Avery.

Ela tinha certeza de que havia percebido um toque de irritação na voz dele. Ele parecia estar perguntando se ela não havia percebido alguém a seguindo ou a espiando. Supôs que ele tinha motivos para pensar naquilo mas, ao mesmo tempo, se irritou.

- Mas a pergunta continua – Avery disse. – Ele matou Jane porque ela estava conectada a sentença dele ou porque quer provar algo para mim?

- O que ele pode querer provar? – O'Malley perguntou.

- Que ele sabe onde eu estive. Que ele pode pegar qualquer um a qualquer hora. Ele provou isso no apartamento do Ramirez em algum momento da manhã e provou isso com Jane. Parece que ele está me provocando. Como se pudesse me pegar quando quiser.

- É muito claro que ele está atrás de vingança – O'Malley disse.

- Você acha que essa prova é suficiente para fazer Connelly esquecer de Howard Randall?

- Talvez. Mas o fato desse idiota ter tido coragem de te atacar ontem não caiu bem para ele.

Houve outra acusação sem palavras ali, que ela sentiu ser muito pessoal. *Fui atacada por Howard ontem e não vi ele chegando. Biel aparentemente está me seguindo, sabe onde eu estive e para onde eu vou. Talvez eu esteja vacilando. Estou muito distraída por causa de Ramirez?*

Avery expulsou aquele pensamento.

Vá se foder com isso, pensou. Esse bastardo é meu.

- Então vamos dizer que Biel *está* perto de você – O'Malley disse. – Temos Rose sob constante vigilância. Três agentes estão com ela todo

tempo, como você sabe. Ela está no A1 agora e Connelly está tentando pensar num lugar para te colocar.

- Eu não sou sem teto – ela disse, um pouco ressentida.

- Desculpe, Avery. Mas por enquanto, você meio que é. Enfim... Ele não vai pegar Rose. Então de quem mais daquela época da sua vida, quando você era advogada, ele poderia ir atrás?

Avery pensou muito naquilo. Rose veio a sua mente, é claro, mas ela estava segura e sob proteção da polícia. Ela lembrou de memórias do julgamento e pensou no momento em que Biel estivera no tribunal. Ele tinha sentado e se inclinado para perto de Avery, sussurrando algo.

Jack estivera lá. Sentado atrás deles, para cumprimentá-la em um caso gigante que poderia torná-la conhecida. E quando Biel sussurrou para ela, um comentário qualquer sobre o julgamento, Jack havia dado um passo à frente. Ela não lembrava o que ele havia dito, mas fora algo que fizera Biel olhar para ele com seus olhos demoníacos.

Ele não dissera nada—apenas começara a assoviar a maldita música.

A resposta veio a sua mente. E ainda que fosse improvável, Biel estava mostrando que não estava para brincadeiras.

- Jack – ela finalmente respondeu.

- Quem é esse? – O'Malley perguntou.

- Meu ex-marido – ela disse. E agora que havia dito o nome dele e tido alguns segundos para pensar, aquele era *mesmo* um passo lógico na maldita linha de pensamento de Biel. Ela pegou seu telefone, virou as costas para a cena de Jane Seymour no banco, e ligou para Jack. Tinha certeza de que era a primeira vez que ligava para ele em pelo menos nove meses—e mesmo assim, a ligação anterior fora para falar sobre Rose.

O telefone tocou. Depois tocou de novo e de novo até o quarto toque, quando a secretária eletrônica atendeu. Claro, ele poderia estar simplesmente evitando as ligações dela (não seria a primeira vez), mas dadas as circunstâncias, aquele não era um risco que ela gostaria de correr.

- Não atende – Avery disse, encerrando a chama.

- Você vai lá?

- Sim – ela disse. – Vou levar uma meia hora. Me faça um favor e se certifique de que Rose fique no A1 até eu voltar. Quero *você pessoalmente* no comando disso.

O'Malley assentiu, relutante. Ele claramente não queria ter tal responsabilidade, mas também sabia que Avery não aceitaria um não como

resposta. Sabendo que ele honraria sua palavra, Avery apressou-se em direção a seu carro. Antes de entrar, olhou mais uma vez para Jane. A ficha da morte ainda não tinha caído. Ela havia a visto cinco horas antes e havia muitas memórias do trabalho juntas flutuando em sua mente.

Avery sentiu uma tristeza no coração, mas decidiu afasta-la. Tentou coloca-la em outro lugar do coração, um lugar onde já era possível sentir a batida familiar de raiva lá dentro.

CAPÍTULO VINTE E UM

Avery havia ido à casa de Jack em Waltham apenas uma vez antes, e fora apenas para dar uma carona a Rose. Ela nunca havia entrado, e nem desejara entrar. A vizinhança era calma, especialmente às três da tarde. Era um bom lugar para morar, com calçadas limpas para as crianças aprenderem a pilotar suas bicicletas, poucos metros com espaço suficiente apenas para uma bonita paisagem. As casas eram bonitas, ainda que modestas. Era o tipo de lugar para o qual ela esperava que Jack se mudaria depois do divórcio. Ele havia ficado na cidade até um ano e meio antes, e se mudado para um lugar menor como um homem de quarenta e poucos que havia começado a aprender a ganhar dinheiro de casa como editor de pequenas revistas online.

Ela estacionou em frente à casa dele, já virando os olhos com o que esperava encontrar. Sabia que o lugar estaria limpo. Jack era maníaco por limpeza. Mas também sabia que ele era preguiçoso e tinha um jeito de criança. Ela caminhou pelos degraus da varanda, esperando encontra-lo em casa, sentado em uma escrivaninha, digitando com uma cerveja ao lado. Imaginou se ele ainda começava a beber a uma da tarde quando podia.

Bom para ele, ela pensou ao se aproximar da porta. Espero muito que ele esteja finalmente feliz.

Avery bateu na porta, mas não obteve resposta. Olhou pela fresta e viu um local onde *deveria* estar a campanha. Mas o espaço estava vazio. Ela balançou a cabeça. Se a campanha tivesse estragado, Jack ficaria sem ela pelo tempo que pudesse—para sempre, se fosse possível.

- Jack? – Ela chamou, sem gritar, mas aumentando a voz.

Bateu na porta novamente, começando a se preocupar. Bateu mais forte dessa vez, o bastante para sentir dor nos dedos. Enquanto esperava por uma resposta, pensou na cena na casa de Mitch Brennan e no carro de Jane Seymour. Os dois assassinatos haviam acontecido com menos de doze horas entre um e outro.

Biel não está a passeio, ela pensou. Ele pode facilmente ter vindo aqui visitar Jack entre as mortes de Brennan e Jane.

- Jack? – ela disse. Tentou falar mais alto, mas sua voz não ajudou.

Foda-se, pensou.

Avery puxou sua arma, deu um passo atrás, e levantou a perna. Seu movimento foi perfeito. Ela acertou a porta em cheio, abaixo da maçaneta, e a porta dobrou um pouco antes de balançar para dentro. A fechadura se quebrou, mas poderia facilmente ser reparada—tão fácil quanto a campainha, ela pensou com um humor sarcástico.

O lugar estava quieto. Sinistramente quieto. De cara, ela sabia que estava certa. Biel havia estado ali. Ela encontraria Jack morto. Avery sabia que ele estava em casa porque tinha visto seu carro, estacionado fora da garagem, porque ele achava que garagens eram algo estúpido e muito americano.

Uma casinha para um carro, ele brincara certa vez. Como somos mimados aqui!

- Jack?

Novamente não houve resposta, mas desta vez, Avery ouviu algo. Era o barulho de um baixo de uma música sendo tocada no andar de cima. Ela chegou a se sentir aliviada com o barulho, mas depois lembrou da televisão ligada na casa de Brennan.

A música estava muito alta. Se Biel tivesse entrado na casa e a música estivesse naquela altura, Jack nunca teria o escutado.

Avery se apressou pela sala, sem dar tempo a si mesma para olhar para o local. Tudo o que pode ver é que o lugar era mesmo muito limpo e bem cuidado. Quando foi da sala para um pequeno corredor que dava acesso à cozinha, viu dois quartos no fim do corredor e uma escadaria antes deles.

Com a arma ainda em punho, Avery seguiu devagar para as escadas. A música estava mais alta do que antes, com o baixo ainda consistente. Quando chegou ao topo da escada, ela reconheceu a música do Massive Attack. Não pode deixar de pensar que era óbvio que Jack escutava aquele tipo de música. Ela também amara aquele tipo de som certa vez, mas a idade havia feito com que agora ela escutasse o que quer que estivesse no rádio.

Avery seguiu pelo corredor, novamente ignorando o resto do local. Não havia tempo para ver como Jack estava bem atualmente. Ela precisava chegar ao quarto para ter certeza—para saber se seu medo (que se tornava cada vez mais certo) fazia sentido.

A música estava vindo do último quarto do corredor. A porta estava destrancada. Enquanto se apressava até a porta, suas palmas suavam e ela

ainda segurava a Glock firme nas mãos, um breve silêncio entre o refrão e o próximo verso foi suficiente para que ela escutasse um gemido.

Um homem, e ele parecia estar com dores.

Machucado, ela pensou, *mas pelo menos ele ainda está vivo...*

Avery chegou à porta e a abriu facilmente. A música se acelerou, como a trilha sonora do passado de um homem que ela tinha certeza que encontraria machucado e sangrando no chão.

Mas não foi isso o que Avery viu. Nem de perto. Ela levou dois segundos para entender o que estava vendo, mas até então as coisas já haviam piorado.

Jack estava em pé, completamente sem roupa ao lado de sua mesa. Entre ele e a mesa estava uma mulher com longos cabelos loiros, curvada com as costas para Jack. Ela também estava sem roupa. Eles estavam em perfeita sintonia, movendo-se em um só ritmo. A mulher gemia em um barulho que era engolido pela música. Jack respondia os gemidos.

A mulher moveu a cabeça para o lado para tirar seu lindo cabelo do rosto.

E foi aí que ela viu Avery parada na porta.

- Que porra é essa? – Ela gritou e se afastou de Jack.

Jack estava muito atordoado e envolvido com o momento para entender o que estava acontecendo. Ainda assim, quando viu sua parceira falando com raiva e envergonhada, ele também se virou para a porta.

- Avery? Que porra é...?

- Meu Deus... – Avery disse, saindo da porta. – Jack, me desculpe. Mas acredite... eu tenho uma boa explicação!

A mulher gritou novamente, com o som abafado pela música, que foi interrompida em sequência deixando tudo claro. Ela não estava aparentemente irritada com Jack pela repentina aparição de sua ex-esposa. Ela estava irritada com a ex-esposa por interromper seu prazer vespertino.

Levou um pouco mais de um minuto até que a mulher saísse do quarto com raiva. Ela estava vestida e olhando para Avery. Estava claramente lívida, mas quando olhou para os olhos de Avery, sua fúria esmoreceu. A mulher, que não tinha mais do que trinta anos, pode ver nos olhos de Avery que não era uma briga o que ela queria iniciar.

Avery sorriu para ela e assentiu.

- Você terá ele de volta em dez minutos – ela disse. – Você pode esperar ali embaixo, por mim.

A garota desviou o olhar e desceu as escadas devagar, como se estivesse confusa e talvez até um pouco assustada.

Avery voltou-se para o quarto a tempo de ver Jack colocando sua camisa. Quando ela estava na cabeça, ele olhou para a ex-mulher com uma mistura de raiva e divertimento.

- Então, que porra é essa? – Jack disse. – Primeiro achei que tinha algo errado com a Rose. Mas... Avery... você está com a arma na mão. Por que?

- Eu tinha que falar com você.

- Então que usasse o telefone.

- Eu te liguei. Você não atendeu. Também bati na porta e chamei seu nome. Você estava claramente muito ocupado para escutar.

- Você vai mesmo me julgar por fazer sexo na minha casa no meio da tarde?

- Não – ela disse. E precisou engolir uma pergunta que estava em sua língua: *Quantas anos ela tem, afinal? Pelo menos quinze anos mais nova que você, certo?*

- Rose está bem? – Jack perguntou.

- Rose está bem. Mas tem algo... um problema, eu acho. E eu tive que me certificar de que você estava bem.

- Não estou com nenhum problema – Jack disse. – As coisas estão muito bem, na verdade. O trabalho vai bem, estou com a Tricia por cerca de três meses – ele disse, assentindo em direção à porta.

- Isso é ótimo – ela disse. – Mas eu não vim para saber como você está, Jack. Olhe... você lembra que eu trabalhei no caso de um cara chamado Ronald Biel?

Ele não precisou pensar muito para assentir.

- Sim. O cara da máfia. Um merda, certo? Ele sussurrou algo no seu ouvido no julgamento e eu fiquei nervoso com ele.

É estranho como ele lembra bem de coisas assim, ela pensou. *Mas novamente, ele sempre me colocou à frente. Sempre me apoiou quando eu colocava o trabalho acima dele...*

Você não precisa lembrar disso, alguma parte mais sábia dela pensou.

- Certo – ela disse. – Bem, ele foi solto três semanas atrás. E temos certeza de que ele já matou três pessoas. Um era o agente de condicional dele. A outra era uma advogada com quem eu trabalhei – Jane Seymour.

- Cacete – ele disse. – Lembro da Jane. Meus Deus. Quando foi isso?

- Jane foi morta cerca de três horas atrás pelo que eu sei. Mas além disso, Biel também está me ameaçando. Houve cartas, vandalismo, talvez perseguição. Não sei. Ele entrou no apartamento em que eu e Rose estávamos nos escondendo e—

- Rose está metida nisso? Que porra você fez, Avery?

- Não fiz nada.

- Ela precisa ficar comigo se esse maluco está atrás de você – Jack disse. – Ela vai ficar mais segura.

Não é um pensamento errado, Avery pensou. Mas eu vou ficar louca se ele tentar colocar a culpa em mim.

- Não agora.

- Hum, tudo bem. Avery, você não pode simplesmente...

Ele parou de falar, sem sabe o que iria dizer.

- Eu pensei nisso... em trazer ela para cá – Avery admitiu. – Mas honestamente, não sei se ela *ficaria* mais segura aqui. Ele já deixou claro que vai atrás de mim e das pessoas que eu amo. Ele também está matando pessoas que eram próximas ao caso e próximas a mim naquela época. Nós éramos casados, Jack. E eu acho que ele pode ter te colocado na lista. Se ele colocou, então Rose está mais segura comigo, sob vigilância da polícia.

Isso é ridículo – ele disse. – Você realmente está me dizendo que tem um assassino à solta que pode querer estar atrás de mim porque eu era envolvido com você?

- Potencialmente, sim.

- Que perfeito – Jack disse. – Você conseguindo estragar minha vida mesmo quando não faz mais parte dela.

E temos outra resposta típica de Jack. Focado em uma dor do passado e em como isso o define mais do que em como pode fazer as coisas melhores agora, neste momento. Um pouco egoísta, mas dadas as circunstâncias, entendível.

- Não ligo para o que você sente sobre mim, Jack. Mas eu me preocupo com Rose ter um pai. Me preocupo com o bem-estar dela. Então preciso pedir para você ir para outro lugar. Pegue um quarto de hotel. Você e Tricia podem terminar o que eu interrompi.

Aquilo fora imaturo e ela sabia, mas foi bom tocar na tecla novamente. Jack, por outro lado, pareceu nem notar. Ele estava muito irritado com a audácia de Avery em dar-lhe ordens.

- Não vou morar em um hotel por causa de uma suposição sua – ele disse.

- É mais do que uma suposição – ela respondeu.

- Que seja. Eu não faço mais tudo o que você diz, Avery. Isso não deu certo para nós da última vez, deu?

- Não faça isso por mim, então – Avery disse. – Faça pela Rose.

- Não ouse usar o nome dela como chantagem para me fazer engolir suas teorias. Esqueça, Avery. Eu agradeço sua preocupação—eu acho—mas não, eu não vou sair daqui.

- Seu babaca teimoso – ela disse, com raiva. – Isso não é sobre eu e você. É sobre nossa filha ter um pai. Biel está aí fora e ele *está* matando. Está pegando pessoas ao redor de mim. Ele matou Jane menos de cinco horas depois de eu ter falado com ela hoje de manhã. O idiota jogou um gato morto pela minha janela quando Rose estava comigo. Você entende?

Ele bateu o punho na mesa que, menos de dez minutos atrás, servira de suporte para um sexo vespertino.

- Tudo bem. Vou fazer isso. Vou falar com Tricia e ver se posso ficar na casa dela.

- Obrigada. E não use seu carro. Vá de carona no carro dela. Por segurança.

Ele deu uma risada sarcástica.

- Você e suas benditas ordens. Algo mais que eu possa fazer por você nos próximos dias, *Detetive*?

Ela ignorou a provocação ao virar-se para a porta para sair.

- Sim – respondeu. Conserte sua campainha. – Depois, ao sair do quarto, acrescentou: - E talvez você vá querer consertar sua porta também.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Ver o corpo de Jane Seymour recém morto e ter que discutir com Jack em um intervalo de duas horas havia afetado Avery. Ela deixou a casa de Jack (sem se preocupar nem sequer em olhar para Tricia ao sair) e voltou para a cidade. Antes que saísse da rua de Jack, ela percebeu que não tinha para onde ir. Talvez O'Malley estivesse certo: talvez ela estava mesmo temporariamente sem teto.

Ela ligou para O'Malley e ele atendeu imediatamente.

- Como está Jack? – Ele perguntou.

- Vivo. E tendo uma tarde muito divertida, devo dizer. Como estão as coisas aí?

- Temos uma parte da cidade bloqueada—um raio de seis quadras, com a Seymour & Fitch no centro. Mas as coisas não estão bem. Esse cara é rápido. Mas nós encontramos um tipo de fluido no encosto do carro da Jane. Provavelmente saliva. A teoria é que quando Jane estacionou o carro, Biel se aproximou rapidamente de algum lugar próximo, talvez de trás do prédio, e entrou por trás quando ela quis sair. Talvez ele babou um pouco quando estava cortando ela por trás. Vamos checar. Devemos ter os resultados nas próximas doze horas.

- Isso é bom. Alguma novidade sobre onde eu e Rose vamos ficar?

- Sim – O'Malley disse. – E acho que você não vai gostar.

Avery estacionou seu carro em uma das muitas vagas no Weston Motel quarenta minutos depois. Eram 4:17 e o lugar estava basicamente morto, com a exceção notável de três viaturas e alguns carros velhos no estacionamento. O Weston Motel não era o tipo de lugar que você ia para uma boa noite de descanso. Avery sabia que o local já tinha servido como um ponto de tráfico de heroína e prostituição. Nos últimos anos, a reputação fora recuperada, mas mesmo assim não chegava nem perto de um hotel cinco estrelas—ou quatro. Poderia ser um três estrelas piorado, e isso sendo gentil. Era um lugar pequeno e esquecido, não muito longe do Franklin Park.

Ao sair de seu carro, Avery viu Finley vindo de um dos quartos. Ele deu um sorriso com pena para ela e depois encolheu os ombros. Ela o encontrou

na passagem de concreto que conectava os quartos ao escritório principal, às máquinas de bebidas e à máquina de gelo.

- Não sei se ajuda, mas eu pedi algo um pouco melhor – Finley disse. Ela suspirou.

- Obrigada. Mas eu sei como é. Faz sentido. Esse lugar é nível baixo. Fica em uma área da cidade onde se as pessoas verem um carro de polícia, não vão causar problemas. É uma jogada inteligente. Onde está Rose?

- Quarto doze – Finley respondeu. E, cara, ela está *irritadíssima*.

- Obrigada, Finley – ela disse ao seguir em direção ao quarto doze.

Quando Avery bateu na porta, foi atendida imediatamente pelo agente Dennison. Ele sorriu para ela e se afastou para deixá-la entrar. Ela viu Rose sentada na cama, mexendo no telefone. A TV estava ligada, mas sendo completamente ignorada.

- Você está bem, Rose? – Avery perguntou.

- Não. Isso é ridículo.

Dennison riu e concordou.

- É mesmo. Mas acabei de pedir pizza.

- É só você?

- Não, Sawyer está lá fora no carro. Vamos trocar em duas ou três horas. Vamos ficar até meia-noite e depois Dabney e Parks vão vir.

- Não será necessário – Avery disse. – Eu estou aqui agora. Vocês não precisam ficar aqui para nos proteger.

- Sim, eu sei, Sawyer sabe. Mas Connelly não. Ou talvez ele saiba, mas quer se assegurar.

- Uou, isso está ruim para você também, ein?

Dennison riu e Avery ficou feliz em ver o sorriso de Rose ao ouvir o som da risada dele. Ela sentou ao lado de Rose, na ponta da cama. Quando Rose a olhou, Avery fez o melhor que pode para olhá-la nos olhos—algo do qual Rose nunca fora fã.

- Desculpe – ela disse. – Mas estou trabalhando o mais duro possível para pegar ele. E quando conseguirmos tudo vai passar.

- Eu sei – Rose respondeu, claramente deixando a frustração de lado para ser educada. – Você viu o papai, certo? Como ele está?

- Ah, ele está bem. Eu o convenci a ir para outro lugar até isso tudo acabar.

- Bom – Rose disse, e depois voltou sua atenção novamente para a tela do celular.

Avery decidiu não falar mais nada e deixar a filha quieta. Quando estivesse pronta para falar, ela falaria. Então, ao invés de continuar a conversa, Avery decidiu tentar ser produtiva. E ela começaria olhando os arquivos de Ronald Biel novamente. Talvez houvesse algo que ela estava deixando passar, algo que poderia estar ligado diretamente ao dois assassinatos do dia.

Ela foi até seu carro para busca-los. Viu Sawyer na viatura estacionada à esquerda do quarto doze e acenou para ele. Ele retornou o cumprimento com o mesmo olhar de pena que Finley mostrara momentos atrás.

Avery destrancou o porta-malas e pegou a pequena caixa de arquivos que acumulara entre o A1, a prisão, Jane e seus arquivos pessoais. Quando tirou a caixa, Finley estava ali para fechar o porta-malas para ela.

- Precisa de ajuda? – Ele perguntou.

- Não, tudo bem – ela disse. Finley assentiu, mas a seguiu mesmo assim.

Enquanto carregava seus arquivos para o quarto, Avery escutou seu telefone tocar dentro do bolso do casaco, indicando que havia recebido uma mensagem.

O'Malley, ela pensou. Talvez ele encontrou algo mais no carro de Jane.

Ela chegou ao quarto, largou os arquivos na segunda cama e pegou o telefone do bolso. Imediatamente, viu que a mensagem não era de O'Malley.

Era de um número que ela não conhecia. Ela tinha certeza que nunca havia o visto antes. A mensagem dizia: **Eu decidi ser educado e não te acatar novamente. Tenho uma pista para você, já que parece que o cara está sendo muito rápido. Quer a pista? Me encontre no seu prédio. 6:00. Lá atrás. Venha sozinha. Aaah. Recepção ruim. Tenho que ir.** □

Howard, ela pensou.

Estranhamente, foi a carinha sorrindo que selou o acordo. E, claro, ele estava oferecendo uma pista, mas tinha deixado um enigma na mensagem. *Recepção ruim. É um tipo de pista, também. Eu conheço esse bastardo muito bem.*

- Você está bem? – Finley perguntou.

- Sim, tudo certo – ela disse. Mas se afastou de Finley para que ele não pudesse ver a mensagem e a leu novamente.

Talvez não seja Howard, ela pensou. Talvez seja Biel. Seja quem for, eles estão me mandando mensagem de um telefone descartável. Eu perderia

meu tempo tentando rastrear. E não tenho tempo a perder na velocidade que Biel está fazendo as coisas.

E com esse pensamento, Avery tomou sua decisão.

Ela não ligava se fosse Howard ou Biel. Estaria feliz em encontrar qualquer um dos dois.

Ela olhou para Rose, ainda mexendo sem parar no celular. Tomar tal decisão na presença da filha parecia errado. Mas Avery não via outra escolha.

Seis horas. Tenho que sair em cerca de uma hora e vinte. O que faço até lá?

Ela olhou para a caixa de arquivos, mas não por muito tempo. Depois, olhou para Rose e, devagar, sentou na cama. Pegou o controle do criado-mudo e encontrou um reprise de *Friends*. Ao escutar risadas, Rose saiu da hipnose pelo telefone e, então, Avery estava passando tempo com sua filha.

Pareceu algo preguiçoso e forçado, mas aqueceu seu coração.

E também a fez sentir-se mais certa do que nunca de que iria seguir a mensagem que acabara de receber. Ela faria o que fosse preciso para livrar Rose da prisão que ela havia criado—mesmo que isso significasse arriscar sua vida.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Quando Avery saiu do Weston Motel, Rose não pareceu demonstrar nenhum sentimento em particular. Esse era um dos elementos do humor de sua adolescência, que se aproximava rapidamente dos 20 anos, mas Avery não levava a mal. Ela preferia ter Rose distraída e sem interesse do que em pânico com sua mãe indo em direção a um local perigoso.

A mensagem dizia para que ela fosse sozinha, então ela não havia dito para onde ia quando Sawyer e Dennison perguntaram. *Apenas vou checar uma possível pista*, dissera.

E era verdade.

Avery estacionou atrás do prédio às 5:56, um pouco chocada com quão estranho o lugar parecia agora. Já haviam passado duas semanas, cheias de emoções que ela ainda não havia digerido. O fato de Ramirez ter voltado ao mundo dos vivos não espantara tais sentimentos.

Ainda que estivesse alguns minutos adiantada, ela tinha certeza de que havia entendido a pequena pista de Howard na mensagem logo que chegou.

Aaah, recepção ruim...

Uma van branca estava estacionada na esquina do estacionamento do prédio. Parecia um carro velho. As letras na lateral eram básicas—brancas e contornadas. Como o resto da van, o letreiro era velho, mas legível:

HUDSON REPAROS ELETRÔNICOS – *Especializado em TVs.*

Avery apressou-se em lembrar da última vez que havia visto uma van—ou qualquer *empresa*—que se dissesse especializada em reparo de TVs. Isso ainda existia?

Sem querer provocar Howard, ela esperou até ver no telefone que eram 6:00 e então saiu do carro. Avery sabia muito bem que ele poderia estar em algum lugar próximo, a assistindo. Era difícil não chama-lo. Mas se aquele fosse algum jogo que ele estivesse fazendo, ela sabia que precisava jogar conforme as regras. Toda pista ou enigma que ele havia dado no passado sempre levava a algo útil. Por que agora seria diferente?

Então, caminhou até a van o mais perto possível, vendo-a cada vez mais como uma relíquia. Ela podia imaginar facilmente Howard comprando a van em algum lugar exatamente para aquele momento. Seja lá o que fosse, a van certamente não parecia estar andando já há muitos anos.

Avery tentou abrir a porta nos fundos da van, mas a encontrou trancada. Depois, tentou a porta do motorista, que se abriu sem problemas. Ela entrou devagar, olhando pelo ombro. Havia duas pessoas caminhando na rua no fim da quadra, mas elas não estavam prestando atenção. Se Howard Randall estivesse por ali, ele não estava se mostrando.

A van cheirava a poeira e mofo ainda que parecesse ter sido arrumada recentemente. Não havia nada nos bancos frontais e no painel. No entanto, quando checkou o porta luvas, Avery encontrou uma sacola plástica. Devagar, ela a puxou e, dentro, encontrou algo que não estava esperando— algo que a fez parar e, na verdade, rir alto.

Havia muitas letras com imãs na sacola, daquelas que crianças usam na geladeira enquanto aprendem o alfabeto. Ela olhou-as e viu que não era um alfabeto inteiro. Além disso, havia algumas letras que apareciam duas ou três vezes.

No fundo da sacola havia um bilhete escrito a mão. Com letra cursiva, escrito a lápis, havia uma pergunta: *O que há em um nome?*

Avery observou a caligrafia e teve quase certeza de que a letra não era de Biel, já que a letra dele era quase como de criança. Aquela caligrafia era bonita e elegante.

Avery olhou para os fundos da van. Estava completamente limpo. Com exceção de um pouco de poeira, o fundo da van estava vazio. No lado esquerdo, no vidro, ela viu uma área que parecia estar mais limpa do que as outras. Ela se abaixou e foi até a parte de trás com a sacola na mão. Colocou o nariz contra a área limpa e sentiu um cheiro de limpa-vidros. Havia sido limpa recentemente, diferente do resto do veículo.

Ela percebeu na mesma hora o que Howard estava fazendo e aquilo a fez pensar se ele estava falando com ela de algum jeito. Ele não estava só dando uma pista, mas também revelando os passos que ela precisava dar para consegui-la. Ele estava fazendo tudo muito claramente, como um pai deixando uma criança em casa sozinha pela primeira vez.

As letras magnéticas. A área limpa em forma de quadrado nos fundos da van. O bilhete, perguntando *o que há em um nome?*

Sentindo-se um pouco idiota, Avery jogou as letras no chão. Depois, abaixada, começou a mexer nela. Separou as vogais e fez uma pilha própria, depois separou todos os R, S, T e N em outra pilha, já que eles eram letras mais usadas na língua inglesa.

Avery começou a colocar as letras no vidro da van, começando com as consoantes e tentando criar um nome que ela pudesse reconhecer. Enquanto trabalhava, sentiu uma estranha admiração pelo que Howard estava fazendo-a fazer. Daquele jeito bobo, ele estava fazendo ela trabalhar para buscar informações, ao invés de apenas deixar o nome em um bilhete... ou mesmo envia-lo diretamente em uma mensagem de texto. Mesmo que a fizesse perder tempo, aquilo também a fazia se manter atenta.

Ela mexeu com as letras para lá e para cá e continuou sem entender o K. Era uma letra que estava geralmente no começo ou bem no fim de um primeiro nome. Tentou juntar o K com várias vogais, mas teve problemas com as consoantes seguintes. Trabalhou rápido, usando seu gosto por cruzadinhas e outros jogos com palavras.

Levou menos de dois minutos até que Avery descobrisse o primeiro nome, graças ao V—que era uma letra chave entre as remanescentes. Olhou para ela por um momento e formou uma palavra.

Kevin.

Depois, olhou para as letras restantes e tentou separa-las de algum jeito que fizesse sentido. Havia apenas duas vogais entre sete letras restantes, o que tornou a tarefa um pouco mais fácil, mas ainda complicada. No entanto, depois de alguns minutos, a inclusão do S e do H foram a chave para ela. Estava tentando coloca-las no meio do sobrenome, mas percebeu que elas precisavam estar no fim... antes dos dois Rs, que ficariam juntos, um depois do outro.

Com o nome escrito, ela olhou por um momento. Sabia quem era, mas nunca havia nem pensado sobre ele desde que descobrira que Biel fora solto. Aquele cara não havia nem aparecido no radar—principalmente porque não havia motivo para isso.

Kevin Parrish.

Era um nome que havia aparecido algumas vezes durante o julgamento de Biel—um antigo integrante da máfia que não tinha muitos resultados. Mas ele fora a pessoa que Biel identificara como um verdadeiro amigo—o que era irônico, já que ele tentara mata-lo durante sua escapada. Se Avery se lembrava bem, ela estava certa de que Kevin Parrish havia ficado com apenas dois dedos na mão direita e apenas um olho.

Dados os seis anos ou mais que haviam passado desde que Biel fora preso, e com a máfia em baixa, ela não sabia se falar com Parrish valeria a pena. Se fosse uma viagem longa, ela o descartaria.

Mas Howard parece pensar que ele é importante, Avery pensou. E, na verdade, aquilo era suficiente para ela.

Foi quando percebeu. Ela pensara todo o tempo que era estranho Howard ter escapado da prisão. Mas talvez—apenas talvez—ele não havia escapado por ambições próprias. Talvez ele sabia da libertação de Biel e havia escapado como um esforço para salva-la.

Aquela ideia era no mínimo chocante. Sem se deixar levar por ela, Avery pegou seu telefone e ligou para O'Malley. Como sempre, ele atendeu prontamente.

- Quão rápido você me consegue um endereço? – Ela perguntou.
- Se for sobre o caso Biel, consigo em cinco minutos.
- Bom. Preciso de endereço de Kevin Parrish. Dois Rs.
- Certo. Já te envio.

Eles terminaram a ligação e Avery saiu da van. Ela olhou novamente para o veículo antes de voltar a seu carro. Imaginou por quanto tempo ele escondera o carro ou, sendo mais realista, quando ele havia roubado. A mente daquele homem era como um computador, pensando rapidamente e muito à frente daqueles a sua volta.

Ao abrir a porta de seu carro, Avery sentiu o celular. Viu que O'Malley já havia enviado o endereço, apenas três minutos depois de seu pedido. *Se eles fossem rápidos assim sempre*, ela pensou.

Ela leu o endereço e sorriu sozinha. Imaginou se Howard já sabia que ela estava lendo.

Kevin Parrish ainda morava em Boston. Mais do que isso, seu endereço ficava a apenas quinze minutos dali. Parecia banal, mas Avery estava confortável sabendo disso.

Ela saiu do estacionamento e deixou o apartamento para trás, junto com a sensação de que aquele lugar nunca fora sua casa de verdade.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Algo que Avery sempre apreciava em seu trabalho era que ela quase nunca sabia o que esperar dele. Mesmo quando os casos eram parecidos, não havia dois dias ou duas pistas iguais. Ela lembrou-se disso quando chegou em frente à casa de Kevin Parrish. Ele morava em um pequeno e belo condomínio de prédios. Cada estrutura continha de seis a oito casas, cada uma com sua própria varanda frontal.

Ela logo viu Kevin Parrish sentado em sua varanda. Ele estava em uma cadeira de balanço, fumando um cigarro e lendo um livro. Avery quase não se lembrava de como ele era durante o julgamento de Biel, mas, quando saiu do carro e se aproximou da entrada, teve quase certeza de que ele havia mudado.

Ele havia deixado o cabelo crescer e tinha uma daquelas barbas que Rose às vezes chamava de barba hipster—do tipo que precisava de um bom cuidado. No rosto de Parrish, a barba era quase grisalha. Avery imaginou que ele estivesse perto dos cinquenta anos. E apesar do cabelo e da barba, o que chamou a atenção dela mais do que tudo era o tapa-olho que ele usava onde seu olho esquerdo deveria estar.

Avery aproximou-se da varanda sem barulho, sem querer alarma-lo, já que ele estava aparentemente viajando em seu livro—uma das histórias de Jesse Ventura. Ela odiava criar estereótipos, mas o livro parecia combinar com a nova aparência de Parrish.

- Kevin Parrish? – Ela perguntou ao chegar à frente da varanda.

Ele olhou para cima através de uma nuvem de fumaça do cigarro, deixando o livro em seu joelho.

- Sim, sou eu. Quem é você?

- Sou a Detetive Avery Black. Estou em um caso urgente e esperava que você pudesse falar comigo sobre Ronald Biel.

- Tudo bem – ele disse, sorrindo. – Espero que a conversa comece com você me dizendo que ele está morto e apodrecendo em uma vala qualquer.

- Não, não está. Na verdade, ele foi solto da prisão há três semanas. E desde então, parece que ele já matou três pessoas. E também está ameaçando eu e minha família.

- Como esse babaca não foi preso para sempre? – Parrish perguntou. Ele terminou a pergunta com uma longa tragada no cigarro e depois o colocou

no cinzeiro no chão da varanda.

- Muitas variáveis – ela disse. Claramente ele não havia a reconhecido. E por que reconheceria? Mesmo que ela *tivesse* interrogado ele no tribunal, não teria o pressionado muito. Àquela altura do processo, ela já havia decidido entregar o caso.

- Então ele está à solta? Louco como sempre?

- Está – Avery disse. Ela ficou um pouco surpresa com a atitude despreocupada dele. Pensando nisso, imaginou se Kevin Parrish poderia estar na lista de Biel de pessoas para matar.

- Então, o que você precisa de mim? – Ele perguntou.

- Primeiro e mais importante: se cuide – ela disse. – Duas das três pessoas que ele matou eram relacionadas ao julgamento dele. O agente da condicional e a advogada chefe da firma que o defendeu. E eu sei que houve um conflito entre vocês dois...

- Sim, houve. Perdi um olho e esses dedos – ele disse, levantando sua mão direita e mostrando o espaço onde seu anelar e o mindinho deveriam estar. – Mas eu sou adulto. Vou ficar bem. E além disso... ele não vai vir atrás de mim. Se ele me matar, a máfia vai atrás dele. Não sou mais associado à máfia, mas ainda tenho amigos lá dentro. Ronald é esperto. Ele sabe disso. Agora, novamente: como posso te ajudar?

- Como alguém que já foi amigo de Biel, você sabe para onde ele pode ter ido depois de ter sido solto? Algum lugar seguro onde as autoridades não pensariam em procurar?

- Bom, acho que a conexão com a máfia é inútil. Ele acabou com tudo. Então, além das assombrações antigas dele, eu não sei mesmo. Ele tinha um amigo durante um tempo. Era quando ele era ativo na máfia, trabalhando como agente. Tinha uns boatos porque o amigo dele não estava na máfia. Pode ser que eles eram primos ou algo assim. Mas honestamente, duvido que ele tenha ido lá. Tenho certeza que houve uma briga entre os dois no fim. Boatos dizem que foi esse cara que fez a ligação anônima que acabou servindo para pegarem Ronald.

Aí está alguém que poderia estar na lista de vinganças dele, Avery pensou.

- Você tem o nome ou o endereço?

- Sim – ele disse. – O nome do cara é Warren Reilly. Ele mora numa daquelas casas velhas na Florence Street, onde tinha aquele engenho no fim da rua. Você sabe?

Avery assentiu. Ela estava com pressa, com certeza, mas sentiu que poderia ir um pouco mais a fundo—talvez para ter um entendimento melhor dos motivos reais de Biel e de seu raciocínio distorcido.

- Posso te perguntar qual foi a briga entre você e Biel?

Parrish acendeu outro cigarro, que tirou de uma carteira ao lado do cinzeiro. Ele pareceu considerar os pensamentos por um momento—talvez decidindo se queria ou não entrar no assunto. Ao fim, assentiu e tragou o cigarro.

- Ronald sempre foi um extremista. Nós soubemos disso rapidamente, mas ninguém disse nada. Ele era violento e exagerava muito quando era agente. Ele era enviado para quebrar um dedo ou dois para pegar informações de alguém e acabava quebrando a mão, algumas costelas e uns dentes. Você soube do cara que ele levou para o estábulo, certo? Antes de ser pego?

- Sim. O que tem ele?

- Ele também era nosso amigo. Era uma das maiores vozes da razão, tentava manter Ronald sob controle. No fim, olhe o que aconteceu com ele. Enfim... tudo isso – ele disse, mexendo os olhos e a outra mão, – aconteceu um mês antes dele ser pego. Eu estava com ele em um serviço e ele ficou furioso. Ele tinha que assustar o cara, talvez quebrar a perna dele se fosse preciso. Mas Ronald se perdeu. O cara quis dar uma de esperto e Ronald o matou. Estrangulou o cara até a morte e enquanto ele tentava respirar, Ronald disse que ia encontrar a esposa e a filha dele e fazer coisas repugnantes com elas. Então eu perdi a calma. Eu ameacei denunciá-lo, para que ele nunca mais trabalhasse para a máfia. Nós entramos em uma briga. Ele puxou uma faca e eu não tinha nada—nem faca, nem arma. Ele cortou meus dedos e esfaqueou a porra do meu olho. Acho que ele teria me matado se ele não achasse que o resto da máfia colocaria fogo nele. Mas, na verdade, acho que aquela perda de temperamento foi o começo do fim dele—quando as coisas começaram a desmoronar.

Avery pode ver na expressão dos olhos de Parrish que ele não estava gostando de falar sobre tudo aquilo. Ele deu uma longa tragada no cigarro e, quando terminou, olhou para a fumaça subindo.

- Você está perto de pega-lo?

- Não sei – ela disse. – Se Warren Reilly tiver alguma pista boa, pode ser. Obrigado por seu tempo, senhor Parrish.

Avery deu alguns passos em direção ao carro e parou. Ela se voltou para a varanda, onde Parrish já estava pegando seu livro de volta.

- Mais uma pergunta, senhor Parrish. Você por acaso conhece Howard Randall?

Parrish pensou por um instante e depois encolheu os ombros.

- O nome é familiar, mas não é alguém que eu conheço. Por que?

- Só para saber – ela disse, e seguiu para o carro.

Ao partir, tentou imaginar como Howard Randall conhecia Kevin Parrish. Ele seguira o caso de Biel enquanto estava na prisão? Se fosse assim...

Eles se conheciam na prisão? Eles estavam no mesmo prédio, afinal. E os dois têm reputações notórias...

Avery pensou que aquilo poderia ser um exagero, mas responderia algumas perguntas se fosse mesmo verdade. E sendo verdade ou não, ela sentiu o peso daquilo. Apertou seu pé um pouco mais forte no acelerador ao chegar a rua, ligando para o A1 pedindo o endereço de Warren Reilly.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Ironicamente, a casa de Warren Reilly ficava a menos de dez quilômetros do Weston Motel. Parrish estava certo ao chamar o local de velho. A maioria das crianças de rua se referia àqueles tipos de casa como casas quebradas. Eram casas de preço baixo geralmente oferecidas por corretores em queda para presos recém soltos ou ex-viciados em droga que queriam retomar suas vidas.

Ela estacionou facilmente, já que pouca gente que morava na Florence Street e nos arredores poderia ter seu próprio carro. Bateu na porta e esperou, mas não obteve resposta. Inclinou a cabeça na porta, procurando por algum ruído, mas não havia nada. Bateu na porta novamente e, dessa vez, mais uma vez sem resposta, tentou a maçaneta, que girou facilmente.

Avery abriu a porta apenas um pouco e chamou.

- Senhor Reilly? Warren Reilly? Você está aí?

A única resposta que obteve foi sua própria voz ecoando pela casa. Ao simplesmente colocar a cabeça dentro da porta parcialmente aberta, ela pode ver que a casa estava úmida. E também havia um cheiro intenso de lixo, como se houvesse pilhas esperando na cozinha para serem carregadas até a lixeira.

- Senhor Reilly, se você estiver aí, aqui é a Detetive Avery Black da Polícia de Boston. Estou entrando porque a porta está aberta e temos suspeita de atividade criminal.

Era tudo mentira, mas Reilly não precisava saber disso. *Se* ele estivesse ali.

A casa estava em uma bagunça total. Papel de parede caindo, assoalhos imundos e teias de aranha na entrada, com duas moscas grandes prontas para serem abocanhadas.

A pequena entrada levava a uma área que também servia de sala. Ela não precisou ir mais longe do que isso.

Warren Reilly estava sentado no sofá. Muitas outras moscas, essas bem vivas, voavam ao redor da cabeça dele. Algumas pousavam, caminhavam e voavam novamente. Warren Reilly não parecia se importar. Mesmo antes de verificar em frente ao sofá, Avery teve certeza de que ele não percebeu as moscas por conta dos dois ferimentos à bala em sua testa. Além disso, havia

um garfo enfiado em seu estômago. O sangue do ferimento feito pelo garfo havia escorrido por sua barriga e pelo sofá.

O que chamou a atenção foi que o sangue estava quase todo seco.

Biel veio aqui primeiro, ela pensou. Quando ele decidiu começar seu plano, ele veio visitar Warren Reilly primeiro. De acordo com Parrish, os dois eram próximos e acabaram brigando. Mas parece que Reilly se deu mal primeiro...

Avery caminhou pelo restante da casa enquanto ligava para o A1. Ela não encontrou outros sinais do crime. Não havia bilhetes enigmáticos, nem sinais óbvios de danos causados por Biel na casa de Reilly. O que ela viu foram algumas gavetas da cozinha abertas. Uma delas era a gaveta dos talheres—provavelmente de onde tinha vindo o garfo.

Ela caminhou até a sala, olhando Reilly novamente, e depois foi até a parte externa.

Isso está saindo do controle, pensou.

Percebeu que queria estar de volta ao hospital, junto com Ramirez. Saber que ele não podia falar com ela e que havia um certo anel para ser discutido tornava o pesadelo daquele caso ainda pior.

Avery voltou a seu carro e esperou pela polícia. Enquanto esperava, ligou para o hospital para saber sobre o estado de Ramirez. De acordo com a enfermeira, tudo corria bem—sem diferenças do que ela havia visto mais cedo, mas aquele era um bom sinal. Ela queria muito pedir para que a ligação fosse transferida para o quarto dele, mas achou melhor não. Era melhor deixa-lo descansar. Afinal de contas, ele só iria perguntar sobre o caso. E ela não queria fazer o cérebro dele trabalhar muito naquelas condições.

Avery encerrou a ligação e quase ligou para Rose. Mas antes que pudesse, viu várias luzes vermelhas e azuis chegando.

Ela saiu do carro e esperou que eles estacionassem atrás. Não ficou surpresa ao ver O'Malley saindo de seu carro—não uma viatura, mas um outro belo carro preto que ele usava em serviço. Quando ele veio ao encontro dela, outros dois agentes e um detetive do A1 também saíram de seus veículos.

Avery estava preparada para dar informações antes deles entrarem, mas antes que eles chegassem, O'Malley lhes deu a ordem.

- É com vocês, caras – ele disse. – Passem qualquer novidade para o Finley.

- O que? – Avery perguntou, confusa.
- Venha aqui – O’Malley disse, apontando para o carro dela. – Avery...
tem outro corpo.
- Outro? Meu Deus, esse cara é rápido. Onde? Nós sabemos quem é?
O’Malley respirou fundo e quase não conseguiu olhar para ela.
- É o seu ex-marido – ele disse. – É o Jack.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

O mundo estava embaralhado quando Avery chegou à casa de Tricia. Ela morava em uma pequena casa de uma bonita vizinhança, não muito longe da casa de Jack. Avery o instruíra a se mudar para outro lugar por um tempo e Biel ainda assim o encontrara. Quando O'Malley parou a viatura no estacionamento, já havia outras duas estacionadas ali, pintando as paredes da casa com luzes vermelhas e azuis.

O'Malley mal tinha parado o carro e Avery já estava em direção à porta.

- Avery, espere – ele pediu. – Deixe eu ir com você.

Ela não se preocupou em responder. Ao correr, sua mente e coração pareciam estar em conflito. De um lado, ela tinha que aceitar que apesar de não ter sido tão apaixonada por Jack, ela tinha vivido dez anos de sua vida com ele. De outro... tentava imaginar como seria contar a notícia para Rose.

- Meu Deus – disse, suspirando.

Ao chegar às escadas, viu dois policiais conversando. Eles aparentemente a reconheceram, já que saíram do caminho sem perguntas. Logo atrás, pode ouvir O'Malley se apressando, ainda chamando seu nome.

Avery parou de correr quando entrou no lugar. Estava gelado e ela pode sentir o cheiro de sangue. Imagens de como havia encontrado a casa Mitch Brennan mais cedo vieram a sua mente.

Senhor, aquilo foi mesmo hoje? A quantidade de mortes daquele dia parecia demais... além da cena de Jack fazendo sexo com sua jovem namorada.

E agora isso... era surreal.

Mas tudo ficou ainda mais sinistro quando ela viu a primeira mancha de sangue. Primeiro eram apenas algumas gotas, espalhadas pelo carpete. Um policial saiu de trás da pequena passagem entre a entrada do corredor e a cozinha. Ele parecia alarmado, pronto para repreender quem quer que estivesse tentando entrar na cena do crime, mas depois viu o rosto de Avery.

- Detetive Black – ele disse. – Você precisa de um minuto, ou...?

O'Malley entrou no corredor pela porta atrás dela. Ele estava cansado, um pouco sem ar, dando seu melhor para parecer inteiro.

- Sim, agente – ele disse. – Você nos daria um minuto?

O policial assentiu tristemente e saiu.

- Avery, você tem certeza que quer ver isso?

Ele sabe que a cena é feia, ela pensou ao entrar na cozinha. Ele sabe que vai ser difícil e está tentando me fazer não ficar mal.

Havia uma grande poça de sangue no chão da cozinha. Quase toda molhada, mas seca nas bordas. *Isso aconteceu há pelo menos duas horas, ela pensou. Talvez um pouco menos. Não mais do que quatro horas depois de eu ter visitado ele, com certeza.*

Ela pisou na extremidade do balcão e viu Trícia. Ela estava com o rosto caído na mesma poça de sangue. A parte de trás de sua cabeça fora atingida forte, seu crânio claramente quebrado. A tábua de corte de mármore que fora usada como arma estava caída no chão, a seu lado. Mas também havia uma faca de açougue cravada em sua espinha. Aquele ferimento também estava sangrando, mas não tanto quanto a parte de trás da cabeça.

Avery olhou para a parede da sala a sua frente. Havia uma mensagem escrita com sangue. O rolo de toalhas de papel usadas para escreve-la ainda estava no sofá.

TODOS OS QUE VOCÊ AMA

Era tudo o que a mensagem dizia.

Avery sentiu ódio e raiva por um momento, mas rapidamente viu aquele sentimento se transformar muito mais em desamparo.

A cozinha levava à sala e antes mesmo de chegar até lá, Avery viu a mão através do pequeno bar. Ela tremeu, com seus olhos vidrados ali quando entrou na sala.

Ela não se conteve—quase chorou e seus joelhos quase caíram.

Jack estava caído de costas, com sua perna direita estranhamente posicionada no chão. Sua garganta fora cortada do mesmo modo que a de Jane Seymour, mas não até o fim.

Havia muito sangue. Por todos os lados. Antes de forçar seus olhos a desviarem de Jack, ela viu pelo menos mais cinco ferimentos. Todos pareciam ter sido feitos por uma faca, provavelmente a mesma que estava cravada nas costas de Trícia. Dois no peito, um na virilha e um em cada lado do rosto, que tinham aberto o canto da boca.

Ela virou-se e deixou as lágrimas caírem.

Rose, ela pensou. Meu Deus... Rose.

- Quem descobriu os corpos? – Avery perguntou, com a voz trêmula.

- A vizinha. Disse que recebeu uma ligação de Jack pedindo ajuda. Mas quando chegou, encontrou isso.

- Licença – uma doce voz disse atrás deles. Era o agente que havia saído há menos de três minutos. – Acho que vocês podem querer o número no telefone do vizinho era de Jack. Mas o telefone não está aqui. Estamos tentando encontrar a localização da ligação. Estamos acreditando que o assassino roubou o aparelho, fez a ligação para que os corpos fossem encontrados, e o abandonou.

Ela escutou e entendeu o que estava sendo dito, mas nada fazia sentido. Avery ainda não estava acreditando que tudo aquilo estava acontecendo. Todo aquele sangue no chão... não poderia ser real, ou poderia? Não era mesmo Jack, ou era?

- Avery – O'Malley disse. – Me escute. Ele está perdendo o cuidado. Ele roubou um telefone. Usou uma faca e uma tábua de mármore. Vamos conseguir as digitais. Vamos encontrar o telefone e ter uma ideia de para onde ele foi.

Rose...

Era a única coisa que passava em sua cabeça naquele momento. Ao pensar em sua filha, sua preocupação em contar a notícia da morte de Jack diminuiu. A preocupação maior era agora com a segurança dela.

Sim, Avery sabia que havia dois homens estacionados no motel. Sawyer e Dennison. Mas Biel era louco, desesperado e muito motivado.

Ela olhou para a mensagem na parede da sala, escrita em manchas de marrom.

TODOS OS QUE VOCÊ AMA

- Rose – ela disse.

- Que? – O'Malley perguntou.

- Preciso encontrar Rose. Agora.

- Ok, sim. Meu Deus... Tenho que ficar aqui até os peritos chegarem. Pegue meu carro. Eu vou com um desses caras para o A1 depois. Se você precisar de algo, ligue para o Finley, ok?

Ela apenas assentiu firmemente quando O'Malley entregou suas chaves e ela pegou-as da mão dele.

- Meu Deus, Avery – ele disse. – Sinto muito... Rose...

Ela percebeu que ele acabara de se dar conta do que ela teria que fazer quando voltasse ao motel—o que ela teria que contar para a filha.

Todos os que você ama. A mensagem se repetia várias e várias vezes em sua mente, como uma provocação.

Uma provocação que ela tratara de responder: *Só por cima do meu cadáver.*

CAPÍTULO VINTE E SETE

Eram 11:10 quando Rose acordou. Ela nem se lembrava de ter pego no sono. Olhou para a TV e viu um reprise de *The Big Bang Theory*. Ela havia pegado no sono durante um programa estúpido qualquer. Achava que tinha sido por volta das dez.

Sua mente estava tão perdida nesses pensamentos que ela levou alguns momentos para pensar no que realmente interessava.

Algo me acordou. Não algo barulhento. Algo... estranho. Agora, o que era?

Ao sair do estado grogue e entrar em um estado de alerta e pânico, pensou em algumas coisas. Primeiro, sua mãe não estava ali. E sendo tão tarde, poderia ser algo bom (ela poderia estar na caçada ao assassino) ou algo ruim. Seja qual fosse o motivo, aquilo significava que ela estava sozinha.

Não, ela pensou. Sawyer e Dennisson estão lá fora. Você está segura. Você está—

Mas então ela ouviu algo a mais. Dessa vez, ouviu claramente, sem a tontura do sono. Um barulho que soou como uma respiração profunda.

Sem nunca ter sido adepta de se esconder no cobertor, mesmo quando era criança, Rose cautelosamente saiu da cama. O quarto estava iluminado apenas pelas luzes brancas do estacionamento lá fora, que passavam levemente pelas persianas. Ela foi até a janela e antes de abrir cortina com seus dedos para enxergar bem, resolveu pensar melhor. Pensou no gato morto e no tijolo entrando pela janela de sua mãe. Alguém estava atrás delas. Poderia ser estúpido ser tão descuidada e simplesmente abrir as persianas.

Rose se ajoelhou e mexeu levemente na persiana inferior. Ela ainda não conseguia ver muita coisa, então moveu-se, de joelhos, até o centro da janela. Levantou a última cortina o mais quieta possível. Primeiro, viu a luz branca contra a janela. Mas depois seus olhos se acostumaram com o escuro e pode ver algumas formas.

Viu a viatura, estacionada bem em frente ao quarto. A porta do motorista estava aberta, com luzes no interior. No banco, um dos agentes—Dennison, ela pensou—parecia estar dormindo. Então, ela viu que a cabeça

estava pendurada e percebeu que ele não estava dormindo. Ele estava morto.

Imediatamente, viu outra forma. Essa estava muito mais próxima dela, à sua direita na passagem de concreto em frente ao quarto. Havia dois homens, lutando um contra o outro. O barulho que Rose escutara era de um deles sendo jogado na parede do prédio. Enquanto eles lutavam, Rose pode ver perfeitamente o que estava acontecendo—e a cena a aterrorizou.

Um deles era o agente Sawyer. O outro era um homem que ela nunca tinha visto antes. Ele era praticamente careca e seus olhos pareciam fendas reptilianas no escuro. Ele estava claramente ganhando a luta e o motivo era óbvio. Havia algo saindo da lateral do pescoço de Sawyer. Mesmo no escuro, Rose pode ver que ele estava sangrando.

- Merda – ela disse.

Nesse momento, ela mexeu nas cortinas um pouco rápido demais. Elas bateram contra a janela.

Lá fora, o homem careca virou-se em sua direção. Ainda lutando com Sawyer, o careca sorriu para ela—um sorriso demoníaco que ela quase não viu através da cortina.

Rose moveu-se tão rápido que bateu na cama—a cama onde sua mãe deveria estar dormindo, mas onde ela estava mesmo? Ela odiou estar sentindo apenas raiva de sua mãe naquele momento. Balançou e se levantou, deixando seus instintos lógicos virem à mente, e se apressou até a porta. Já estava trancada, mas usou a trava de corrente também.

Depois, Rose foi até o criado-mudo entre as duas camas. Pegou seu telefone e procurou o número da mãe. Com seu dedo pronto para ligar, algo bateu na porta do lado de fora.

Rose pulou, deu um pequeno grito, e seu telefone voou de sua mão. Ele caiu na cama e, quando tentou pega-lo, algo bateu na porta novamente. Ela pode ouvir a corrente se mexendo e a fechadura tremendo.

Rose gritou e todos os nervos de seu corpo pareciam estar tremendo. Ela esqueceu o telefone e só conseguia pensar em sobreviver. Correu o mais rápido que pode para o banheiro, quase colidindo com a pia. Ao virar-se para fechar a porta do banheiro, a porta do quarto foi atingida novamente.

A dobradiça superior se descolou e as bordas da porta balançaram. Outro ataque forte e ela certamente cairia. Chorando, Rose bateu a porta do banheiro e trancou a fechadura. Ao fazer isso, percebeu que o tranco da porta do banheiro era muito mais fraco do que o da porta do quarto. Ainda

assim, sentiu que havia progredido, que havia fugido do homem careca e que aquilo era tudo o que ela poderia fazer.

Mas então, trancada no banheiro sem poder sair, seu movimento pareceu estúpido. E tendo ficado trancada ali, percebeu o quão aterrorizada estava quando entrou no banheiro. Ela havia deixado o telefone lá fora, na cama. Não que importasse... o cara chegaria a qualquer momento e poderia por fim em tudo. Ela poderia ter tido tempo para fazer a ligação—mesmo que fosse apenas para dar um toque ou dois no telefone de sua mãe.

Como que para confirmar a tese, Rose ouviu um barulho de algo quebrando do outro lado da porta do banheiro. O homem estava ali dentro. Ele tinha conseguido derrubar a porta.

Alguém tem que ter visto ele com os tiras, ela pensou. E mesmo que não tenham visto, alguém escutou ele batendo na porta. Cadê a porra do gerente?

- Sua mãe não está aqui? – O homem disse ao chegar perto da porta do banheiro. Ela pode ouvir os passos dele em sua direção e depois um som de como se ele estivesse passando os dedos na porta quase que de um jeito sensual. – Claro que ela não está – ele disse, respondendo sua própria pergunta. – Ela está por aí arrumando minhas bagunças. E talvez... bem, talvez ela tenha más notícias para você. Eu estou quase te contando eu mesmo antes de te matar. Você quer saber?

- Vá para o inferno! – Ela gritou para ele, sem sentir-se nenhum pouco desafiadora. Depois, gritou o mais alto que pode, tentando chamar a atenção de alguém.

- Ah, garotinha má – o homem disse. E então, começou a chutar a porta do banheiro. A parte inferior da porta curvou-se facilmente, com a madeira velha se quebrando.

Rose olhou em volta procurando algo para se defender. Mas não havia nada. Nem um desentupidor.

Vou morrer, ela pensou. Era um pensamento aterrorizante, mas que ela tinha conseguido aceitar com muita clareza. Ela estivera escondendo seu medo até então, fingindo estar com raiva de sua mãe. No entanto, estava assustada, mas não queria que sua mãe soubesse. Agora, ela estava de frente com o medo, prestes a encontrar um estranho misterioso, e finalmente aceitara seus sentimentos.

No golpe seguinte na porta, ela se quebrou. O homem havia a golpeado com seu ombro e a porta caíra facilmente. Talvez até *muito* fácil. O homem

careca claramente não esperava que ela caísse tão rápido. Ele quase caiu, e provavelmente teria ido ao chão se não tivesse conseguido se segurar na pia com sua mão direita.

Ao balançar ao lado da pia, seus olhos miraram Rose de um jeito envergonhado, como se dissesse *Não sei a força que tenho*.

E foi aquele olhar arrogante que deu a Rose um segundo. Quando ele tentou se recompor, seu pé direito ficou preso na porta quebrada, trancando seu sapato entre a porta e o chão.

Ao ver aquilo, Rose correu para a porta. Ele tentou alcançá-la, encostando nela. Sua mão direita ensanguentada alcançou o ombro de Rose e puxou suas costas. Mas a mão estava escorregadia com o sangue dos dois policiais que ele acabara de matar, e Rose conseguiu se soltar rapidamente.

Ela saiu do banheiro e buscou seu telefone imediatamente. Segurou-o e seguiu para a porta. Não ousou olhar para trás. Manteve seus olhos na porta aberta e na noite ao além.

Rose estava a três passos da porta quando viu a forma do homem careca se jogando em suas costas. Ele aparentemente havia saltado, alcançando suas costas e a jogando no chão diretamente. O braço direito de Rose trancou-se na cama e uma dor no ombro parecida com um choque tomou conta de todo o lado direito de seu corpo.

Ele segurou o cabelo dela e a puxou com força. Ela tentou gritar, mas antes que conseguisse, ele a deu um soco forte no estômago. Enquanto Rose procurava ar, ele acariciou o rosto dela. Ela viu que ele estava usando luvas, mesmo com a camada de sangue.

- Vou te matar – ele disse. – Vai ser rápido. Não tenho tempo a perder. Mas primeiro, deixe-me te contar um segredo. Você sabe de onde eu estou vindo? Você sabe quem eu matei antes de vir te visitar? Você gostaria de saber?

Rose continuava buscando ar. Ela escutou aquelas palavras, mas elas pareceram flutuar em algum outro lugar. Quis fechar os olhos ao vê-lo se jogando em cima dela, desejando ficar surda para parar de ouvir a voz dele.

Depois, as mãos deles estavam em sua garganta, a enforcando.

Em seguida, a boca dele estava em sua orelha, como um amante louco, prestes a contar o segredo.

Avery viu o corpo de Sawyer morto antes mesmo de chegar ao estacionamento. Ao vê-lo, parou seu carro bruscamente, com uma roda em cima da passagem que levava ao local, ligando os quartos. Ao sair do carro, com o motor ainda ligado e as luzes acesas, ela viu a viatura. A porta estava aberta. A luz interior estava acesa, iluminando o corpo de Dennison.

Ela quase não deu atenção a Sawyer e Dennison e correu para o quarto de Rose. Mesmo assim, ainda pode sentir o cheiro de sangue no concreto na parede externa do motel. Avery puxou sua arma e, então, seus instintos de mãe em pânico tomaram conta da detetive treinada.

- Rose? – Ela chamou, antes de entrar no quarto. – Rose, amor... você está bem?

Ela estava quase chorando antecipadamente de medo quando entrou no quarto.

Havia dado apenas um passo quando viu algo vindo na direção de sua cabeça. Deu um passo atrás a tempo e pode ver seja lá o que fosse passando perto de seu nariz, a menos de um centímetro. Quando o objeto bateu na porta—um objeto que agora ela percebera que havia sido chutado com força—quase não se deu conta de que alguém estava balançando a base da lâmpada na direção dela.

Depois, Avery viu a cabeça careca e o rosto sinistro de Ronald Biel. Havia manchas de sangue em seu rosto, escorrendo pela sobrancelha quando ele largou a lâmpada e atacou Avery com suas próprias mãos.

Avery levantou sua Glock e atirou momentos antes das mãos dele alcançarem sua garganta. O tiro acertou o ombro esquerdo de Biel, fazendo-o girar. Ele bateu na borda da porta e caiu no concreto. Confusa pela necessidade de parar Biel e seu desespero por encontrar Rose, Avery parou por um momento e olhou em volta do quarto.

Ela viu Rose, caída no chão. Havia manchas de sangue no pescoço dela. Seus olhos estavam abertos, mas ela não estava se mexendo.

O corpo de Avery congelou por um momento e ela pensou que poderia cair no chão. Mas depois, sentiu o peso da arma em suas mãos. Esqueceu o gemido que tentara se tornar um grito e virou-se novamente para Biel.

Ele estava a caminho da saída, correndo o mais rápido possível para o estacionamento. Ele estava a cerca de três metros, escondendo o lado no qual ela havia atirado. Avery levantou a arma com suas mãos trêmulas e os olhos embaçados pelas lágrimas.

Ela atirou e viu que a bala havia saído para o lado direito. Tentou se estabilizar e atirou mais duas vezes. Um tiro o acertou no mesmo ombro. O outro, ela não sabia.

Mas ele seguiu se movendo.

As pernas de Avery se entregaram à dor. Ela manteve a arma levantada, e perdida em um misto de dor e ódio, atirou mais nove vezes, apertando o gatilho até terminar as balas.

Continuou com o dedo no gatilho com a mão direita e usou a esquerda para se levantar, segurando-se na maçaneta da porta.

- Mãe?

Respirando desesperada, Avery virou-se e viu Rose sentada. Ela estava segurando seus cotovelos e parecia muito machucada.

Rose correu até ela e se jogou em seus braços, fazendo cair a Glock.

- Rose! Meu Deus! Você está bem?

Ela assentiu.

- Minha garganta dói. Ele me estrangulou um pouco, eu acho. Mas depois eu ouvi seu carro chegando. Mas... Sawyer e Dennison...

- Eu sei, meu amor – ela disse.

- Mãe... ele disse que tinha um segredo. Que ele tinha ido em algum lugar antes de vir aqui. Do que ele estava falando?

O coração de Avery congelou.

- Espere, meu amor – ela disse. – Tenho que chamar reforço—

- Mãe? Por favor. Me fale.

Devagar, Avery pegou a mão de Rose e a contou. E mesmo tendo achado que não era possível, aquela noite ficou cerca de dez vezes mais escura.

CAPÍTULO VINTE E OITO

O Weston Motel virou um circo em menos de vinte minutos. O estacionamento inteiro estava coberto por luzes de viaturas e veículos estacionados. Avery e Rose permaneceram no quarto, que ficara cada vez mais lotado. Avery estava contando o que acontecera para Connelly enquanto uma médica dos primeiros socorros cuidava de Rose.

Rose tinha pequenas manchas no pescoço, mas não parecia estar realmente machucada. Ela também fora analisada para se descobrir se Biel havia deixado digitais em seu corpo, mas já que ele usara luvas, não havia nada. O mesmo acontecera com Sawyer e Dennison. E ainda que ninguém estivesse lá para testemunhar o que acontecera com eles, a teoria era de que a garganta de Dennison havia sido cortada e ele fora esfaqueado no peito e no estômago, em um total de seis vezes.

Já sobre Sawyer, acreditava-se que ele havia saído da viatura para buscar uma xícara de café na recepção, já que havia um copo de papel quase vazio perto de seu corpo e o cheiro de café se misturava com o de sangue. Ele fora esfaqueado com a mesma faca usada para matar Dennison. Havia apenas dois ferimentos em Sawyer—um na parte lateral, que provavelmente perfurara o pulmão, e outro na garganta, onde a faca ainda estava enterrada. Rose havia descrito que vira algo saindo de seu pescoço quando ele lutara com Biel, na luta que ela assistiu pela cortina.

Não era um bom cenário, mas era o cenário real.

Apesar de toda a comoção, Avery tratou de ignorar a todos e focar em Rose. Sua filha havia tido apenas cinco minutos para lamentar a perda do pai a sós com sua mãe antes da chegada da primeira viatura. Desde então, Rose parecia um zumbi, apenas de corpo presente. Ela havia respondido as perguntas que foram feitas, mas estava perdida. Avery queria gritar com todos no quarto e lá fora para que eles dessem a elas uma chance de processar todo o acontecido. Pelo amor de Deus, a garota havia acabado de perder seu pai, não era possível elas terem um pouco de privacidade?

Mas quando viu a primeira van da imprensa lá fora, Avery viu ir embora qualquer esperança de privacidade.

Connelly estava parado a sua frente, claramente fora de si. Avery nunca o vira perdido antes. Não combinava com ele.

- Você atirou todas as balas – Connelly disse. – E você me disse que só tem certeza que o acertou duas vezes.

- Sim – ela disse. – Desculpe. Mas pensei que Rose estava morta e perdi a cabeça por um momento.

- Totalmente entendível – ele disse. – Mas você acertou o babaca. Duas vezes. Então ele está sangrando. E se ele está sangrando, isso significa que provavelmente ele deixou algum rastro. Para que lado ele estava indo?

- Não sei. Só tenho certeza de que ele atravessou o estacionamento.

- Ok. Vou colocar alguns caras nisso. Já volto.

Ela viu Connelly caminhar pela porta e depois se virou para Rose. A médica estava terminando a acenou positivamente.

- Ela tem sorte – a médica disse. – Não teve grandes danos pelo que posso ver. Se ela tiver problemas de respiração ou qualquer dor no pescoço nos próximos dias, é bom fazer um raio-X. Mas acho que ela vai ficar bem.

Lá de fora, Avery ouviu pessoas gritando. Ela foi até a porta quebrada e olhou. Uma linha de quatro policiais tentava afastar um grupo da imprensa. Ao ver aquilo, outra van chegou. Mais luzes piscavam atrás dela.

- E agora, mãe? – Rose perguntou.

Era uma boa pergunta. E ela odiava a si mesma por não ter respostas. Ela havia feito de tudo naquele dia e não obtivera nenhum resultado. Apenas dois policiais, uma ex-colega de trabalho e um ex-marido, todos mortos.

Ele está calculando tudo, ela pensou. Está seguindo uma programação. Nada aleatório. Ele tem algum tipo de ordem para tudo, provavelmente comigo no final da lista. Ele foi atrás de Rose depois de Jack. Então eu sou a próxima? Se sim, por que ele fugiu tão fácil? Sim, eu atirei nele, mas se ele quer tanto me pegar, ele não teria apenas fugido assim, teria?

Aquela linha de pensamento estava tentando leva-la a algum lugar. Talvez se não fosse tão tarde e ela não tivesse que lidar com a morte de Jack, ela descobriria aonde. Avery tentou seguir o raciocínio, mas antes que pudesse terminar, uma grande forma entrou marchando pelo estacionamento.

O Prefeito Greenwald parecia uma sombra prolongada ao chegar perto dela. Era claro que ele não estava acostumado a estar acordado àquela hora. Ele parecia irritado—quase horrorizado com a situação. Avery quase desejou que os corpos de Sawyer e Dennison não tivessem sido cobertos ainda. Ela sabia o quanto Greenwald odiava ver sangue.

Quando ele chegou no quarto, Avery também viu Connelly correndo. Ele pode ver a tensão entre eles, radiando como em um filme de super-herói. Ele viu a sensação de explosão a caminho e iria tentar evita-la.

Mas Connelly demorou um pouco demais. Greenwald chegou à porta, com seu rosto vermelho de raiva. Avery se manteve parada. Ela nunca fora intimidada por qualquer força fabricada e com certeza não seria naquele momento.

- E onde você estava quando tudo aconteceu? – Ele perguntou, basicamente gritando para ela.

Com a mesma força, ela respondeu:

- Estava na cena do crime onde encontrei o corpo do meu ex-marido. Então se você quiser mesmo falar comigo agora, é melhor você repensar suas palavras.

Ele riu, mas seus olhos miraram por sobre o olho dela, para Rose, sentada na cama olhando perdida para a parede.

- Você está me ameaçando, Black?

- Se você está planejando se meter no meu caminho para pegar esse cara, estou sim. Considere isso como uma ameaça.

- Espere – Connelly disse, finalmente chegando. – Vocês dois precisam de um momento para—

- Você colocou ela nesse caso? – Greenwald perguntou, interrompendo.

- Sim – Connelly disse. – Ela é a melhor que eu tenho e eu faria novamente. Agora, no entanto – ele disse, - Avery... depois do seu ex-marido, tenho que pedir para você ficar de fora. Você está muito próxima a tudo.

- Eu estava muito próxima desde que um gato entrou pela minha janela com um bilhete – ela respondeu.

- Não posso crer em vocês dois – Greenwald disse. – Quando isso tudo acabar, vou ver o que faço com o A1. Vou fazer vocês saberem que eu—

- Você não vai fazer *nada* – Avery disse. – Porque você quer Biel pego tanto quanto eu. Você tem votos a perder, afinal. – A cada palavra, sua voz aumentava, até que ela estava gritando. – Você tem dois tiras mortos, e isso faz com que esse idiota tenha matado *pelo menos* seis pessoas em *um dia*! Então se você quiser que isso pare, é melhor deixar o seu nariz de fora de algo do qual você não sabe nada e ficar longe da porra do meu caminho.

- Você não pode—

- Capitão – ela disse, ignorando Greenwald e olhando diretamente para Connelly. – Você pode por favor tirar o prefeito da minha porta para que eu possa fecha-la e ficar sozinha com a minha filha em um momento difícil?

Sem esperar uma resposta, Avery alcançou a porta quebrada e a fechou, forçando Greenwald a dar um passo atrás. A porta não fechou completamente por conta do ataque de Biel, mas ela conseguiu se fazer entender.

Avery olhou para Rose e viu que mesmo com lágrimas caindo de seu rosto, ela estava sorrindo.

- Você consegue ser foda quando quer – Rose disse. – Você sempre foi legal assim?

- Não.

Ela sentou ao lado de Rose e abraçou a filha. Quando Rose estava em seus braços, Avery deixou as lágrimas caírem. Ela nunca estivera tão em conflito. Deveria ficar com Rose e ser uma mãe presente em um momento de necessidade ou deveria sair e ir atrás de Biel?

Quanto mais pensava na decisão que precisava tomar, mais ficava perdida. Ela e Rose ficaram abraçadas, chorando, e Avery disse algo que pareceu sair involuntariamente de sua boca.

- A culpa é minha – ela disse. - Rose... as coisas que eu fiz no passado. Desculpe. Eu entreguei o caso de Biel. Ele está vindo atrás de mim e por causa disso você está em risco. Por causa disso seu pai está morto e—

Ela interrompeu a frase ali, sentindo vir uma onda de tristeza que tinha medo que não fosse mais embora.

- Nada disso, mãe. Você não enlouqueceu esse cara. Você não foi parte do sistema que deixou ele ser solto por bom comportamento.

- Mas fui *eu* quem mandou ele para a cadeia. As evidências eram fracas e eu... eu deveria ter feito meu trabalho. Mas ele é louco, Rose. O cara é louco e eu tinha que fazer ele ser preso. Eu não sei qual trabalho me fez perder mais minha alma—defender pessoas como Biel ou ir atrás deles com um distintivo e uma arma. Amor... me desculpe.

Ela não sabia há quanto tempo elas estavam sentadas juntas. Em algum momento, Rose pegou no sono em seu ombro. Avery gentilmente a deitou, com a cabeça no travesseiro, e silenciosamente saiu da cama. Ela olhou o relógio ao lado da cama, viu que eram 1:36, e foi até a porta. Abriu e olhou lá fora. As vans da imprensa ainda estavam lá e já eram pelo menos quatro agora.

Mas Avery também viu seis viaturas e dois carros pretos. Na multidão de policiais, viu O'Malley. Ele estava falando com Connelly ao lado de uma viatura. Finley também estava ali, falando com alguém no celular.

Olhando mais uma vez para Rose, Avery saiu. A noite estava fria, mas isso era bom. Mantinha-a acordada e alerta. Ela caminhou na direção de Connelly e ele lhe ofereceu uma expressão séria.

- Você fez uma merda grande com Greenwald – ele disse. – Se eu não demitir você em uma semana...

- Vamos pensar nisso depois – ela disse. – O que eu posso fazer?

- Nada – Connelly disse. – Fique com sua filha.

- Ela está dormindo e tem pelo menos quinze policiais aqui agora. Ela está segura. Então vou perguntar de novo, o que eu posso fazer?

- Olhe – O'Malley disse. – Temos todos os homens disponíveis procurando Biel agora. Eles começaram até a falar com a imprensa—para que os cidadãos fiquem na busca dele. Colocaram a foto dele em tudo. Seis assassinatos em um pouco mais de um dia. Boston é uma cidade que sabe se cuidar. Com a população nessa, nós vamos encontra-lo.

Avery encontrou-se desejando que Ramirez estivesse ali. Ela era tão incerta às vezes, e Ramirez sempre a ajudava. Ela era melhor com ele ao lado. Sempre pensava com precisão e estava sempre pronta. Com Ramirez, ela...

Ramirez.

Seus pensamentos foram interrompidos quando ela olhou de volta para O'Malley.

- Você disse que *todos* os homens disponíveis estão nessa?

- Sim. Esse idiota vai encontrar seu fim mais cedo do que pensa.

Avery quase externou sua preocupação em voz alta, mas preferiu ficar quieta. *E o guarda do lado de fora do quarto de Ramirez?* Ela pensou. *Foi chamado também?*

Se externasse aquele pensamento, haveria muito tempo perdido com Connelly a dizendo para não se preocupar com isso e mandando alguém para fazer a guarda. E Avery estava sentindo que tempo não era algo do qual ela podia esbanjar. Com Jack morto e uma tentativa contra a vida de Rose, havia apenas uma pessoa com quem ela se importava que Biel poderia ir atrás.

Não... ele não pode. Não em um hospital.

Mas depois pensou em Sawyer e Dennison, cuidando de Rose. Policiais treinados, agora mortos.

- Posso pegar uma carona até o hospital, então? – Avery perguntou. – Odeio ter que pedir, mas não estou em condições de dirigir. Preciso ver Ramirez. Por favor.

- Claro – Connelly disse. – Desde que você fique longe disso. Nós vamos cuidar disso, Black.

- Eu sei – ela disse. – E você pode por favor se assegurar de que Rose vai ser cuidada?

- Eu mesmo vou ficar aqui até você voltar – O'Malley disse. – Eu e pelo menos mais quatro.

- Obrigada.

- Enquanto isso – Connelly disse, - peça uma carona para Finley. Pode ser que ajude. Ele e Dennison eram muito amigos.

Assentindo, Avery assim o fez. Ela encontrou Finley no meio da multidão e caminhou até ele rapidamente. Seu relógio marcava 1:43 e ela podia sentir o fim próximo no ar. A manhã estava chegando, mas ela sentiu que, quando o sol aparecesse, tudo estaria terminado.

Para ela ou para Biel—essa era a questão.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Finley pareceu mesmo feliz em deixar a cena no motel, mas ao levar Avery para o hospital, falou muito pouco. A noite fora impactante para todos os agentes do A1 já que as notícias sobre Sawyer e Dennison já haviam se espalhado. Avery pode perceber inclusive que ele estava desconfortável por estar com ela e não saber o que dizer sobre a morte de Jack. Finley tinha um ótimo coração, mas não sabia consolar.

Quando chegaram ao estacionamento, Avery percebeu que em algum momento entre a discussão com o Prefeito Greenwald e a carona com Finley, um pico de adrenalina a atingira. Ela estava nervosa, inclinando-se para frente em seu banco enquanto Finley mostrava seu cartão para o guarda na guarita.

Enquanto Finley seguiu até a primeira vaga livre, Avery ouviu o telefone dele tocar. Ele atendeu imediatamente, sempre pronto e a postos. Avery só ouviu metade da conversa quando ele estacionou.

- É o Finley.

Houve um silêncio pesado no carro depois disso. Avery olhou para Finley e viu uma hesitação momentânea em sua expressão. Ele havia acabado de ouvir alguma notícia que o aterrorizara e estava tentando escondê-la.

- Quem é? – Avery perguntou.

Finley coçou a testa e balançou a cabeça.

- Merda – ele disse.

- Finley, o que foi?

Ele olhou para ela, com o telefone ainda no ouvido. Seu olhos estava arregalados e ela pode ver lágrimas neles.

Avery não disse nada e moveu-se rapidamente. Ela abriu a porta e, quando seus pés tocaram o chão, ela já estava correndo. Alguns segundos depois, escutou a voz de Finley gritando.

- Avery! Não! Espere!

Mas ela já estava correndo em direção ao caminho que levava ao hospital. A expressão que ela vira nos olhos de Finley ficara em sua mente e ela rezou para não estar tirando conclusões precipitadas. Mas quando chegou às portas de correr e entrou na sala de espera primária, viu cinco funcionários do hospital e seguranças juntos atrás da mesa. Um deles a viu.

Eles estavam prestes a dizer algo, mas Avery mostrou seu distintivo e seguiu correndo.

Ela ignorou os elevadores, escolhendo as escadas. Pulou de dois em dois degraus até o quarto andar. Basicamente derrubou a porta no corredor.

Seu telefone tocou no bolso, mas ela o ignorou. A sua frente, quase no fim do corredor, na direção do quarto de Ramirez, havia várias pessoas. Alguns médicos, mas apenas dois seguranças do hospital.

- Não! – Ela disse.

Mas o barulho distante das sirenes da polícia a disse tudo o que ela precisava saber.

Avery atravessou o corredor. Correu rapidamente sem sequer respirar direito. Ao chegar perto da multidão no fim do corredor, nem se importou em mostrar seu distintivo. Quando o primeiro guarda tentou para-la, ela o empurrou com o ombro, o fazendo esbarrar em uma enfermeira. A confusão causada pelo movimento foi o suficiente para que ela pudesse chegar ao quarto de Ramirez.

Ela empurrou a porta e entrou.

Quase pisou no corpo de um homem com calças e camisa preta, similares aos que o segurança do hospital estava vestindo. Quando quase tropeçou nele, ela olhou para a cama.

Ramirez estava ali, deitado. Sua cabeça estava levemente inclinada para a direita, olhando em sua direção como se estivesse esperando por ela. Seus olhos estavam abertos e, para Avery, aquela fora a pior parte.

Porque estava claro que ele estava morto.

Seus joelhos amoleceram quando ela caminhou na direção dele e chegou à beirada da cama, pegando na mão dele e gritando, tão forte que seus pulmões chegaram a doer. Tão forte que, por um momento, ela pensou estar morta também.

Avery tinha certeza de poucas coisas e só conseguiu junta-las cerca de meia hora depois.

No meio de sua gritaria, outro segurança havia entrado no quarto e a retirado com ajuda de outro médico. Ela fora então escoltada para outro quarto, onde seguiu gritando e chorando. Sua garganta ficou seca e alguém

a serviu água. Em algum momento, Finley apareceu e seu rosto era o único fio de esperança no lugar. Ele tentou abraçá-la, mas ela não deixou.

Ela sentou em uma cadeira e se balançou para trás e para frente. Finley entrava e saía do quarto. Depois de um tempo, Connelly também chegou. Ele seguia entrando e saindo. Em algum momento, ele trouxe café. Ela bebeu devagar, continuando a ver os olhos mortos de Ramirez a mirando.

O tempo passava. Avery não sabia quanto, mas sua mente estava voltando à realidade. Poderia ter sido cinco minutos ou um dia. Quando finalmente sentiu sua mente voltar ao lugar, Connelly estava no quarto com ela. Apenas os dois. Ele estava simplesmente a olhando, segurando seu próprio café nas mãos.

- Como? – Foi tudo o que ela perguntou.

- Tem partes que ainda estão incertas principalmente no que diz respeito à bagunça que é esse hospital – Connelly disse. – Mas o que nós sabemos é o seguinte. Exatamente a uma e quinze, um homem entrou na sala de emergência com dois ferimentos a bala na parte superior. O nome que ele deu—olhe só—foi Ronald Randall. Ele esperou três minutos até que um médico o visse. Esse médico foi encontrado morto por volta de uma e quarenta e cinco. Exatamente a uma e quarenta e sete, uma enfermeira veio ao quarto de Ramirez para vê-lo. Ela encontrou o guarda do hospital que estava no lado de fora do quarto dele morto no chão, com um bisturi na garganta. Logo depois, descobriu que Ramirez estava morto.

- Como? – Ela perguntou novamente.

- Avery... o que isso importa?

- *Como?*

- Sufocamento – Connelly disse. – Com certeza foi um travesseiro no rosto. Temos uma equipe checando as imagens do hospital no horário entre uma e quinze e duas horas por qualquer sinal de Biel. Ele pode ser visto em uma imagem, indo para os elevadores do andar, e depois novamente, segundos depois, caminhando para fora das portas de emergência. Era uma e cinquenta—exatamente uma hora e meia atrás.

- Ninguém encontrou ele? – Ela perguntou.

- Ainda não. E veja. Tem mais uma coisa. E eu preciso que você me escute. Você não vai voltar no quarto dele. Se você tentar, eu vou te prender. Mas... isso foi encontrado na parede.

Ele a entregou seu telefone, com uma foto aberta. Ela olhou e leu outra mensagem de Biel. Essa fora escrita com canetinha, com sua letra

inconfundível.

Duas palavras. Era tudo. E era como se ele estivesse começando a provoca-la novamente.

Apenas sentado, a mensagem dizia.

Ela entregou o celular novamente e seu coração pulsou de raiva.

- Isso te diz algo? – Connelly perguntou.

Em sua mente, Avery pode ver Biel sentado na sala de visitação antes do julgamento. Ele odiava silêncio e a todo momento assoviada o solo de Otis Reddings em “Sitting on the Dock of the Bay”.

Ela ouviu o assovio em sua mente por um momento. Muito claro, como se ele estivesse no quarto com ela. Relembrou um pedaço da letra e, novamente, seu coração se encheu de raiva.

Apenas sentado na doca da baía.

Apenas sentado.

- Avery? Nada? Isso não te diz nada?

- Não – ela mentiu.

- Avery... o que eu posso fazer por você agora? Tem algo?

- Preciso voltar para ver Rose – ela disse.

- Ok. Vou pedir para Finley te levar e—

- Não. Eu... eu preciso ficar sozinha. Por favor.

- Claro – Connelly disse. – Como você quiser.

Avery levantou-se. Seu sangue fervia. Ela podia sentir a tensão em seus ombros e também na mandíbula. Fez seu melhor para parecer conformada e relaxada ao parar em frente a Connelly.

- Nós vamos pegar ele – Connelly disse. – Quando você acordar de manhã, Biel vai estar preso. Não tem como ele escapar dessa vez.

- Eu sei – ela disse. Obrigada, Connelly.

- Claro. Agora vá dormir um pouco.

- Espero conseguir – ela disse.

Claro, era outra mentira. Porque ela saiu do quarto e caminhou pelo corredor como um fantasma, incerta de onde assombrar, com o som do assovio de “Sitting on the Dock of the Bay” em sua cabeça em uma repetição eterna.

E teve uma repentina certeza de que tudo aquilo estava prestes a acabar.

CAPÍTULO TRINTA

Primeiro, Avery voltou ao Weston Motel. Eram 3:45 quando ela chegou. Mesmo antes de chegar à vaga no estacionamento, viu uma movimentação entre dois carros da polícia que estavam parados em frente a seu quarto. O'Malley veio correndo em sua direção quando ela saiu do carro.

Ele chegou perto e fez algo inesperado que quase fez Avery cair no pavimento.

Ele a abraçou.

- Avery, eu sinto muito por Ramirez.

Ela devolveu o abraço porque parecia a coisa certa a se fazer. Teve certeza de que ele estava chorando, mas fez seu melhor para ignorar. Avery sabia que estava guardando uma tristeza grande dentro de si e, na hora certa, a externaria. Mas, naquele momento, tudo parecia mecânico para ela. Não havia tempo para tristeza ou luto ali. Naquela hora, ela só tinha duas coisas em mente.

- Eu vim para ver Rose – ela disse.

- Sim – O'Malley respondeu, interrompendo o abraço e tentando manter a compostura. – Ela está dormindo. Mas perguntou sobre você. Eu tive que tomar uma decisão... Eu contei a ela sobre Ramirez. Espero que esteja tudo bem.

- Tudo bem – ela disse. Obrigada.

- Pegamos outro quarto, também. Com tranca e uma porta inteira. – Ele a entregou a chave do quarto. Dizia *A17* no meio do chaveiro.

Avery caminhou até o quarto e entrou sem fazer barulho, fechando a porta devagar. O quarto também tinha duas camas, e Rose havia escolhido a cama mais próxima à parede. Avery foi até ela e sentou na beirada da cama. Rose estava mesmo dormindo, mas não tão profundamente.

Avery mexeu no cabelo da filha. Novamente, sentiu a tristeza querendo se externar, mas se segurou. Beijou Rose na testa e sussurrou:

- Te amo, filha. Eu volto já.

Então, levantou-se e olhou para sua filha. Sentindo um amor sem tamanho—um amor que não sentira desde quando a vira no berço. Rose viveria o resto da vida sem um pai. E Avery se culparia para sempre por isso.

Ela mordeu seu lábio inferior, sentindo um pouco de dor.

Sem lágrimas, pensou. Não ainda.

Virou-se e seguiu para a porta. Quando encostou a mão na saída, escutou Rose se mexendo na cama. E depois, a voz dela.

- Ei, mãe!
- Sim?
- Sinto muito por Ramirez.
- Eu também.
- Você está bem?
- Vou ficar... Talvez.

Rose fez um “hummm” no escuro.

- Vocês sabem onde ele está, não sabem? Você está indo atrás dele?
- Tenho que ir, amor. Desculpe.
- Não se desculpe, mãe. Encontre e destrua ele. Só... volte para mim, ok?

- Eu vou voltar.
- Te amo, mãe.
- Também te amo.

Então, Avery saiu. Ela precisava, ou então se tornaria um poço de tristeza e seus planos para as próximas horas seriam destruídos. Ela fechou a porta ao sair na noite—que estava rapidamente querendo se tornar manhã.

Avery encontrou O’Malley na companhia de cinco policiais do lado de fora de seus carros na brisa da noite. Ela acenou para eles e seguiu para seu carro. Ele veio rapidamente, tendo sentido a urgência nela quando eles se encontraram minutos antes.

- Preciso que você faça algumas coisas para mim, O’Malley – ela disse.
- Tudo o que eu puder, eu farei.
- Três coisas. Primeiro... se eu não estiver aqui quando Rose acordar, por favor dê algo para ela comer. Segundo, eu vou entrar no meu carro e sair quando nós terminarmos essa conversa. Não quero que você me siga e não quero que você pergunte nada.
- Avery, não posso fazer isso. Você sabe que...
- Terceiro – ela disse. – Vou te mandar uma mensagem em breve. Talvez meia hora, talvez uma. Não sei exatamente. Vou te dizer onde eu estarei. E quero que você vá lá.
- Avery, o que você—
- Eu disse sem perguntas – ela disse. – Por favor, O’Malley. Faça isso por mim. E quando você receber minha mensagem e sair daqui, eu confio

que você vai deixar Rose com o melhor cuidado possível.

Ela sabia que estava soando mandona, como uma rainha traumatizada. Mas não se importou. Sabia o que viria nas próximas horas e, na verdade, a maneira com que se portaria com os outros no A1 não estava no topo de sua lista de prioridades no momento.

- Por favor – acrescentou.

- Tudo bem – ele disse. – Mas você disse que vai escrever em no máximo uma hora. Se passar uma hora e cinco minutos, eu vou avisar a todos. Vou te dar como desaparecida se for preciso.

- Justo – ela disse.

Avery caminhou rapidamente até seu carro antes que O'Malley pudesse dizer mais alguma coisa. Ao acender as luzes e sair, viu a figura dele diminuir e depois desaparecer. Ela se virou para as ruas e seguiu para o leste, certa de que aquele seria o último lugar para onde aquele caso a levaria.

CAPÍTULO TRINTA E UM

À noite, a maioria das docas no Porto de Boston pareciam quase majestosas. Navios de carga chegavam e saíam e, ao longe, mais perto do centro, cruzeiros chegavam de tempos em tempos. De cima, tudo parecia limpo e promissor, apenas mais uma área cênica de Boston.

Mas como detetive, Avery sabia mais. Ela sabia que havia elementos desagradáveis nas docas. Por trás dos navios de carga e da pesca havia outras atividades. Atividades que envolviam a troca de dinheiro por corpos, drogas ou ambos. E tudo ficava às escuras enquanto os negócios eram conduzidos como sempre em píeres e docas a centenas de metros dali.

Avery dirigiu até a Union Wharf, em direção ao sul, onde as docas eram menos típicas, um pouco menos seguras.

Ela se lembrava bem do lugar. Era uma área conhecida como Newman's Wharf, uma rua que parecia ir diretamente para a água, mas servia como uma área antiga para pequenas embarcações.

Avery estivera ali antes, obviamente. Era advogada na época, e fora escoltada pela polícia. O local do primeiro assassinato de Biel (fora das execuções para a máfia, inclusive o homem no estábulo). Fora a única cena em que Biel fora visto fisicamente mas, ainda assim, nunca houve nenhuma evidência.

Sua primeira visita fora logo depois do horário de almoço. O tempo estava nublado, porém úmido, como se o verão tivesse chutado a primavera para longe. Mas, agora, o tempo estava escuro e frio quando viu a Newsman's Wharf à sua direita. Havia um barco ancorado ali, mas nenhuma luz resplandecia dele. A única luz vinha de dois polos solitários ao lado do cais, e mal iluminava a noite na doca ou a água embaixo dela.

À frente, a estrada virava à esquerda e fazia uma volta, ramificando-se. Avery poderia seguir reto, sentindo centro, ou poderia seguir pela calçada e descer até a antiga área de carga, que parecia uma porta esquecida para outro mundo. Ela escolheu a calçada, seguindo vagarosamente em um caminho que levava a uma ponte de duas faixas entre um prédio antigo, que já fora uma fábrica de papel, e uma pequena estrada que levava à Newman's Wharf.

Ao passar por baixo da pequena ponte, Avery viu uma área vazia logo abaixo. À direita, havia uma parede de tijolos que supostamente havia

servido como um subnível da antiga fábrica de papel. À esquerda, havia um morro de terra que levava à estrada, com velhas plataformas de concreto que outrora seguraram pilares, quando a ponte fora maior até os anos 70 e parte do porto era diferente.

À sua frente, havia uma plataforma de concreto e a água.

Mesmo sem estar certa sobre onde estacionar o carro, Avery não era a mesma mulher assustada que havia visitado o local enquanto advogada. Ela já tinha experiência agora. Sem falar da Glock recarregada e do ódio que continuava crescendo de uma maneira que, agora, a alarmava.

Em sua cabeça, podia escutar Biel assoviando a canção. E podia ver a mensagem na parede do quarto de Ramirez.

Apenas sentado...

Avery alcançou a maçaneta, mas hesitou. Primeiro, pregou seu telefone e abriu as mensagens. Foi até o nome de O'Malley e digitou: **Debaixo da Newman's Wharf, na antiga fábrica de papel.**

Mas não apertou em enviar. Não ainda...

Colocou o celular no bolso e abriu a porta. Deixou o carro ligado, com as luzes acesas e apontadas para os fundos da antiga plataforma. Pulou do concreto e caminhou ao lado da água.

O cheiro do lugar era horrível, uma mistura de lixo, peixe e abandono. O som da água batendo na beira da plataforma era quase hipnotizante, como uma daquelas gravações com sons que ajudam a dormir.

Pelo que ela podia ver, não havia mais ninguém ali. Avery podia ouvir vozes distantes vindas da água, trabalhadores no cais e nas docas ao longe, no porto. Mas eles pareciam estar em outro mundo porque ali, naquela área esquecida, ela sentiu-se abandonada.

Talvez eu entendi errado, ela pensou. Talvez eu tenha entendido a mensagem errado. Estão tão perdida que iria atrás de qualquer coisa... qualquer motivo para achar que estava perto de pegar ele.

Vagarosamente, ela caminhou em direção à água. Olhou para os dois lados, procurando alguma sombra esranha. Ao fazer isso, seus instintos começaram a gritar, totalmente atentos e afiados com seus anos de detetive. Sentiu alguém a olhando, à espreita em algum lugar nas sombras.

À sua esquerda, havia uma pilha antiga de pallets, com as bordas cinzas pelo tempo e molhadas pela água. No outro lado, na direção da parede de tijolos da fábrica de papel, Avery escutou um pequeno barulho. Ela olhou naquela direção e viu uma antiga porta fechada, escondida nas sombras.

Uma das tábuas estava solta, com seus pregos batendo levemente contra a porta por conta da leve brisa.

Se está se mexendo com o vento, foi quebrada há pouco tempo, ela pensou. Se fosse como as outras tábuas velhas, esse pedaço quebrado já teria caído.

Ela caminhou até a porta. Era estreita e envolta em escuridão além das tábuas que bloqueavam a passagem para o prédio. Não havia dúvida se Biel estava ou não ali. Ela tinha certeza que sim. A questão era se ela deveria ou não chama-lo para deixa-lo saber que ela estava ali e pronto para encara-la.

Avery segurou a arma firme ao se aproximar. A porta estava a três metros, depois dois—

Ela parou, escutando algo atrás de si.

Passos. Vindo rapidamente.

Virou-se, levantando a arma.

Mas não teve chance de atirar. Quando viu que havia um pedaço daqueles pallets quebrados vindo em sua direção, não teve tempo de se defender. Um pedaço de pallet acertou a lateral de seu rosto. Ao girar e cair no chão, fez um rápido auto-exame.

As tábuas estão velhas e mofadas—muito mais leves do que já foram um dia. Além disso meu ombro esquerdo aguentou o peso. Estou bem... Estou bem.

Avery sentiu o gosto de sangue na boca ao rolar e levantar a arma. Ela viu a forma de um homem, ainda segurando um pallet. Biel. Ele estava a atacando com o pallet novamente. Ela pode ouvir a madeira quebrando em suas mãos.

Ela puxou o gatilho exatamente quando o pallet atingiu seus braços. O tiro foi diretamente para o chão. Houve um som abafado e ela perdeu o controle da Glock. Uma dor forte tomou conta de seus braços. Ela ouviu o barulho de algo quebrando e, por um momento, temeu que um de seus pulsos tivesse quebrado. Depois, no entanto, sentiu fragmentos de madeira em seus rosto e percebeu que o pallet havia se quebrado ao meio ao acertar seus braços e o chão.

Avery fez o melhor que pode para levantar-se rapidamente, mas a dor tornou quase impossível movimentar seu braço esquerdo. O melhor que ela pode fazer foi tentar movimentar seu corpo para trás, tentando se afastar.

Aquilo acabou sendo um erro. Deu a Biel acesso a seu estômago, onde ele imediatamente proferiu um chute. Uma explosão de dor tomou conta de

seu estômago e seu peito. Ela caiu no chão, de lado.

Avery olhou para Biel e viu ele se ajoelhar. Ele a pressionou, com um joelho em cada lado de seus quadris, Vagarosamente, quase que de um jeito erótico, ele colocou a mão na calça, onde ela viu uma faca de caça que fora colocada em um pequeno coldre. Ele puxou a faca e olhou amorosamente para o objeto.

Depois, em um movimento tão rápido que Avery quase não pode ver, ele fez um gesto de corte. Ela sentiu a lâmina passar por sua pele na bochecha. Foi um corte raso. Ele estava apenas brincando. E o olhar que trazia era de pura loucura. Ele planejava se divertir com ela antes de causar qualquer dor real.

Avery tentou reagir, mas ainda estava buscando ar. Não tinha ideia de onde estava sua arma, e mesmo que a dor no braço esquerdo já tivesse se transformado apenas em um incômodo, ela ainda não conseguia utiliza-lo da maneira que desejava.

- Meu Deus – Biel disse, abaixando seu rosto em direção ao dela. A pressão em seu estômago era imensa, tornando mais difícil a tarefa de buscar o ar. – Pensei em estar na sua presença novamente por anos. Não apenas para te matar—ainda que isso vá acontecer em breve—mas para te apreciar. Você intera. Você conhece esse sentimento?

Ela assentiu, esperando ludibrida-lo. Jogar com as loucuras dele poderia ser a única maneira de escapar dali.

- Conheço – ela disse, com dificuldade para respirar.

A resposta pareceu incomoda-lo.

- Ah, você *acha* que conhece – ele disse. – Mas você não sabe o—

Avery aproveitou o momento para cuspir no rosto dele. Uma mistura de saliva e sangue que ela mal teve forças para fazer chegar ao alvo.

O momento de total surpresa dele foi apenas momentâneo. E Avery fez o que pode para tirar proveito disso. Fazendo um movimento que havia utilizado apenas em suas aulas de Krav Maga na academia, ela girou seu peito um pouco para frence e depois levantou as pernas rapidamente e com força. O movimento fez Biel se afastar apenas um pouco... pouco o suficiente para que Avery colocasse suas pernas ao redor do pescoço dele.

Com um gemido de dor e determinação, Avery virou-se e viu Biel cair no chão, ainda preso entre suas pernas. Ela pode sentir ele imediatamente mexendo seu braço esquerdo, tentando escapar, presumidamente com dor por conta dos tiros que havia tomado mais cedo. Ainda assim, mesmo sem

forças no braço esquerdo e sem conseguir respirar direito, Avery conseguiu escapar do movimento dele sem maiores problemas.

Avery forçou sua mão direita e sentou-se. Os músculos de seu estômago doeram com o movimento, mas ela esforçou-se o quanto pode. Enquanto Biel tentava livrar um pouco sua cabeça, Avery soltou uma série de socos nela. Um o acertou no lado do rosto, abrindo seu supercílio. Outro o acertou na mandíbula, fazendo um pequeno barulho quando seus dentes se bateram. Avery acertou quatro socos antes que ele pudesse se afastar. Ele se levantou, cambaleando, mas logo Avery se apoiou em seus cotovelos e o derrubou novamente com uma tesoura.

Deu certo, e Biel foi novamente ao chão, com a dor que atingiu seu tornozelo com o impacto. Avery ouviu a faca batendo no chão e saindo do controle dele.

Arma. Faca. Tudo perdido em algum lugar no escuro, ela pensou.

No entanto, ao levantar-se o mais rápido possível, pegou seu celular. Abriu a mensagem que havia escrito para O'Malley e apertou em Enviar.

A sua frente, Biel estava se levantando. Com raiva e frustração ebulindo como lava, Avery aproximou-se e proferiu uma joelhada no rosto dele. Um barulho oco veio da plataforma de concreto quando seu joelho o acertou diretamente no crânio. Ele sentiu o golpe mas, ao cair, conseguiu segurar a perna dela.

Avery caiu com ele, levantando os braços para evitar bater com o rosto no concreto. Nesse momento, seu antebraço bateu em algo.

O cabo da faca. Ela rapidamente puxou-a, deixando-a escondida.

- Jack – ela disse, tentando livrar-se dele, esperando que aquele simples ato o distraísse. – Por que você matou ele?

- Ele era seu marido quando você me colocou na cadeia – Biel disse ao apertar a perna dela. – Eu imaginava ele dormindo com você toda noite. Era injusto. Você estava trabalhando para me livrar, mas fodendo com ele... Isso te tornava impura. Te distraía. É um dos motivos pelos quais você não conseguiu me livrar da cadeia.

Biel estava se levantando, ainda segurando a perna dela. Ele queria atingi-la no peito. Avery sabia o que ele queria fazer—expor a parte de trás de seu joelho para atingi-lo, descolando ou machucando de alguma maneira.

- Tenho um segredo para você – ela disse enquanto lutava. – Eu entreguei seu caso. Eu queria você na cadeia. Eu poderia ter feito muito melhor.

Novamente, utilizou a reação de surpresa dele para tirar vantagem. Puxou a faca e, sentada, o acertou forte no pulso direito. Ela teve certeza que o cortara fundo. Houve resistência suficiente para que ela tivesse que colocar ainda mais força em seu movimento.

Biel gritou e soltou a perna dela. Ele segurou seu pulso direito e ela viu o sangue saindo no mesmo momento, mesmo no escuro.

Sem querer perder nenhum segundo, Avery ajustou seu controle sobre a faca e golpeou novamente, buscando o estômago de Biel. Ele conseguiu desviar e, em seguida, proferiu um golpe com a mão esquerda. Ela sabia, por ter trabalhado com ele no passado, que Biel era destro, mas sua mão esquerda também tinha muita força. O soco a acertou no mesmo lado do rosto que o pallet havia machucado e, por um momento, ela viu estrelas e caiu no concreto.

Não tente mais distra-lo ou surpreende-lo, ela pensou. Isso vai até a morte. Tem que ser uma luta. Não um jogo da mente e táticas inteligentes.

Quando disse isso a si mesma, viu Biel já correndo em sua direção. Teve tempo apenas para bloquear o primeiro chute com o antebraço, mas o que veio imediatamente depois a acertou no estômago. Depois mais uma vez. Depois um terceiro, que acertou perfeitamente suas costelas.

A dor no lado direito foi imensa quando a costela quebrou. Avery sentiu, ficando debilitada por um momento.

Depois, lembrou-se que ainda segurava a faca. Biel deu um quarto chute e, ao invés de bloquea-lo, Avery enfrentou a perna com sua mão direita. A faca entrou no tornozelo dele. Ela pode sentir a lâmina passando pelo osso.

Biel gritou de dor e recuou. Mas Avery quase não percebeu. O corte em sua bochecha estava sangrando por seu rosto e pescoço. Ela sabia que seu rosto estava machucado pelo pallet e pelos socos, e a dor em suas costelas e no estômago estava entre as piores que ela já sentira na vida.

Pense no que ele fez a Ramirez, ela pensou. Pense no que ele tentou fazer com Rose...

Avery se esforçou para ficar de joelhos, gritando de dor. Ela estava tonta, mas não teve problemas em focar na forma de Biel, alguns centímetros a sua frente. Ele estava encostado na parede de tijolos e, ainda que pudesse claramente ver o que ele estava fazendo, ela não podia acreditar.

Ele estava tirando a faca de seu tornozelo. Gritava de dor enquanto o fazia. Seu rosto também estava sagrando, pelo supercílio que Avery havia

machucado com seus socos.

Ele não vai parar até que um de nós esteja morto, ela pensou.

Avery olhou em volta e ainda não pode enxergar a arma. No entanto, ela sabia que em cerca de três segundos, ele teria a faca novamente. E ela não poderia deixar que aquilo acontecesse.

Ainda lutando para respirar e inclinada para a esquerda para aliviar a dor no lado direito, onde estava a costela quebrada, Avery foi até a pilha de pallets. Ela viu que havia vários quebrados nos fundos da pilha. Juntou um que tinha duas tábuas largas e, mesmo que mal coubessem em sua mão, ela tinha sentido menos de cinco minutos atrás o impacto que elas possuíam.

Biel puxou o último pedaço da lâmina de seu tornozelo e, quando conseguiu se livrar, Avery estava lá. Ela arremessou o pallet como um taco de bisebol e balançou, encostando nas cercas. Acertou-o no lado esquerdo do rosto o mais forte possível. Suas costelas gritaram de dor, mas ela conseguiu agredi-lo mais uma vez.

O primeiro golpe havia tonteado Biel. Ele cambaleou contra a parede como um boxeador procurando o corner para descansar. Quando conseguiu clarear a mente, Avery o agrediu novamente. Dessa vez, o golpe acertou no peito e o fez se virar. Com as costas de Biel expostas, Avery o agrediu pela terceira vez na parte de trás da cabeça.

Ele caiu com força e gemeu de dor. Mas Avery não parou.

- Jack e Ramirez – ela disse, sentindo a tristeza tentando escapar, mas mantendo-a golpe a golpe. Um nas costas, um nas pernas e outro na cabeça.

Biel suspirou, deixando sair um spray de saliva e sangue de sua boca.

Poderia matar ele agora, ela pensou. *Mais alguns golpes na cabeça. Ou poderia achar mnhar arma... Poderia. Seria mais fácil.*

Ou... ele poderia passar o resto da vida na cadeia. Seria a justiça sendo feita. O que você quer fazer é assassinato.

Ela começou a chorar quando percebeu que não se importava. Iria mata-lo. Ela encararia a repercussão depois. Seja qual fosse.

Com a imagem dos olhos mortos de Ramirez na cabeça, Avery levantou as tábuas novamente.

Um segundo antes de ser atingido, Biel rapidamente desviou e se jogou na direção de Avery. E ele não só se jogou. Ele estava a atacando.

Um pedaço do pallet quebrado que ela usara para ataca-lo penetrou a carne de sua panturrilha. A madeira entrou diretamente em sua pele e ela pode sentir Biel a empurrando.

Avery largou o pallet e cambaleou para trás. Quando sentiu a dor, imediatamente tentou segurar a madeira com a qual ele a havia acertado, mas não conseguiu. De alguma maneira, a sua frente, Biel estava se levantando. Ele cambaleou para frente e para trás, como se estivesse bêbado. Seu rosto estava ensanguentado e, mesmo cabaleando, ele cuspiu um dente e muito sangue.

E riu.

Avery tentou se levantar. Mas a perna esquerda momentaneamente paralisada e a costela quebrada tornaram a tarefa muito difícil.

Biel a deu um tapa forte de mão aberta no rosto. E depois outro.

- Vadia – ele disse. – Você vai desejar não ter me contado seu segredinho. Agora que eu *sei* que você entregou meu caso... Eu vou te matar. E depois vou atrás da sua filha. E para o seu bem e o dela... vamos torcer para que ela não seja virgem...

- Não! – Avery gritou.

E Biel novamente levou sua mão ao rosto dela. Dessa vez, no entanto, fora um soco ao invés de um tapa.

Avery sentiu sua mandíbula se mexer. Ela imaginou que tivesse quebrado. Mas não se importou porque pontos pretos começaram a tomar conta de sua visão. Ela quase não se deu conta de que ele estava a segurando pela gola da camisa. O mundo tornou-se apenas alguns flashses e, devagar, tudo foi escurecendo.

No fundo de sua mente, ela imaginou há quanto tempo havia enviado a mensagem para O'Malley.

Depois, percebeu que Biel estava a empurrando para frente. Era devagar, por conta do tornozelo dele. Ele caiu uma vez, quase em cima dela. Ele ria mecanicamente o tempo inteiro. A escuridão começou a tomar conta de sua visão e ela sentiu estar adormecendo.

Não... Lute. Rose... Ela depende de você. E Ramirez... a memória dele merece mais que isso.

Mas era difícil lutar. A dor havia tomado conta de seu corpo e era muito mais fácil desistir. Avery fechou os olhos, tentando focar e lutar.

Mas, no fim, acabou mantendo-os fechado.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Algo gelado forçou-a a abrir os olhos.

Seu corpo inteiro parecia estar em estado de choque. Ela abriu a boca para suspirar, mas não conseguiu. Havia algo atrapalhando. Algo gelado. Molhado.

O que é isso?

Depois, sentiu sua cabeça sendo puxada para cima. Seu pescoço doeu, mas ela finalmente pode suspirar—respirar. E Biel estava ali, sua voz no ouvido dela e seu rosto sangrendo muito perto do dela.

- Ouvi as sirenes – ele disse. – Suponho que você tenha planejado isso o tempo todo. Mas não importa. Você vai morrer, Avery.

Avery puxou o ar mais uma vez, mas foi interrompida quando Biel abaixou sua cabeça novamente. Dessa vez, ela percebeu o que estava acontecendo. Seu último soco havia feito com que ela apagasse. Mas agora ele estava a afogando. Devagar. E a água gelada havia a despertado. Com sua cabeça debaixo da água, ela fez o possível para não entrar em pânico. Ao invés disso, tentou juntar os fragmentos da atual situação.

Eles estavam na aba quebrada da antiga plataforma. Biel estava de joelhos na borda. Avery estava deitado de bruços e Biel estava empurrando sua cabeça na água. Ela já estava com a respiração comprometida e podia sentir seus pulmões desesperados tentando encontrar ar.

Tomara que ele me provoque mais um pouco, ela pensou. Porque se ele não puxar minha cabeça mais uma vez, eu vou me afogar.

Seus pulmões doíam. Quase tanto quanto a dor no estômago e nas costelas. Ela sabia que, logo, seu corpo começaria a ter espasmos. Talvez ele estivesse esperando por isso. Se ele escutasse as sirenes a caminho, talvez não fizesse as coisas tão devagar.

Mas, felizmente, ele não pode resistir. Ela sentiu sua cabeça sendo puxada novamente. Avery vomitou água e puxou o ar com vontade. Atrás dela, Biel estava rindo.

- Essa besteira que dizem sobre a vida passando em seus olhos é verdade? – Ele perguntou. A voz dele estava estranha. Avery imaginou que deveria haver sangue em sua garganta.

Bom, ela pensou. Tomara que ele se afogue no sangue.

Depois, Biel deu um beijo em sua bochecha. Um beijo sangrento.

- Foi divertido, Avery. Saiba que quando a polícia chegar, eu pretendo escapar pela porta onde eu te enganei antes. Vou fazer de tudo para escapar... e em algum momento, todos os sonhos que eu tive com você na prisão... vou realizar com sua filha sortuda. Vou dizer a ela que você concordou.

Avery tentou lutar, mas ele estava com o joelho em suas costas, a apertando contra o concreto.

Ela sentiu as mãos dele em seu cabelo e, depois, ele começou a empurra-la para baixo.

- Biel—

Avery quase não ouviu a voz e, por um momento, pensou que era ela mesma—implorando, talvez. Mas não... era outra voz. A de um homem... vindo da escuridão atrás deles.

Biel se virou e soltou a cabeça de Avery. Soluçando, ela também se virou.

Talvez ela estivesse mesmo desmaiada. Ou talvez tivesse danos no cérebro por falta de oxigênio. Porque o que ela viu não fez nenhum sentido.

Howard Randall estava vindo das sombras. Ele segurava a Glock de Avery, apontando para Biel.

- O que *você* está fazendo aqui? – Biel perguntou.

Howard respondeu com dois tiros. Os dois fizeram Biel cambalear para trás. Depois do segundo, ele caiu de joelhos. Avery afastou-se da borda da plataforma e viu que os dois tiros haviam acertado o intestino.

Howard se aproximou, com a arma ainda apontada para Biel. Ele olhou curiosamente para Biel e depois para Avery. Depois, olhou atrás de ambos. O som das sirenes se aproximando estava ficando mais alto. Em sua mente, Avery imaginou que eles deveriam estar a duas quadras de distância.

- Você escolhe, Detetive – Howard disse. – Ele morre ou vemos se ele consegue chegar no hospital quando seus amigos chegarem? E depois, eu imagino, se ele fica preso por bastante tempo.

Mate.

A palavra estava em sua língua, e o fato de que outra pessoa o mataria a livraria de qualquer dilema moral. Mas quando começou a recuperar o ar, os acontecimentos dos últimos dias passaram em sua mente e Avery sentiu-se perdendo controle. Ela estava tremendo, ainda sem chorar, mas sentindo uma corrente de tristeza se aproximando.

Ela sabia de seu dever. Não deveria matar se pudesse pega-lo vivo. Quatro tiros, muitos socos e um tornozelo que poderia nunca mais se recuperar. Ela fizera seu melhor e agora tinha a chance de entregar Biel vivo.

- Prisão – ela disse. – Deixe ele apodrecer.

Howard assentiu e depois olhou para a Glock.

- Você escutou, Biel? – Ele perguntou.

Biel quase caíra, mas Howard o mantivera estável, com uma mão em seu ombro.

- Ela é uma boa detetive – Howard disse. – E tem um bom coração. Diz que você vai para a prisão. Eu, no entanto, acho que isso é bom demais para você. E já que meu compasso moral foi deterioridade muito tempo atrás...

Ele colocou a arma debaixo da mandíbula de Biel e apertou o gatilho. Avery pulou com o som do tiro. O sangue espalhou-se pelo rosto de Howard, mas ele pareceu nem perceber.

Quando o corpo de Biel caiu no concreto, Howard caminhou até Avery. Ela se esquivou e ele sorriu.

- Não vou te machucar – ele disse.

Ele parecia ter algo mais a dizer, mas o som das sirenes estava muito próximo. As luzes iluminaram a noite quando pelo menos três carros vinham pela antiga plataforma.

Howard sorriu.

- Foi uma noite e tanto, ein?

Avery pensou no que ele iria fazer, e de repente teve um ataque de pânico.

- Howard... Só largue a arma. Vá em paz.

Ele sorriu para ela.

- Acho que estamos além disso, Detetive Black. Sempre estivemos além.

O primeiro carro apareceu, cegando-os com suas luzes. Depois o segundo e o terceiro. As portas se abriram e pessoas começaram a gritar. Avery teve certeza de ter ouvido O'Malley em algum lugar.

- Howard Randall, largue a arma e coloque a mão no joelho. Se você não fizer isso, nós vamos te derrubar.

Howard levantou a arma, apontando para os carros.

Dois tiros foram disparados na direção deles. Um deles fez Howard cambalear para trás.

Avery se aterrorizou ao ver Howard cair, virando quase um mortal na água.

Quando ele mergulhou, no jogo de luzes e sombras, Avery não conseguiu segui-lo com os olhos.

- Avery... cacete... Avery, você está bem?

Era O'Malley. Ela assentiu e quando ele pegou em sua mão, ela apertou.

- Rose – ela disse. – Ela está bem?

- Ainda está dormindo – ele respondeu. – Temos cinco caras no motel. Connelly e Finley estão liderando eles.

Ela assentiu novamente.

- Avery?

Ela tentou responder, mas não conseguiu. Dessa vez, quando a escuridão tentou tomar conta de tudo, ela permitiu. Porque agora não era desistir. Agora era simplesmente descansar... e isso era algo que ela merecia.

Avery relaxou e deixou que tudo acontecesse ao seu redor. Uma das últimas coisas que escutou antes de apagar fora um policial alarmado, gritando que a polícia não podia vê-lo.

Howard Randall não estava mais sendo visto.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

A pior parte da recuperação nas semanas seguintes foi ter perdido o funeral de Ramirez. A batalha com Biel trouxera danos significantes, sendo que o pior fora uma infecção causada por um pedaço velho de madeira. Avery tivera febre de quarenta graus por um dia e meio e ainda estava muito fraca para ir a qualquer evento.

Ela também sofrera uma concussão e tivera a mandíbula fraturada. Quando acordara, dez horas depois do acontecido em Newman's Wharf, encontrara a mandíbula inchada e fechada. Rose estivera ali, sentada na cama. Ela havia feito seu melhor para contar para a mãe o que os médicos haviam falado: uma infecção, uma mandíbula fraturada, uma concussão, duas costelas quebradas e um pulso torcido.

Rose fora a primeira a dizer-lhe que ela não poderia ir ao funeral de Ramirez. Ela havia representado a mãe no local. Ela havia contado tudo para Avery, mas passara a maioria do tempo chorando.

Por três dias, Avery se revezou entre estar com ou sem consciência. Às vezes havia alguém no quarto com ela. Geralmente era Rose, mas Finley e O'Malley também haviam aparecido.

No quarto dia, ela acordou e conseguiu acompanhar o que o médico estava dizendo. Ele era um homem alto, mais velho, porém muito bonito. Ele sentou com cuidado na beirada da cama e sorriu para ela da melhor maneira possível.

- Você passou por uma muito difícil – o médico disse. – E sua filha me disse que você estava triste por não poder ir ao funeral do seu amigo. Espero que você entenda que, como seu médico, tive que fazer essa escolha.

Avery apenas assentiu. Ela havia chorado muitas vezes com a mandíbula fechada e não fora nada confortável. Na verdade, fora um pouco humilhante. Pior ainda era poder beber apenas por um canudinho e ter que pedir para Rose segurar a xícara algumas vezes.

- Com sorte, você vai me desculpar com o tempo – o médico continuou. – E talvez essas boas notícias vão ajudar. Os testes dessa manhã mostraram que a infecção não existe mais. Além disso, dependendo do que os raios-X mostrarem hoje, provavelmente vamos poder soltar sua mandíbula amanhã. A fratura não está tão feia, mas esse local é perigoso. Temos que ter absoluta cautela e não correr riscos. As costelas vão levar um tempo para

curar e vamos ficar de olho em você por conta da concussão. Seu pulso deve estar bem em uma semana. Acho que isso é tudo.

Depois, ele a entregou um papel e uma caneta que tirou do bolso de seu jaleco.

- Você tem alguma pergunta para mim? – Ele perguntou.

Ela pensou por um momento e escreveu: *Howard Randall?*

O médico franziu a testa e encolheu os ombros.

- Eu não soube muito sobre as consequências da briga – ele disse. – Se você quiser, posso chamar um dos homens que estiveram por aqui nos últimos dias para vir até aqui e falar com você. Alguma preferência?

Novamente, ela escreveu um nome: *O'Malley*.

- Vou ver o quão rápido ele pode chegar aqui – o médico disse. – Além disso, você deve saber que sua filha não saiu do seu lado. Ela foi ao funeral mas, fora isso, estive no hospital o tempo todo pelos últimos quatro dias. Então... algo mais?

Avery balançou a cabeça. O médico saiu e a deixou no quarto quieto. Alguns minutos depois, Rose entrou. Ela trazia algo da cafeteria. Sorriu para sua mãe, vendo que ela parecia estar totalmente consciente pela primeira vez nos últimos dias.

Rose beijou Avery na testa.

- Como você está, mãe? – Ela perguntou.

Avery usou o papel que o médico deixara e escreveu: *Já estive melhor. Mas estou viva.* Ela parou por um momento e começou a escrever novamente. Levou um pouco mais de tempo e, quando terminou, entregou o bilhete a Rose.

Eu te amo e amo você ter ficado aqui. Mas tudo está bem agora. Vá para casa. Descanse. Tome um banho. Coma algo bom. Não perca mais tempo aqui. Eu sei como é e é um saco.

Rose balançou a cabeça.

- Já pensei nisso, mas não posso. Depois de tudo o que aconteceu, estou muito assustada. Não me orgulho de admitir isso, mas é a verdade.

Avery assentiu, entendendo, e se virou para abrir espaço do lado da cama. Ela gemeu de dor nas costelas e no pulso.

Rose não se preocupou em fingir que não aceitaria o convite. Com cuidado, ela deitou-se ao lado de sua mãe. Avery não pode segura-la como queria, então simplesmente fechou os olhos na presença da filha. E com

aquela sensação de segurança, adormeceu naturalmente pela primeira vez em cinco dias.

Os raios-X chegaram com resultados ótimos e Avery pode ter as proteções removidas de sua mandíbula no dia seguinte. O resultado foi ter toda a parte inferior do rosto doendo, quase como se sua mandíbula tivesse sido esticada como um caramelo. Ela recebeu uma lista de alimentos que poderia comer nas duas semanas seguintes e foi instruída a não falar a não ser que fosse absolutamente necessário.

Por conta disso, a conversa com O'Malley naquela tarde foi muito rápida e direta. Quando ele entrou no quarto, Rose estava lá, sentada na cadeira das visitas e navegando no Facebook. Seus amigos estavam enviando desejos de melhora para sua mãe, além de estarem dizendo a ela o quanto sua mãe era incrível. As notícias do que acontecera estavam em todos os programas locais e Avery se tornara algo como uma heroína.

- Não. Fique.

Doeu sua mandíbula dizer algo tão simples, mas era uma dor leve em comparação ao que ela havia sentido cinco noites antes.

- Ela está certa – O'Malley disse. – Sente-se, Rose. Você também passou por muita coisa ruim. Você é parte disso, merece saber o que está acontecendo também.

Rose sorriu ao sentar-se novamente. Ela largou o celular e deu total atenção a O'Malley.

- Primeiro – O'Malley disse, - Connelly está totalmente cansado de atender ligações da mídia, pedindo entrevistas com você. Estamos falando de CNN e Fox. A história de sua luta com Biel viralizou no Twitter. Você virou um meme. Está fora do controle.

Avery balançou a cabeça. A ideia de que tudo o que ela passara se tornando assunto de interesse nacional a arrepiava. Mas ela sabia como a mídia funcionava... especialmente com notícias envolvendo um *serial killer*.

- Alguns pontos antes de falarmos sobre o que eu sei que você quer falar. Haverá pequenas homenagens para Ramirez, Sawyer e Dennison. Não sabemos onde ainda, mas não faremos nenhum plano sólido antes de você sair daqui. Queremos você envolvida nisso. Tudo bem?

- Certo.

- Ok. Agora... Howard Randall. Sabemos que ele foi atingido pelo menos uma vez. Quatro agentes viram, podemos confirmar. Encontramos sangue dele na cena também. Mas a pergunta que estamos fazendo é: Por que ele estava lá? Ele estava trabalhando *com* Biel?

Avery balançou a cabeça.

- Ele me salvou.

- *Que?*

Ela pegou um papel e a caneta na mesa ao lado da cama, mas O'Malley balançou suas mãos.

- Não. Me conte depois, quando você puder falar sobre detalhes. Enfim... faz cinco dias e nós ainda não encontramos ele. Se o tiro o matou e ele afundou, vamos encontra-lo eventualmente com uma equipe de mergulhadores. Mas você sabe como é... se ele tivesse sido atingido e morto, o corpo boiaria. Mas não boiou. E não temos ideia de onde ele está.

Avery assentiu, mas ainda estava pensando no que acabara de dizer a O'Malley. Dizer em voz alta solidificava aquilo—agora ela só precisava descobrir o que isso significava.

Ele me salvou.

- Temos a confirmação de presos que viram os dois conversando pelo menos duas vezes na prisão. Uma dessas conversas parece ter acabado mal. E, de verdade, isso é tudo o que nós sabemos.

Avery sorriu e voltou a assentir, levemente.

E com Howard, ela pensou, provavelmente isso é tudo o que você vai saber.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Passado mais um mês, as dores daquela noite ainda permaneciam vivas. Tudo havia curado muito bem, mas os pontos na panturrilha coçavam muito e suas costelas doíam quase a todo momento ainda que estivessem se curando o mais rápido possível, segundo os médicos.

Ainda assim, Avery estava conseguindo levar uma vida normal. Ela tivera alta do hospital um dia depois da conversa com O'Malley. Junto com Rose, havia voltado para seu apartamento, que felizmente encontrou limpo e com a janela trocada, em um conserto pago por alguns colegas do A1.

A cerimônia em memória de Ramirez, Sawyer e Dennison aconteceu. Foi tocante e, também, a primeira vez em que Avery apareceu em público desde a noite no cais. Rose havia lhe mostrado algumas postagens no Facebook onde pessoas celebravam o que Avery fizera e a maneira como ela havia lutado. Mesmo assim, ela sentia que não merecia nada daquilo. Ela havia rejeitado todos os convites para entrevistas e, duas semanas após o episódio, as ligações pararam. O mundo seguiu em frente com outras histórias e Avery ficou feliz em ser deixada para trás.

Em meio a tudo, com seus ferimentos curados e seu relacionamento com Rose continuando a ser algo com o qual ela sonhara no passado, Avery sabia que precisava fazer duas coisas para poder seguir em frente de verdade. Ela não estava ansiosa por nenhuma delas, mas ambas eram necessárias.

A primeira lhe ocorreu logo depois da cerimônia. Ela havia ido ao A1 pela primeira vez desde que saíra do hospital. Todos a olharam como se ela fosse uma celebridade ou algum tipo de lenda—o que tornou sua tarefa ainda mais fácil.

Avery entrou vagorosamente no escritório de Connelly. Colocou sua arma e seu distintivo no canto da mesa. Ele apenas suspirou e sorriu para ela—uma raridade em se tratando de Connelly. Ele parecia querer argumentar, mas desistiu antes mesmo de começar.

- Você tem certeza disso? – Ele perguntou.

Ela assentiu. Estava com medo de começar a chorar se falasse algo. E já havia chorado mais do que suficiente nas últimas semanas.

- Eu imaginei que você faria isso – ele disse. – Mas escute: se você mudar de ideia, não terei nenhuma dúvida. Você vem, pega suas coisas, e

volta para o A1. Não me importo se você tiver sessenta anos e for apenas sentar em uma cadeira e atender telefonemas. Você sempre será bem-vinda de volta aqui.

- Obrigada – ela disse, saindo o mais rápido possível sem ser rude.

Quando voltou ao carro e permitiu-se chorar, Avery foi diretamente ao segundo lugar onde precisava ir para encerrar aquela história. Era um lugar que ela sabia que precisava visitar—um lugar que encerraria aquele capítulo angustiante de sua vida.

A lápide de Ramirez era simples, mas ainda assim elegante e refinada. Fora adornada com muitas flores e buquês de amigos, familiares e membros da Polícia de Boston. Quando Avery se aproximou dela, o fez com o respeito e a tristeza que ela sabia que sentiria—mas achou que seria pior.

Ver o nome dele gravado na pedra fez a ficha cair. Ele havia a deixado e não voltaria. Ela fizera sua parte para fazer justiça com o homem que o matara e, portanto, poderia viver assim. A inclusão de Howard Randall naquela equação continuava a confundi-la, mas não o suficiente para distraí-la do motivo pelo qual ela estava ali.

Avery sentou-se na frente da lápide, com a perna esquerda estendida para não machucar o ferimento na panturrilha.

- Eu queria pelo menos saber se você estava acordado quando ele chegou lá. Você viu ele entrando? Você pode lutar? Ou estava dormindo? – Ela fez uma pausa e socou o chão com seu punho. – Me desculpe...

O pior de tudo era que, um mês depois, ela sabia que não havia razão para se culpar. Não havia como ter adivinhado o caminho de destruição de Biel—ou seu nível de loucura. Mas na primeira semana, houve muita culpa em sua mente. Sem Rose a seu lado, conversando, ela não sabia se aquele estado já teria passado.

Avery ficou em silêncio novamente, em parte porque não tinha certeza do que dizer, e também porque sua mandíbula estava começando a doer. Ela não tinha certeza se acreditava em Deus, vida após a morte, ou algo assim—e, considerando que já havia passado dos quarenta, era algo no qual ela precisava pensar. Ainda assim, mesmo incerta sobre aquelas coisas, ficou surpresa ao ver o quão confortante era falar com Ramirez, como se não houvesse dúvida de que ele poderia escuta-la de algum lugar.

- A propósito, eu entreguei minha arma e meu distintivo hoje. Não tenho ideia do que vou fazer no resto da minha vida. Rose acha que eu poderia ganhar a vida escrevendo livros sobre meus casos, ou participando de algum reality show sem sentido. É ridículo o tanto de atenção que eu ganhei com tudo isso. Você teria odiado isso...

Foi quando ela começou a chorar novamente. Mas era um choro bom, um ato que parecia certo enquanto ela estava ali, sentada no local onde Ramirez descansaria para sempre.

- Eu estou com o anel – ela disse. – Quando você entrou no hospital, uma enfermeira encontrou e me deu. Pode parecer um erro dela, mas nós não tínhamos certeza de que você ia se recuperar.

Avery sorriu e deixou as lágrimas caírem.

- Queria ter tido a chance de ver sua cara quando você me entregasse – ela disse. – Queria ter tido a chance de ouvir seu pedido. – Ela chorava muito agora. – Tenho certeza que seria de um jeito muito esperto – acrescentou, rindo em meio às lágrimas.

Chorou por muito tempo, até finalmente se acalmar.

Levantou-se e olhou para a lápide por um bom tempo.

- Queria que você pudesse ter escutado minha resposta – ela finalmente disse, com a voz leve agora. – Minha resposta é sim. Agora e para sempre —sim.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Três meses depois, Rose disse a Avery que havia encontrado um apartamento do qual gostara. Elas ainda estavam morando juntas, com Rose ainda traumatizada por tudo o que acontecera. Mas ela estava melhorando. O fato dela ter encontrado um lugar era um grande passo, e Avery estava animada para conhece-lo com sua filha naquela noite.

Quando Avery arrumou o apartamento enquanto Rose havia saído, começou a esperar ansiosa pela noite. Fez algumas coisas naquela tarde, comprando algo para o jantar e levando flores novas à lápide de Ramirez.

Quando voltou a seu prédio, olhou sua caixa de correio no primeiro andar e seguiu pelas escadas. Ao subir, folheou as correspondências que haviam chegado: um flier de vendas, sua conta de água, papéis inúteis da companhia de cartão de crédito, e um cartão postal.

O cartão postal não fazia sentido. Vinha de Omaha, Nebraska. Não tinha mensagem atrás e fora enviado três dias antes.

Quem eu conheço em Nebraska?

A resposta era fácil: ninguém.

Depois, a verdadeira resposta lhe ocorreu. E mesmo sem motivos para acreditar que estava certa, todos os nervos de seu corpo sabiam que sim.

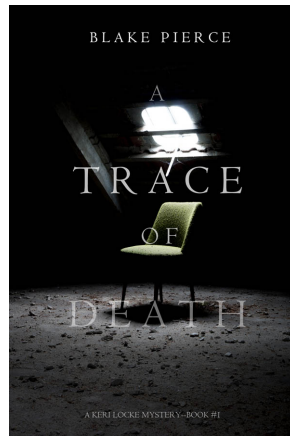
O cartão postal era de Howard. Um cartão sem mensagem de um lugar aleatório no país. Não era um enigma, mas praticamente gritava no nome de Randall.

Avery finalmente chegou ao apartamento, ainda olhando para o cartão. Ela havia pensado muito nele ultimamente. Tinha total certeza de que estaria morta se Howard não tivesse aparecido naquela noite. E sobre o *porquê...* bem, ela tinha teorias, mas nenhuma certeza. Ele havia a salvado, isso era óbvio, mas aquele fora seu plano o tempo todo?

Ela sabia que havia uma busca ativa por ele. Seu nome estava na lista dos mais procurados do FBI, mas Avery tinha certeza de que ele nunca seria encontrado.

E uma pequena parte de si estava feliz por isso.

JÁ DISPONÍVEL!



UM VESTÍGIO DE MORTE
(Um mistério de Keri Locke – Livro 1)

“Uma história dinâmica que prende a atenção desde o primeiro capítulo e não te solta mais.”

--Midwest Book Review, Diane Donovan (sobre Once Gone)

Do autor de suspenses número 1, Blake Pierce, a nova obra-prima do suspense psicológico.

Keri Locke, Detetive de Pessoas Desaparecidas da Divisão de Homicídios na Polícia de Los Angeles, continua assombrada pelo desaparecimento de sua filha, anos antes, que nunca foi encontrada. Ainda obcecada em encontrá-la, Keri esconde sua dor da única maneira que consegue: entrando de cabeça em casos de pessoas desaparecidas em Los Angeles.

Uma ligação rotineira de uma mãe assustada de uma estudante do ensino médio, desaparecida há apenas duas horas, deveria ser ignorada. Mesmo assim, algo na voz daquela mãe desperta um sentimento diferente, e Keri decide investigar.

O que ela encontra a deixa chocada. A filha desaparecida—de um senador proeminente—estava escondendo segredos que ninguém sabia. Quando todas as evidências levam a crer que a menina fugiu, Keri é retirada do caso. Mesmo assim, obcecada, ela se recusa a desistir. Ela sabe que tem

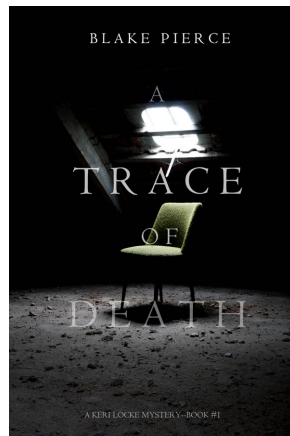
apenas 48 horas se quiser ter alguma chance de trazer essa garota de volta com vida.

Uma história psicológica obscura com um suspense perturbador, Um Vestígio de Morte marca o início de uma nova série fascinante e de uma nova personagem amada, que o fará ler páginas e páginas noite adentro.

“Uma obra-prima de suspense e mistério. Pierce fez um trabalho magnífico criando personagens com lados psicológicos tão bem descritos que nos fazem sentir dentro de suas mentes, acompanhando seus medos e celebrando seu sucesso. A história é muito interessante e vai lhe entreter durante todo o livro. Cheio de reviravoltas, este livro vai lhe manter acordado até que você chegue à última página.”

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos (sobre Once Gone)

O Livro 2 da série Keri Locke também já está disponível!



UM VESTÍGIO DE MORTE
(Um mistério de Keri Locke – Livro 1)

COMECE A LER UM VESTÍGIO DE MORTE AGORA!

PRÓLOGO

Ele olhou seu relógio.

14:59.

O sino da escola soaria em menos de um minuto.

Ashley morava a apenas doze quadras do colégio, menos de um quilômetro, e quase sempre fazia o caminho sozinha. Aquela era sua única preocupação—que aquele dia seria uma das raras ocasiões onde ela teria companhia.

Faltando cinco minutos para o fim da aula, ela estava em sua vista, e seu coração disparou ao vê-la caminhando com outras duas garotas pela Main Street. Elas pararam na esquina e conversaram. Não poderia ser. Elas precisavam deixá-la sozinha. *Precisavam*.

Ele sentiu a ansiedade tomar conta de seu estômago. Aquele deveria ser o dia.

Sentando no banco frontal de sua van, tentou controlar o que gostava de chamar de *eu original*. Era sua personalidade original que emergia quando ele fazia seus experimentos especiais em suas amostras em casa. Era seu eu original quem o permitia ignorar os gritos e pedidos daquelas espécimes, para que ele pudesse focar em seu importante trabalho.

Ele precisava manter seu eu original bem escondido. Lembrou-se de chamá-las de garotas e não espécimes. Lembrou-se de usar nomes próprios como “Ashley”. Lembrou-se que, para outras pessoas, ele parecia completamente normal e, se agisse daquela maneira, ninguém poderia saber o que se escondia em seu coração.

Ele fizeram aquilo por anos, agindo normalmente. Algumas pessoas o chamavam até de *tranquilo*. Ele gostava disso. Significava que era um bom ator. E agindo normalmente na maioria do tempo, ele de certa forma havia criado uma vida que alguns poderiam até invejar. Poderia esconder-se facilmente.

Ainda assim, naquele momento, podia sentir seu peito em chamas, implorando para ser libertado. O desejo estava se tornando maior que ele—e era preciso contê-lo.

Ele fechou o olhos e respirou fundo várias vezes, tentando se lembrar das instruções. No último suspiro, inspirou por cinco segundos e expirou vagarosamente, fazendo com que o barulho que havia aprendido saísse de sua boca.

- Ohhhmmm...

Ele abriu os olhos—e sentiu um repentino alívio. As duas amigas dela haviam virado para o oeste na Clubhouse Avenue, em direção à água. Ashley continuava indo para o sul, sozinha na Main Street, perto do parque de cães.

Ela ia até lá algumas tardes, para observar os cães correndo atrás das bolas de tênis no chão de madeira. Mas não naquele dia. Naquele dia, ela caminhava com segurança, como se tivesse algum lugar para ir.

Se soubesse o que estava por vir, ela não teria hesitado em parar.

Aquele pensamento o fez sorrir para si mesmo.

Ele sempre a achou atraente. E quando seguiu pela rua atrás dela, dando espaço aos alunos que saíam da escola, ele mais uma vez admirou seu corpo atlético de surfista. Ela estava vestindo uma saia rosa que ia até acima dos joelhos e um top azul brilhante, colado.

Ele fez seu movimento.

Uma calma calorosa tomou conta de si. Ativou seu cigarro eletrônico que deixara no espaço central da van e apertou seu pé levemente no acelerador.

Ele seguiu com a van até ao lado dela e a chamou pela janela aberta do carona.

- Ei.

De início, ela pareceu surpresa. Ela forçou os olhos para dentro do veículo, claramente sem poder ver quem estava lá.

- Sou eu – ele disse casualmente. Ele estacionou a van, inclinou-se e abriu a porta do carona para que ela pudesse ver quem era.

Ela inclinou-se um pouco para poder ver melhor. Depois de um segundo, ele viu um olhar de reconhecimento no rosto dela.

- Ah, ei! Desculpe – ela disse.

- Sem problemas – ele respondeu, antes de uma longa tragada.

Ela olhou mais de perto para o objeto na mão dele.

- Nunca vi um desses antes.

- Quer testar? – Ele ofereceu da maneira mais casual possível.

Ela assentiu e se aproximou, inclinando-se. Ele moveu-se na direção dela, como se estivesse prestes a tirar o cigarro de sua boca e entregar a ela. Mas quando ela estava a cerca de noventa centímetros, ele apertou um pequeno botão no objeto, que abriu uma pequena fenda e soltou um spray químico no rosto dela, uma pequena fumaça. No mesmo instante, ele levantou a máscara em seu próprio nariz, para que não inalasse o produto.

Foi tão sutil e quieto que Ashley nem percebeu. Antes que pudesse reagir, seus olhos começaram a fechar, e seu corpo se enfraqueceu.

Ela já estava caindo para frente, perdendo a consciência, e tudo o que ele precisou fazer foi posicioná-la no banco do passageiro. Para um observador casual, pareceria que ela teria entrado por vontade própria.

O coração dele batia forte, mas ele lembrou-se de se manter calmo. Havia chegado até ali.

Ele passou por cima da espécime, fechou a porta do passageiro e engatou o cinto de segurança dela e depois o seu próprio. Finalmente, respirou fundo pela última vez.

Logo, entrou no trânsito da tarde do sul da Califórnia, como se fora apenas mais um motorista comum, tentando navegar no mar da humanidade.

CAPÍTULO UM

Segunda-feira
Fim de tarde

A detetive Keri Locke implorou a si mesma para não fazer aquilo de novo. Como a maioria dos detetives juniores na Unidade de Pessoas Desaparecidas na Divisão Pacífico Oeste da Polícia de Los Angeles, esperava-se que ela trabalhasse mais duro do que qualquer outra pessoa no departamento. E, sendo uma mulher de trinta e cinco anos que havia entrado na polícia há apenas quatro, ela comumente sentia que devia ser a funcionária a trabalhar mais duro na Polícia de Los Angeles. Ela não podia ser vista descansando.

Em sua volta, o departamento estava cheio de atividade. Uma mulher idosa hispânica estava sentada em uma mesa próxima, dando um depoimento sobre o roubo de uma bolsa. No fim do corredor, um ladrão de carros estava sendo fichado. Era um tarde típica no que havia se tornado sua vida normal. E, mesmo assim, aquele sentimento permanecia, impossível de ser ignorado.

Ela entregou-se a ele. Levantou-se e foi até a janela com vista para a Culver Boulevard. Ficou ali por um momento e quase pode ver seu reflexo. Com o olhar envolvido pelo sol da tarde, parecia ser metade humana, metade fantasma.

Era como ela se sentia. Sabia que, objetivamente, era uma mulher atraente. Com 1,67m e 59 quilos—60, sendo mais honesta—cabelo loiro escuro e um corpo que passara por um parto sem maiores problemas, ela ainda chamava a atenção.

Mas se qualquer um olhasse mais de perto, veria que seus olhos castanhos estavam vermelhos e sonolentos, sua testa já tinha linhas perceptíveis e sua pele estava geralmente pálida como a de um fantasma.

Como na maioria dos dias, ela estava vestindo uma blusa simples com calças pretas, que tinham aspecto profissional, mas eram confortáveis. Seu cabelo estava amarrado com um rabo de cavalo. Aquele era seu uniforme não-oficial. A única coisa que mudava diariamente era a cor do top que

vestia. Aquilo reforçava o sentimento de que ela estava mais passando tempo do que vivendo de verdade.

Keri sentiu um movimento com o canto de seus olhos e virou-se. Elas estavam vindo.

Do lado de fora da janela, a Culver Boulevard estava quase vazia. Havia um caminho para corridas e uma ciclovia na rua. Na maioria dos dias, no fim da tarde, o local ficava lotado de pedestres. Mas aquele dia estava especialmente quente, com temperaturas perto dos 40 graus e nenhum vento mesmo ali, a menos de cinco quilômetros da praia. Pais que normalmente buscavam seus filhos na escola a pé haviam escolhido o carro com ar condicionado naquela dia. Com exceção de um.

Exatamente às 4:12, precisamente no relógio, uma jovem de bicicleta, de sete ou oito anos, pedalou vagarosamente pela ciclovia. Ela vestia um vestido branco chique. Sua jovem mãe vinha atrás dela de jeans e camiseta, com uma mochila em seus ombros.

Keri lutou contra a ansiedade em seu estômago e olhou em volta para ver se alguém no escritório estava a olhando. Ninguém estava. Ela permitiu-se coçar algo que estava coçando o dia inteiro e olhou.

Keri olhou as duas com olhos de adoração e ciúmes. Ela ainda não podia acreditar, mesmo depois de tantos anos na mesma janela. A garota tinha a imagem de Evie, com o cabelo loiro balançando, os olhos verdes e até o sorriso tímido.

Ela permaneceu ali, em transe, olhando pela janela muito tempo depois que a mãe e a criança haviam desaparecido de vista.

Quando finalmente saiu da janela e voltou os olhos para o departamento, a idosa hispânica estava saindo. O ladrão de carros havia sido fichado. Um outro criminoso, algemado e ríspido, estava em seu espaço na janela de fichamentos, com um agente sem uniformes alerta em seu lado esquerdo.

Ela olhou para o relógio digital na parede acima da máquina de café. Eram 4:22.

Eu fiquei mesmo parada naquela janela por dez minutos? Isso está piorando, não melhorando.

Keri voltou à sua mesa com a cabeça baixa, tentando não fazer contato visual com nenhum colega curioso. Ela sentou e olhou os arquivos em sua mesa. O caso Martine estava totalmente resolvido, apenas esperando a assinatura do promotor antes que ela pudesse coloca-lo na pilha de “completos até o julgamento”. O caso Sanders estava em espera até que a

Universidade da Califórnia, a CSU, enviasse o relatório preliminar. A divisão Rampart havia pedido à Pacífico para investigar uma prostituta chamada Roxie que havia sumido do radar. Uma colega havia dito a eles que ela começara a trabalhar no oeste e eles esperavam que alguém na unidade pudesse confirmar a informação para que não fosse preciso abrir um caso.

O mais complicado nos casos de pessoas desaparecidas, ao menos os adultos, é que não era um crime desaparecer. A polícia conseguia agir mais com os menores, dependendo da idade. Mas em geral, não havia nada que prevenisse pessoas de simplesmente fugirem de suas vidas. E isso acontecia com mais frequência do que as pessoas acreditavam. Sem evidências de crimes, a aplicação da lei se limitava ao que poderia ser legamente investigado. Por conta disso, casos como o de Roxem muitas vezes caíam nas brechas do sistema.

Suspirando em resignação, Keri percebeu que, se não houvesse nada extraordinário, não haveria razão para ficar por ali depois das cinco.

Ela fechou os olhos e viu a si mesma, a menos de uma hora dali, em sua casa flutuante, *Sea Cups*, servindo-se três dedos—tudo bem, quatro—de Glenlivet e comendo uma sobra de comida chinesa enquanto assistia a alguns episódios repetidos de Scandal. Se aquela terapia personalizada não funcionasse, ela poderia acabar no sofá do Dr. Blanc, uma alternativa nada atraente.

Keri havia começado a guardar seus arquivos do dia quando Ray apareceu e se sentou na cadeira do outro lado da grande mesa que eles dividiam. Ray era oficialmente o Detetive Raymond “Big” Sands, seu parceiro há quase um ano e seu amigo há quase sete.

Ele combinava com o apelido em todos os sentidos. Ray (Keri nunca o chamava de “Big”—ele não precisava ter o ego acariciado) era um negro de 1,93m e 104 quilos, com a cabeça raspada, um dente inferior lascado, uma barba muito bem aparada e uma tendência a vestir camisas muito pequenas para ele, apenas para enfatizar seu tamanho.

Aos quarenta anos, Ray ainda lembrava o boxeador medalhista olímpico de bronze que fora aos vinte anos e o desafiante profissional dos pesos pesados, com recorde de 28 vitórias, 2 empates e uma derrota, que ele fora até os 28 anos. Foi quando um canhoto dez centímetros mais baixo que ele tirou seu olho direito com um gancho forte e deu fim a toda a carreira. Ele

usou um tapa-olhos por dois anos depois daquilo, mas não gostou do desconforto e finalmente pôs um olho de vidro, que acabou funcionando.

Como Keri, Ray havia entrado na polícia mais tarde do que a maioria, quando buscara um novo propósito para a vida ao trinta e poucos anos. Ele havia galgado níveis mais altos rapidamente e agora era um detetive sênior da Divisão Pacífico na Unidade de Pessoas Desaparecidas, mais conhecida como MPU, sua sigla em inglês.

- Você parece uma mulher sonhando com ondas e whisky – ele disse.

- Está tão óbvio assim? – Keri perguntou.

- Sou um bom detetive. Meus poderes de observação são únicos. Além disso, você já falou duas vezes hoje dos seus planos incríveis para a noite.

- O que eu posso dizer? Estou atrás dos meus objetivos, Raymond.

Ele sorriu, e seu único olho revelou um calor que seu tipo físico escondia. Keri era a única pessoa que podia chama-lo por seu nome. Ela gostava de misturar esse com outros títulos, menos bajuladores. Ele também fazia muito isso com ela.

- Escute, senhorita Sunshine, talvez seria melhor você gastar os últimos minutos do seu trabalho vendo como anda o caso Sanders com a CSU ao invés de ficar sonhando com seus drinks vespertinos.

- Drinks vespertinos? – Ela disse, fingindo estar ofendida. – Não é vespertino se eu começar depois das cinco, Gigante.

Ele estava prestes a responde-la quando o telefone tocou. Keri atendeu antes que Ray pudesse dizer algo e mostrou a língua para ele, brincando.

- Divisão Pacífico de Pessoas Desaparecidas. Detetive Locke falando.

Ray também entrou na linha, mas não disse nada.

A mulher no telefone parecia jovem, vinte e tantos ou trinta e poucos. Antes mesmo que ela dissesse porque estava ligando, Keri notou preocupação em sua voz.

- Meu nome é Mia Penn. Eu moro perto da Dell Avenue na Venice Canals. Estou preocupada com minha filha, Ashley. Ela deveria ter chegando em casa da escola até três e meia. Ela sabia que eu iria leva-la ao dentista para uma consulta às quatro e cinquenta. Ela me mandou uma mensagem antes de sair da escola, às três, mas não está aqui e não está respondendo minhas mensagens e ligações. Não é algo que ela faz. Ela é muito responsável.

- Senhora Penn, Ashley dirige ou caminha até em casa? – Keri perguntou.

- Ela caminha. Ela está no décimo ano—tem quinze anos. Ainda nem começou as aulas de direção.

Kery olhou para Ray. Ela sabia o que ele iria dizer e não poderia discutir àquela altura. Mas algo na voz de Mia Penn a chamou atenção. Ela queria pedir a ele para dispensar o protocolo, mas não conseguiu pensar em uma razão consistente.

- Senhora Penn, aqui é o Detetive Ray Sand. Estou na linha em conferência. Quero que você respire fundo e me diga se sua filha já chegou tarde outras vezes.

Mia Penn respondeu, ignorando a parte da respiração profunda.

- Claro – ela admitiu, tentando esconder a irritação em sua voz. – Como eu disse, ela tem quinze anos. Mas ela sempre me manda mensagem ou liga quando não vai chegar em uma hora ou menos. E nunca se atrasou quando tínhamos planos.

Ray não olhou para o que ele sabia que seria o olhar de desaprovação de Keri.

- Senhora Penn, oficialmente, sua filha é menor de idade e as leis de pessoas desaparecidas não se aplicam como para os adultos. Nós temos mais autoridade para investigar. Mas falando honestamente com você, uma adolescente que não está respondendo as mensagens da mãe e não chegou em casa menos de duas horas depois do fim da aula—não é algo que nos faça lhe dar a resposta que você está esperando. Até esse ponto, não tem muita coisa que possamos fazer. Em uma situação assim, o melhor a fazer é ir até a polícia e prestar uma queixa. Você deveria fazer isso. Não há nada errado nisso e poderia apressar as coisas se nós precisarmos investigar.

Houve um longo silêncio antes que Mia Penn respondesse. A voz dela teve um tom que não tivera antes.

- Quanto tempo eu tenho que esperar até você investigarem, Detetive? – Ela perguntou. – Mais duas horas são o suficiente? Tenho que esperar até escurecer? Até ela não estar em casa pela manhã? Aposto que se eu fosse—

Seja o que for que Mia Penn iria dizer, ela parou, como se soubesse que nada que dissesse poderia ser produtivo. Ray estava prestes a responder, mas Keri levantou a mão e o olhou como se disse “deixe que eu cuido disso”.

- Escute, senhora Penn, aqui é a Detetive Locke novamente. Você disse que vive em Canals, certo? Fica no meu caminho para casa. Me dê seu e-mail. Vou te mandar um formulário de pessoas desaparecidas. Você pode

começar preenchendo isso e eu vou passar por aí para ajuda-la a termina-lo e coloca-lo no sistema. Pode ser?

- Pode sim, Detetive Locke. Obrigada.

- Sem problemas. E, ei, talvez Ashley esteja em casa quando eu chegue aí e eu possa dar a ela um sermão sobre como manter sua mãe bem informada—sem custos.

Keri pegou sua bolsa e suas chaves, preparando-se para ir até a casa de Penn.

Ray não disse nada quando eles desligaram. Ela sabia que ele estava olhando, mas se recusou a encara-lo. Se ele a olhasse, seria *ela* quem levaria um sermão, e ela não estava afim.

Mas aparentemente Ray não precisou do contato visual para falar.

- Canals não fica no caminho da sua casa.

- Fica só um pouco fora da rota – ela insistiu, sem olhar para ele. –

Então, vou ter que esperar até seis e meia para voltar à marina e encontrar Olívia Popeye e seus amigos. Sem problemas.

Ray inclinou-se para trás em suas cadeira.

- É um problema sim. Keri, você já é detetive há quase um ano. Eu gosto de ter você como parceira. E você está fazendo um excelente trabalho, mesmo antes de ganhar seu escudo. O caso Gonzales, por exemplo. Acho que eu não teria resolvido e acho que estaria investigando aqueles casos décadas a mais do que você. Você tem um tipo de sexto sentido para essa coisas. Por isso usamos você como recurso outras vezes. E é por isso que você tem potencial para ser uma excelente detetive.

- Obrigada – ela disse, sabendo que ele não havia terminado.

- Mas você tem uma grande fraqueza que vai te arruinar se você não melhorar. Você tem que deixar o sistema funcionar. Ele existe por uma razão. Setenta e cinco por cento do nosso trabalho se resolve sozinho nas primeiras vinte e quatro horas sem nossa ajuda. Nós precisamos deixar as coisas acontecerem e nos concentrarmos nos outros vinte e cinco por cento. Se não, nós acabamos nos atrapalhando. Nos tornamos improdutivos, ou pior—contraprodutivos. E aí estaremos traindo pessoas que realmente precisam de nós. É parte do nosso trabalho escolher nossas batalhas.

- Ray, não estou começando um alerta pela cidade nem nada. Só vou ajudar uma mãe preocupada a preencher uns papeis. E, de verdade, fica só a quinze minutos do meu caminho.

- E.... – Ele disse sabendo o que viria.

- *E* havia algo na voz dela. Ela estava escondido algo. Só quero falar com ela olho a olho. Pode não ser nada. E se não for, eu saio.

Ray balançou a cabeça e insistiu mais uma vez.

- Quantas horas você perdeu com aquela criança sem teto em Palms que você tinha certeza que tinha sumido, mas não tinha? Quinze?

Keri encolheu os ombros.

- Melhor prevenir do que remediar – ela disse.

- É melhor estar empregada do que ser dispensada por uso indevido de recursos do departamento – ele respondeu.

- Já passou das cinco – Keri disse.

- E daí?

- Passou minha hora. E aquela mãe está esperando por mim.

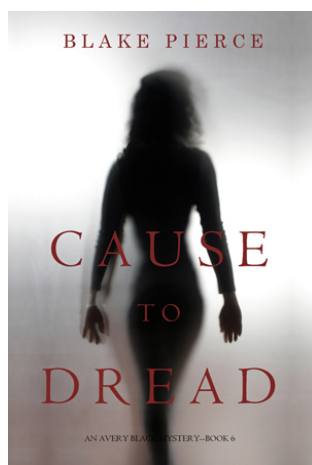
- Como se você nunca passasse da hora. Ligue para ela, Keri. Diga a ela para enviar os formulários por e-mail quando terminar. Diga a ela para ligar se tiver alguma pergunta. Mas vá para casa.

Keri fora paciente tanto quanto pudera, mas até onde sabia, a conversa havia terminado.

- Vejo você amanhã, Senhor Limpinho – ela disse, apertando seu braço.

Ao seguir para o estacionamento em direção a seu Toyota Prius prata de dez anos, Keri tentou se lembrar do caminho mais rápido até a Venice Canals. Ela havia sentido um senso de urgência que não tinha entendido.

E não tinha gostado.



UNA RAZÓN PARA ATERRARSE (Un misterio de Avery Black—Libro 6)

«Una historia dinámica que te atrapa desde el primer capítulo y no te deja ir.»

--Midwest Book Review, Diane Donovan (sobre Una vez desaparecido)

Del autor exitoso de misterio Blake Pierce llega una nueva obra maestra del suspenso psicológico: la serie de misterio de Avery Black, la cual continúa con UNA RAZÓN PARA ATERRARSE (Libro #6). La serie comienza con UNA RAZÓN PARA MATAR (Libro #1), ¡una descarga gratuita con más de 1.000 opiniones de cinco estrellas!

Una mujer aparece muerta en el clóset de su propio apartamento, su cuerpo cubierto de arañas venenosas, lo cual deja a la policía de Boston desconcertada. Dado que todas las pistas han llevado a callejones sin salidas, temen que el asesino vuelva a atacar. Desesperada, la policía no tiene más remedio que recurrir a la detective de homicidios de Boston más brillante y controvertida, Avery Black. Ahora retirada, Avery, en un muy mal momento personal, acepta ayudar a regañadientes. Pero cuando otros cuerpos aparecen muertos, asesinados en formas grotescas e inusuales, Avery no puede evitar preguntarse si un asesino en serie está suelto.

Con la intensa presión mediática y el estrés de tener una nueva compañera sin experiencia, Avery es empujada a su límite mientras lucha por resolver

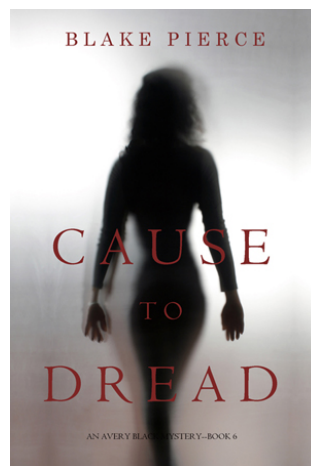
el caso extraño... y mantenerse alejada del precipicio al mismo tiempo.

Avery se encuentra a sí misma metiéndose cada vez más en la mente retorcida del asesino, quien tiene más secretos de los que Avery podría imaginar.

El libro más fascinante e impactante de la serie, un thriller psicológico oscuro con suspense emocionante, **UNA RAZÓN PARA ATERRARSE** te dejará pasando páginas hasta bien entrada la noche.

«Una obra maestra de misterio y suspense. Pierce desarrolló muy bien a los personajes psicológicamente, tanto así que sientes que estás en sus mentes, vives sus temores y aclamas sus éxitos. La trama es muy inteligente y te mantendrá entretenido durante todo el libro. Este libro te mantendrá pasando páginas hasta bien entrada la noche debido a sus giros inesperados.»

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos (sobre Una vez desaparecido)



UNA RAZÓN PARA ATERRARSE
(Un misterio de Avery Black—Libro 6)

Você sabia que eu já escrevi muitos livros de suspense? Se você não leu todas as minhas séries, clique na imagem abaixo para fazer o download do primeiro livro de cada uma!



Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com doze livros (com outros a caminho). Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por oito livros (com outros a caminho); da série AVERY BLACK, composta por seis livros (com outros a caminho), da série KERI LOCKE, composta por cinco livros (com outros a caminho); da série de enigmas PRIMÓDIOS DE RILEY PAIGE, composta de dois livros (com outros a caminho); e da série de enigmas KATE WISE, composta por dois livros (com outros a caminho).

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE JESSIE HUNT

A ESPOSA PERFEITA (Livro #1)

O PRÉDIO PERFEITO (Livro #2)

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE

A PRÓXIMA PORTA (Livro #1)

A MENTIRA MORA AO LADO (Livro #2)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro #1)

SE ELA VISSE (Livro #2)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)

À ESPERA (Livro #2)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

PERSEGUIDA (Livro #5)

A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)

COBIÇADAS (Livro #7)

ESQUECIDAS (Livro #8)

ABATIDOS (Livro #9)

PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)

DESPEDAÇADAS (Livro #12)

SEM SAÍDA (Livro #13)

SÉRIE UM ENIGMA DE MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro #1)

ANTES QUE ELE VEJA (Livro #2)

ANTES QUE ELE COBICE (Livro #3)
ANTES QUE ELE LEVE (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK

RAZÃO PARA MATAR (Livro #1)
RAZÃO PARA CORRER (Livro #2)
RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro #3)
RAZÃO PARA TEMER (Livro #4)
RAZÃO PARA SALVAR (Livro #5)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KERI LOCKE

RASTRO DE MORTE (Livro #1)
RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro #2)
UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro #3)
UM RASTRO DE CRIMINALIDADE (Livro #4)
UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro #5)